

Prospectiva (Frutal).

Universidade de ideias volume 7.

Otávio Luiz Machado (Org.).

Cita:

Otávio Luiz Machado (Org.) (2016). *Universidade de ideias volume 7*. Frutal: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/39>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pVe9/tZ1>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Otávio Luiz Machado (org.)

**Universidade de ideias
volume 7**



Otávio Luiz Machado (Org.)

**Universidade de ideias:
volume 7**

**Frutal-MG
Editora Prospectiva
2016**

∠

Copyright 2016 by Editora Prospectiva

Capa: Jéssica Caetano

Revisão: Os autores.

Edição: Editora Prospectiva

Editor: Otávio Luiz Machado

Assistente de edição: Jéssica Caetano

Conselho Editorial: Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Flávio Ribeiro da Costa, Leandro de Souza Pinheiro, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

Contato da editora: editorapropectiva@gmail.com

Página: <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

Telefone: (34) 99777-3102

Correspondência: Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

Universidade de ideias (volume 7) / org. Otávio Luiz Machado. – Frutal:
Prospectiva, 2016.
360 p.

ISBN: 978-85-5864-051-0

1. Ciências Humanas. 2. Linguagens, Letras, Artes, Comunicação e Design.

I. Machado, Otávio Luiz Machado.

SUMÁRIO

Apresentação.....07

INTRODUÇÃO

Otávio Luiz Machado.....08

**ÁREA DE LINGUAGENS, LETRAS, ARTES,
COMUNICAÇÃO E DESIGN.....09**

**Felicidade para a formação humana: efeito da
memória através dos objetos do cotidiano**

Ana Célia Carneiro Oliveira e Rita de Castro Engler....10

**Volutas agudas e esmeriladas: tensão e repouso na
linguística musical do Barroco Mineiro**

Felipe Novaes Ricardo.....40

O discurso do trágico nas capas dos jornais de Frutal-MG: a construção da violência e da morte nas manchetes de primeira página

Regina Papadopoulos Temporin e Rodrigo Daniel Levoti Portari.....80

Literatura, mídia, cultura e imaginário

Marcelo Pessoa.....105

A influência dos espaços de fabricação digital na carreira do designer de produto

Daphny Hellen, Marcondes Chaves e Caroline Pagnan.....172

Apontamentos sobre a pesquisa em Design

Marcelina das Graças de Almeida.....207

ÁREA DE HUMANAS.....229

Práticas de oralidade nos anos iniciais do ensino fundamental

Elaine Kendall Santana Silva e Nataniele Fernandes dos Reis.....230

Docência universitária: investigando as concepções dos docentes sobre o “bom professor”

Natália Rossin Millan.....270

Ao "perdedor", as batatas (!) : ações educativas de uma elite docente

Douglas Tomácio e Paulo Geovane.....301

Engenheiros sem Fronteiras – Núcleo Divinópolis

Danusa de Oliveira Gontijo, Hebert Medeiros Gontijo, Lidiane Gontijo de Melo, Sabriny Oliveira de Souza e Thalys Wilson Franco Faria.....324

A edição de obras universitárias na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em Frutal-MG

Otávio Luiz Machado e Jéssica Silva Caetano.....350

APRESENTAÇÃO

Com o sétimo volume da coletânea **Universidade de Ideias** consolidamos o nosso trabalho que foi construído a partir do projeto **Repositório Digital da UEMG** em Frutal-MG.

A satisfação em produzir uma experiência que marca a universidade e a torna parte da história é algo significativo, pois queremos que tais iniciativas sempre sejam lembradas como um diferencial daqueles que se dedicaram a construir uma universidade melhor.

Nesse momento não é mais possível agradecer nominalmente todos que colaboram com essa empreitada, mas é fundamental ressaltar que seus nomes estão registrados ao longo do trabalho.

Boa leitura!

O Editor

INTRODUÇÃO

O atual volume do trabalho traz contribuições da área de Linguagem, Letras, Artes, Comunicação e Design e das mais diversas áreas das Ciências Humanas.

São trabalhos bem instigantes e que contribuem para o avanço do conhecimento nas suas respectivas áreas.

Também publicamos nesse número um pouco da experiência de edição das obras fruto de produção científica da UEMG e de outras instituições, principalmente para documentar o trabalho realizado e produzir reflexões para os que se interessam em enveredar pelos caminhos da popularização da ciência e da divulgação científica.

Professor Otávio Luiz Machado (UEMG)

**ÁREA DE
LINGUAGENS,
LETRAS, ARTES E
COMUNICAÇÃO**

FELICIDADE PARA A FORMAÇÃO HUMANA: EFEITO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS DO COTIDIANO

Ana Célia Carneiro Oliveira¹
Rita de Castro Engler²

RESUMO: Em uma composição conceitual da teoria da felicidade ligada ao tangível e intangível do universo do design emocional, busca-se investigar e explorar o comportamento dos objetos do cotidiano, seu desempenho na vida do ser humano e suas concepções no sentido de emoções positivas. Desde a Antiguidade Clássica a felicidade tem sido tema de debates e reflexões filosóficas e religiosas. Da mesma forma, na Psicologia Positiva que se dedica a investigação das emoções positivas. Muitas pessoas se cercam de objetos que lhes recordam outras pessoas ou momentos de suas vidas. São os chamados “objetos biográficos”, ou seja, aqueles as pessoas usam ou guardam por muito tempo, e que são suportes para suas lembranças. O cotidiano hoje se empobrece no sentido em que cada vez mais ele está submetido ao mundo dos objetos, em que os sinais de *status* se voltam para as relações, e o valor de troca domina e prende o sentido do uso.

¹ Mestranda em Design, Universidade Estadual de Minas Gerais. E-mail: anaceliadesign@gmail.com

² PhD Gestão de Inovação Tecnológica, Universidade Estadual de Minas Gerais. E-mail: rcengler@uol.com.br

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, onde se pôde relacionar e investigar as diferentes contribuições científicas sobre o tema felicidade para a formação humana. Os objetos ajudam a perpetuar o passado e a construir narrativas a respeito da trajetória de vida daqueles que o preservam. Em meio a esta reflexão, assistisse a manifestação do novo “ser no mundo”, que se revela num novo individualismo.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade, formação humana, memória, objetos do cotidiano, psicologia positiva.

1. Felicidade e psicologia positiva

A felicidade é instalada através das relações dos seres humanos, através de suas ações projetos, assim como nos seus caminhos sociais. Neste sentido é discutido o que buscam acerca da felicidade. A sua concepção parece estar exclusivamente ligada à vivência cotidiana, mas, no entanto esta vivência tem construído um passado e um futuro, ou por outro lado, um conjunto de memórias e um conjunto de esperanças, que podem tornar essas idealizações únicas, Dantas (2012).

Dinheiro não traz felicidade? É possível ser feliz sozinho? As crianças são mais felizes do que os adultos? Alegria, satisfação, prazer e felicidade são a

mesma coisa? A felicidade é a falta da tristeza? Já nascemos felizes ou infelizes? Éramos felizes e não sabíamos? Existem objetos, espaços e lugares que beneficiam a felicidade? O que o cérebro tem a ver com a felicidade... Afinal, o que é a felicidade e o que nos torna mais felizes? São respostas a perguntas como essas que a Psicologia Positiva³ vem buscando desde o início da década de 1980. Apesar de a Psicologia Positiva ter se consolidado como campo de pesquisa e atuação profissional há bem pouco tempo, o estudo da Felicidade é muito anterior a ela.

A felicidade é um dos temas mais antigos de reflexão. António Damásio refere-se a esta como a “consciência privada de uma emoção”. Se procurarmos na filosofia, vamos encontrar vastas reflexões de Epicteto, Epicuro, Séneca, Aristóteles e Santo Agostinho sobre a felicidade humana. Nos anos 90, do século passado, o tema faz jus a um particular interesse junto de alguns investigadores e ensaístas. Falamos especificamente do movimento da

³A Psicologia Positiva é, portanto, o estudo científico das potencialidades e das virtudes que habilitam os indivíduos, os grupos e as sociedades a viverem de maneira saudável.
<https://angelitascardua.wordpress.com/sobre-mim/psicologia-positiva/>

psicologia positiva, lançado por Martin Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi, psicólogo americano e húngaro simultaneamente.

Desde a Antiguidade Clássica a Felicidade tem sido tema de debates e reflexões filosóficas e religiosas. Da mesma forma, nomes fundamentais da Psicologia – Abraham Maslow, Carl Rogers, Carl Jung, Albert Bandura, Gordon Allport e outros – se dedicaram a investigação das emoções positivas. Portanto, a grande contribuição da Psicologia Positiva não é ter inventado o estudo da Felicidade, mas tê-lo desenvolvido em bases científicas.

Para incluir a pesquisa da felicidade no campo das ciências, a Psicologia Positiva utiliza-se tanto de métodos tradicionais da verificação psicológica quanto do que há de mais avançado no campo das neurociências para o estudo das emoções e do comportamento humano. É dessa forma que a Psicologia Positiva opta pelo caminho da investigação baseada na experiência, respeitando os rigores da metodologia científica e baseando suas análises em dados palpáveis.

Estabelece-se como uma parte da ciência psicológica baseado na confiança de que é possível identificar, compreender, desenvolver, gerar e

aperfeiçoar os mecanismos necessários para viver-se de maneira expressiva e satisfatória. Se entre os principais objetivos da Psicologia Positiva está o conhecimento daquilo que o ser humano em sua trajetória de vida, considera como felicidade é porque, em última instância, isso favorece as condições necessárias para que eles possam viver uma vida plena a partir de suas próprias escolhas. Para escolher é preciso conhecer as possibilidades, e a Psicologia Positiva tem realizado muitas descobertas sobre o que é possível em termos de felicidade. Algumas descobertas se aproximam do saber do social, outras dos ensinamentos filosóficos, algumas das tradições religiosas, mas muitas têm declarado o quão pouco o ser humano sabia sobre o que tanto deseja: a Felicidade!

A partir do início do século XXI, os resultados das pesquisas da psicologia positiva, sobre emoções e bem-estar, começam a ser aplicados pelos pesquisadores do design em novas abordagens de desenvolvimentos de produtos. O objetivo é projetar novos artefatos com a intenção de despertar, ou evitar, determinadas emoções durante a influência recíproca com as pessoas. Tal critério de

desenvolvimento de produtos foi nomeado de design emocional (NORMAN, 2008).

Nessa proposição, os designers avaliam as experiências emocionais, estéticas e de significado que existem nas interações com produtos a fim de melhorá-las. Nos últimos cinco anos os designers começam a sugerir formas de se desenvolver produtos que contribuam para a felicidade individual e coletiva a fim de conferir maior propósito e significado à vida das pessoas, (TONETTO e COSTA, 2011; HEKKERT, 2006; SELIGMAN, 2000; DESMET, 2011). Essas novas abordagens do design têm como propósito favorecer o pensamento positivo, contribuir para a felicidade pessoal, diminuir o consumo insustentável e com isso favorecer a sustentabilidade.

Sabe-se que a sustentabilidade visa atender as necessidades atuais de sobrevivência e de coexistência dos seres humanos sem comprometer as necessidades de sobrevivência e coexistência de seus descendentes no futuro. Quando os designers concebem o desenvolvimento de novos bens materiais com caráter sustentável é fundamental difundir um extenso e acessível olhar sobre a felicidade. Ela hoje é uma das principais variáveis

para a avaliação da sustentabilidade das nações por intermédio da utilização de indicadores econômicos que avaliam seu progresso genuíno, (VEIGA, 2010; DESMET e POHLMAYER, 2013).

É importante para os designers incorporar como o conceito de felicidade está sendo tratado pelos pesquisadores da psicologia positiva.

2. A superioridade do objeto de consumo em massa

O cotidiano hoje se empobrece no sentido em que cada vez mais ele está subordinado ao mundo dos objetos, em que os sinais de *status* se voltam para as relações, e o valor de troca domina e prende o sentido do uso. Nessa perspectiva o cotidiano se apresenta como o lugar dos sinais repetitivos e da uniformidade e homogeneidade de usos, formas, comportamento, valores, etc. Tudo programado pelo capitalismo e pela estratégia estatal que estabelece o cotidiano (modo de morar, vestir, como e onde despendem as horas de folga e lazer) tratando de suprimir a diferença. O ritmo da vida cotidiana é marcado pelas táticas da reprodução das relações

sociais, pela compra e venda, pela reflexão no espaço.

“Numa sociedade de consumidores – um mundo que avalia qualquer pessoa e qualquer coisa por seu valor como mercadoria -, são (subclasse) pessoas sem valor de mercado; são homens e mulheres não comodificados, e seu fracasso em obter o status de mercadoria autêntica coincide com seu insucesso em se engajar em uma atividade de consumo plenamente desenvolvida. São consumidores falhos (...).” (BAUMAN, 2008, p.157 e 158).

Karl Marx inicia O Capital: “a riqueza da sociedade na qual domina o modo de produção capitalista se apresenta como um enorme acúmulo de mercadorias e a mercadoria individual como a forma elementar de riqueza”. Para Marx, o fetiche da mercadoria deriva do fato de que ela reflete para os homens o caráter social de seu próprio trabalho. O objeto parece assim como figuras autônomas dotadas de vida própria em relação e, em relação aos homens. No mundo moderno essa situação alcançou o seu limite. “O objeto se desvinculou em relação ao sujeito determinando as relações entre as pessoas,

invadindo o cotidiano e produzindo o que Granou chamou de reino da mercadoria”. (GRANOU, 1975, p. 58). Nessa situação o mundo do objeto unificouse, mas não sem implicações. Na sociedade de consumo passa-se definitivamente da cultura da escassez, baseada na limitação das necessidades, para a da fartura, esta constituída pela multiplicação dos objetos e na intensidade do consumo, onde o homem passa a ser visto e pensado enquanto simples consumidor, apagando-se a ideia do homem criativo e feliz substituído pela imagem do consumidor. Isto porque a ampliação da base econômica da sociedade requer a fartura dos objetos produzidos com um tempo de vida cada vez menor. Aqui até a origem ligada à memória se apaga. O objeto não tem passado, existe uma espécie de ilusória independência do objeto como se não possuísse história. Antigamente, havia uma amarração entre o produtor e seu produto. Hoje ele emerge pronto imediato, “caído do céu”.

Segundo Granou, no mundo atual,

(...) fechado, onde a produção do capital enche todo o espaço social, o modo de vida reduz-se a este incrível consumo de mercadorias duas

vezes consumidas sendo que a primeira na imagem que impõe o capitalismo e a segunda no uso do objeto-mercadoria. Mas também duas vezes alienantes: a primeira, na imagem da mercadoria que cria a ilusão de que ao apropriar-se desta mercadoria o indivíduo se realiza, quando, na verdade, apenas se despersonaliza; a segunda vez, quando adquire um objeto-mercadoria que apenas o deixa insatisfeito, pois quer ser diferente, não é gozar com o uso dos objetos, mas, apropriar-se constantemente das imagens-objetos mercadorias com a qualidade ilusória de objetos diferente (GRANOU, 1975, p. 58).

Por sua vez, a mídia se investe na vida cotidiana como programação intensa de todos os comportamentos. Ao ajustar-se ao objeto o indivíduo se realiza e se impõe socialmente ao outro. Na realidade, esconde-se o fato de que o que ocorre é que o sujeito se anula. O que se produz é o mundo do espetáculo inalterável, da celebração do objeto que envolve o homem num ambiente saturado de objetos que acaba provocando a imobilidade e a seu reprimido. O triunfo do objeto faz desaparecer o

homem isto é, na exaltação do objeto, o homem torna-se ausente e aí o objeto aparece como sujeito.

No universo do objeto produzem-se relações sociais que a extrapolem, mas que a colocam no centro do processo de realização da reprodução das relações sociais. Ao longo do tempo, a produção de um conjunto de relações sociais que ultrapassa, efetivamente, a produção englobando todas as relações sociais fora da fábrica, criou a sociedade de consumo e, para tanto revolucionou o modo de vida, produziu valores, uma cultura de massa, transformou as relações familiares, sobrepondo-se e redefinido as relações entre as pessoas.

Jean Baudrillard (1990) chama atenção para o fato de que as coisas se acumulam até o interminável, potencializam-se e sobrepondo-se à sua profundidade numa escalada até aos extremos, esse lado exprime-se numa forma estática, o objeto seduz, sedução que se cumpre no ter, mas não como o despertar de sensações mais intensas que diminui das coisas a sua qualidade subjetiva para se entregar ao poder dos efeitos provocados.

O prazer surge da posse, aprisionados no ter pela forma independente de seu conteúdo ou pela simples posse/ostentação na multiplicação crescente

das suas qualidades formais que mistificam ou cultuam o objeto. Assim, o exagero dos valores deve produzir as implicações individuais e a ligação entre os homens num mundo onde o efêmero se impõe e, onde as referências como consequência, se destroem num mundo onde os fingimentos estão em toda a parte.

O cotidiano delineado e povoado de objetos que se amontoam diante do sujeito. É inegável que o ser humano vive um momento da história da humanidade, com novo modo de vida, novas formas de organização do tempo, novo modo de consumo, um modelo de comportamento, uma mudança cultural generalizada — que privilegia as coisas em favor do homem —, que construiu novas formas efêmeras, aparentemente, acabadas. Assistisse a emergência do novo “ser no mundo”, que se revela num novo individualismo. Novos comportamentos ligados à constituição do império do objeto.

Reflete-se sobre o homem estar alienado de si mesmo, manipulado, preso a um consumo planejado que separa o ele do outro, fechado em sua natureza pessoal. Nesse quadro, o homem consumidor, por excelência, pode ser parte integrante da massa.

Na questão da construção desta nova individualidade, a cultura de massa acaba por desempenhar um papel fundamental, pois reforça as pressões sociais sobre o indivíduo ao impor modelos de imitação coletiva, o que acaba por fragmentar o homem. Derrubam-se convenções, costumes, crenças, para, em seu lugar, construir o vazio e, nesse sentido o cotidiano também acontece com ausência e presença ilusórias, instalado no vazio. Onde a ideia de felicidade pode se reduzir a banalidade.

3. Felicidade dos idosos

A pertinência do tema da felicidade dos idosos justifica-se tanto pela sua atualidade uma vez que está relacionado com o envelhecimento da população, quanto pelo fato de se apresentar como uma linha de reflexão com poucas conclusões no campo das ciências sociais e humanas. Para uma melhor análise do pensamento, procurou-se uma definição de felicidade:

Experiência de plenitude, satisfação resultante da obtenção daquilo a que o sujeito tendia ou que aspirava. Esta parece ser a concepção geral

de felicidade, que está na base das inúmeras definições apresentadas pelos diferentes autores [...] É um facto amplamente confirmado pela experiência que nem sempre a obtenção daquilo que se desejou traz felicidade. Tal facto põe em evidência algo importante: há pseudo-felicidades, podendo o homem enganar-se acerca da verdadeira [...] A inteira vida humana desenrola-se sob o signo da felicidade (como móbil, não necessariamente como motivo) de todas as actuações individuais e colectivas ao longo dos tempos [...] Segundo o pensamento de inspiração cristã – com o qual coincidem outras concepções religiosas e filosóficas – a felicidade plena será ultraterrena [...] (um tema abundantemente desenvolvido por Santo Agostinho) e sobrenatural (superando as capacidades e exigências naturais do homem). (CABRAL, PP.475-477).

É importante compreender como se constroem as suas representações a cerca da felicidade, tendo em conta as narrativas de si, num contexto de perda

de autonomia, perda de papéis e de vínculos sociais. “Aquilo que um ser humano precisa para viver feliz varia consideravelmente com a personalidade, circunstâncias socioculturais, idade e recursos materiais” (DAMÁSIO, 2003, P. 301). Foram estes constrangimentos que nos alertaram para as questões levantadas pelo tema da felicidade. A idade parece apresentar-se como um constrangimento importante da felicidade (figura 1). No entanto, se a juventude fosse garantia de felicidade, todos os jovens seriam felizes e todos os idosos seriam infelizes.



Figura 1: Idosos - feliz e infeliz.
Fonte: <https://br.pinterest>.

Entende-se a felicidade como sentimento. Os sentimentos são percepções e nesse sentido são comparáveis a outras percepções, como por exemplo, as percepções visuais. Nas percepções visuais, o

estado das retinas altera-se em função de objetos exteriores ao corpo. “Enquanto percepções, os sentimentos também têm um objeto imediato que origina uma serie de sinais dentro do cérebro” (DAMÁSIO, 2003, p.108). Segundo ele, aqui reside à importância dos sentimentos, estes desempenham um papel importante na conduta social, fazendo por isso parte daquilo que somos pessoal e socialmente.

A felicidade é construída através das relações dos indivíduos, nas suas ações e projetos, bem como nas suas trajetórias sociais. Neste sentido questiona-se o que imaginam estes atores sociais acerca da felicidade.

Muitos idosos se cercam de objetos que lhes recordam pessoas ou momentos de suas vidas. São os chamados “objetos biográficos”, ou seja, aqueles que homens e mulheres usam ou guardam por muito tempo, com muito carinho, e que são suportes para suas lembranças. Ou seja, são objetos que ajudam a perpetuar o passado e a construir narrativas a respeito da trajetória de vida daqueles que o preservam. Em muitas famílias, há receitas que são passadas de geração para geração.

Entre o concreto dos bens materiais, e o abstrato do intangível e dos bens emocionais,

nenhum idoso tem projetos de vida que não se reportem ao passado ou a situações sobre as quais não têm qualquer poder direto em concretizar. Entende-se como projetos de vida algo que se desenha mentalmente para o futuro e isso têm que ver também com o passado vivido por cada um. Este não pode deixar de estar presente e ter em conta o percurso já percorrido por cada indivíduo. No entanto, um projeto para o futuro tem que ser algo que esteja ao alcance de cada um, tem que ser mais do que um simples desejo.

Em relação à realização material, pode-se dizer que está muito presente na nossa sociedade o poder do dinheiro. Ao contrário do que diz o ditado popular, “o dinheiro não traz felicidade”, um inquérito feito recentemente aos residentes nos países europeus mostra que, quanto mais elevados são os rendimentos, maior é a satisfação com a vida, cujos itens podem variar de sociedade para sociedade (PAIS e FERREIRA, 2010, p. 30).

“As memórias de felicidade passada parecem atenuar a infelicidade do presente” (PAIS, 2006, p.152).

“O Homem muda ao longo de toda a sua vida e não esperamos ao longo da existência sempre as

mesmas satisfações. Isto significa que uma «teoria da felicidade» terá que ser desunificada, pluralista, eclética e mutável”(LIPOVETSKY, 2010, p.316).

4. Felicidade das crianças

O século passado, designado o “Século das Crianças”, foi definido pela afirmação do conceito de infância (ARIÉS, 1981; BORSTELMANN, 1983). Neste momento, a ciência destacou seu interesse para as crianças como nunca antes visto. A psicologia também acompanhou esse direcionamento.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 lançou o início do que viria a ser um dos maiores avanços legislativos no que tange à infância, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069/1990). O Estatuto prevê que se proporcione o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social das crianças e dos adolescentes (artigo 3º) e a efetivação dos direitos fundamentais referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (artigo 4º).

Preocupada com a vida das crianças em todo o mundo, a ONU, por meio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), vem acompanhando a situação mundial da infância, e a avaliação da situação infantil vêm sendo feita através do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e do IDI (Índice de Desenvolvimento Infantil).

Estudos e pesquisas sobre qualidade de vida vêm sendo realizados por vários profissionais, como psicólogos, sociólogos, economistas, educadores e gerontólogos nas últimas décadas. Destacando-se as pesquisas sobre o papel da família na felicidade de crianças e adolescentes (WAGNER & COLS, 1999; WALSH, 1996) e o lazer na infância (ROCHA & SOUZA, 2012). São raros os estudos que buscam investigar os sentimentos positivos e a forma como as crianças veem suas próprias emoções e sua própria vida.

A área de estudos da felicidade subjetiva propõe um modelo multidimensional de julgamento de felicidade, sendo este composto pelo contentamento de vida e pelos afetos positivos e negativos, na qual, mais especificamente, estão incluídas as respostas emocionais das pessoas, os campos de satisfação de vida (DIENER, SUH &

OISHI, 1997; DIENER, SUH, LUCAS & SMITH, 1999). Tem-se aplicado esse modelo para explicar a felicidade subjetiva da criança. As esferas de felicidade da vida da criança já identificadas são: a vida familiar, a vizinhança, a vida escolar, as amizades, o *self*, as oportunidades de lazer e a cidade (HUEBNER, 1991), ou ainda, mais recentemente, a família, os amigos, a escola, o ambiente onde vive e o *self* (HUEBNER, 1994).

A felicidade, segundo as crianças, é vinculada às oportunidades de passeio, de viagem, de brincadeira, às atividades físicas, enfim, às atividades divertidas representadas pelas imagens (figura 2). Sendo assim de fundamental importância para a realização de um sentimento de felicidade a possibilidade de vivenciar momentos de diversão e de quebra da rotina. Nesta questão, as categorias lazer e brincar emergem em nível de importância, no qual o brinquedo além do valor cognitivo, físico e social, se torna também motivo da felicidade da criança.



Figura 2: Jogos e Brinquedos do mundo: colagens organizadas por marcos Teodorico Pinheiro.

Fonte: Pinturas e Imagens de Crianças Brincando. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+crianças+brincando>, acessado em 10 de maio de 2016.

De acordo com a autora KISHIMOTO (1994) o brinquedo é representado como um "objeto suporte da brincadeira", ou seja, brinquedo aqui estará concebido por objetos como piões, bonecas, carrinhos etc. Os brinquedos podem ser considerados: estruturados e não estruturados.

São designados de brinquedos estruturados aqueles que já são adquiridos prontos, é o caso dos piões, bonecas, carrinhos e tantos outros. Os brinquedos chamados não estruturados são aqueles que não sendo industrializados, são simples objetos como paus ou pedras, que nas mãos das crianças adquirem novo significado, passando assim a ser um brinquedo, pedra se altera em comidinha e o pau e transforma em um cavalinho. Desse modo, os brinquedos podem ser estruturados ou não estruturados dependendo de sua origem ou da alteração criativa da criança sobre o objeto.

Segundo Walter Benjamin, os brinquedos estimulam as formações do social, são objetos que revelam em sua forma os traços da cultura em que se inscreve. A infância contemporânea apresenta traços que nos remetem a pensar acerca do que se encontra destruída no brincar, hoje.

Das bonecas de porcelana às *Barbies*, podemos caminhar pela história dos brinquedos que na contemporaneidade tende a ser diluída, globalizada, promovendo esquecimentos (HUYSSSEN, 2000). A memória do brincar, hoje, encontra-se apagada pelo exagero de estímulos oferecidos constantemente, em um ritmo acelerado.

O desejo do objeto eleva pequenos brinquedos à extrema importância, para dali a alguns dias serem trocados por outros, novas variantes *tecno*. O brinquedo como bem marca Benjamin, refletem esta mudança. Transformam-se em “brinquedos em série”. As crianças, ao brincar, situam-se na dimensão do sonho, do devaneio, como Freud apontava (FREUD, 1973). Hoje, este sonho encontra-se caracterizado pelas imagens e palavras que aderem sua vida no compromisso da felicidade em um biscoito, do prestígio em uma *Monster High*, fazendo com que traços que seriam unificados pela história familiar e cultural passem a serem objetos de consumo. Estes objetos que propiciam à criança o contato, a construção e a desconstrução, produzem mais felicidade à criança do que os brinquedos plastificados, até hoje. É comum a observação de que quando uma criança pequena recebe de presente um brinquedo, muitas vezes interessa-se mais pela caixa do que por este. No escrito *Brinquedos e jogos*, Benjamin analisa a repetição intrínseca ao brincar: “Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada a torna mais feliz do que o “mais uma vez”... Para ela, porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes.”

A memória do brincar, hoje apagada pelo excesso do oferecimento de objetos às crianças, pode ser resgatada através de novas vias narrativas culturais tangíveis e intangíveis do design emocional. É através de sua transmissão que o brincar pode manter seu lugar de significados entre a criança e seu mundo.

5. Considerações finais

A felicidade é um sentimento que vai além da experiência individual, reúne uma dimensão coletiva de espaço e de tempo. É uma construção social através dos objetos do cotidiano que um ser humano precisa para viver feliz, o que pode variar de acordo, com as posições socioculturais, idade e recursos materiais. As emoções positivas que se denomina felicidade representam as interpretações das próprias pessoas sobre os eventos que ocorrem em suas vidas.

O movimento da Psicologia Positiva vem recebendo mais admiradores no contexto da pesquisa científica brasileira. Pesquisas interessadas em aspectos positivos da vida, em especial, nas questões positivas da velhice e da infância ainda são insignificantes, dados os problemas e desafios que o

país enfrenta no que diz respeito a essa parcela da população brasileira. Todavia, empenhos em pesquisa sobre a felicidade dos idosos e das crianças podem trazer à tona fatores importantes na formação humana, visto que felicidade não se resume a evitar a fome, a solidão, a violência, etc. Felicidade também inclui viver bem e sentir-se bem.

A memória aproxima, faz mover e retroceder o tempo. É no campo do afetivo, emoções positivas, que se permite ao passado aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se prende no atual e conserva a intensidade do presente.

Os objetos ajudam a perpetuar o passado e a construir narrativas a respeito da trajetória de vida daqueles que o preservam.

Em meio a esta reflexão, assistisse a emergência do novo “ser no mundo”, que se revela num novo individualismo. Novos comportamentos ligados à constituição do domínio do objeto.

Referências bibliográficas

ARIÉS, P. (1981). **História social da criança e da família** (2ª ed.) (D. Flaksman, trad.) Rio de Janeiro: Zahar (Original publicado em 1975).

BAUDRILLARD, Jean. **Estratégias Fatais**. Lisboa: Editorial Estampa, 1990, p. 100.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, SP, Ed. 34, 2002.

BORSTELMANN, L. (1983). **Children before psychology: ideas about children from antiquity to the late 1800s**. Em P. H. Mussen (Ed. Series) & W. Kessen (Ed. Vol.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1*, (4ª ed.) (pp. 1-40). Nova Iorque: John Wiley/Sons.

CABRAL, Roque. “**Felicidade**”, Enciclopédia Logos, volume 2, pp.475-477.

DANTAS, Ana Roque (2012), **A Construção Social da Felicidade**, Lisboa: Edições Colibri.

DIENER, E., & Suh, E. (1997). **Measuring quality of life:** economic, social, and subjective indicators. *Social Indicators Research*, 40, 189-216.

DIENER, E., SUH, E., & OISHI, S. (1997). **Recent findings on subjective well-being.** *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24, 25-41.

DIENER, E., SUH, E., LUCAS, R., & SMITH, H. (1999). **Subjective well-being:** three decades of Progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANOU, André. **Capitalismo e modo de Vida.** Porto: Afrontamento, 1975, p. 58.

HUEBNER, E. S. (1991). **Correlates of life satisfaction in children.** *School Psychology Quarterly*, 6, 103-111.

HUEBNER, E. S. (1994). **Preliminary development and validation of a multidimensional life satisfaction scale for children.** *Psychological Assessment*, 6, 149-158.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória,** RJ, Ed. Aeroplano, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

MARX, Karl. **El Capital Tomo I**, vol I, México: Ed. SigloVenteuno, 1984, p. 43.

NORMAN, Donald. Donald. **Design emocional**. Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de janeiro: Rocco, 2008.

PAIS, José Machado e FERREIRA, Vítor Sérgio, Orgs. (2010), **Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa, Atitudes Sociais dos Portugueses 10**, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Revista Galileu – Notícias – **O segredo da felicidade segundo a ciência**. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI341920-17773,00->

[O+SEGREDO+DA+FELICIDADE+SEGUNDO+A+CIENCIA.html](http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI341920-17773,00-O+SEGREDO+DA+FELICIDADE+SEGUNDO+A+CIENCIA.html). Acesso em 10 maio 2016.

ROCHA, M. A., & SOUZA, L. K. de (2012). **A criança e o tempo liberado da escola**. Manuscrito submetido.

SCARDUA, Angelita Corrêa. **Os sentidos da felicidade**. Disponível em: <https://angelitascardua.wordpress.com/sobre-mim/psicologia-positiva/>. Acesso em 10 de maio de 2016.

SELIGMAN, E. P. M. **Authentic Happiness: Using Positive Psychology to Realization Permanent**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

WAGNER, A., RIBEIRO, L., ARTECHE, A., & BORNHOLDT, E. (1999). **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.

WALSH, F. (1996). **The concept of family resilience: crisis and challenge**. *Family Process*, 35, 261-281.

VOLUTAS AGUDAS E ESMERILADAS: TENSÃO E REPOUSO NA LINGUÍSTICA MUSICAL DO BARROCO MINEIRO⁴

Felipe Novaes Ricardo⁵

RESUMO: Da opulência e riqueza do auge diamantífero e aurífero à decadência das catas, tabuleiros, aluviões e grupiarias; dos opostos estamentais em ininterrupto conflito; das picadas aos *sertões* da capitania à violência fundamental da empresa colonial aos aquilombados e nativos das regiões; do controle régio e o tangenciar fraudulento às leis de *Sua Majestade*; da honra e virtude patrimonialista, esmero da aspereza cidadina, ao delito público. Da *anima* reinol e as incertezas, caminhos e descaminhos das terras d'além mar. Neste cenário de conflitos, observa-se uma produção musical marcada por fraturas e desvios quando em paralelo à

⁴ O presente trabalho é subproduto dos projetos *Acervo Maestro Chico Aniceto: continuação da edição de obras raras e revisão do catálogo segundo as normas do Repertório Brasileiro de Fontes Musicais* (2014/16) e do atual projeto (2016/17) *Edições de obras raras do Acervo Maestro Chico Aniceto: objetos de representações sociais*, desenvolvidos no Núcleo de Acervos da Escola de Música da UEMG sob orientação do prof. Domingos Sávio Lins Brandão; os projetos foram realizados através de financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) que desde já agradeço o incentivo e fomento à pesquisa acadêmica através da concessão de bolsa de iniciação científica.

⁵ Felipe Novaes Ricardo, graduando em música pela Universidade do Estado de Minas Gerais e bolsista PIBIC/UEMG/FAPEMIG; E-mail: f.novaesr@gmail.com.

congênera européia. Diferentemente de desorientações técnicas tais desvios representam estratégias simbólicas à racionalização deste universo contraditório, conflituoso e violento, compondo um corpo de significados e sensibilidades musicais próprias às Minas do barroco.

PALAVRAS-CHAVE: Barroco mineiro; Musicologia; História social da música; Antropologia cultural; Crítica pós-colonial.

Introdução

O setecentos na capitania das Minas Geraes fora marcado por uma multiplicidade de referenciais simbólicos em conflituoso diálogo; contradições socialmente reconhecidas em uma sociedade colonial em instável equilíbrio. Da opulência e riqueza do auge diamantífero e aurífero à decadência das catas, tableiros, aluviões e grupiarias; dos opostos estamentais em ininterrupto conflito; das picadas aos *sertões* da capitania à violência fundamental da empresa colonial aos aquilombados e nativos das regiões; do controle régio e o tangenciar fraudulento às leis de *Sua Majestade*; da honra e virtude patrimonialista, esmero da aspereza cidadina, ao delito público. Da *anima* reinol e as incertezas, caminhos e descaminhos das terras d'além mar.

Neste cenário observa-se uma produção musical marcada por uma lingüística em desvios às normativas europeias, sobretudo às postuladas na harmonia setecentista em Portugal. Fraturas nas concepções estilísticas, quando em paralelo ao mundo europeu, que, diferentemente de desorientações técnicas, representam estratégias simbólicas de racionalização de um mundo contraditório, conflituoso e violento. Para tanto, o presente artigo estabelece um alicerce teórico-argumentativo antropológico, sustentando-se também, na crítica documental pós-colonial, no campo ontológico das representações sociais e no âmbito lingüístico das objetificações à racionalização de um mundo em contínuo inventivo.

Aquela sociedade, marcada pelas contradições do viver e da coexistência de referências diversos, tecia um conflituoso diálogo no qual grupos portadores de modelos diferentes, que em tudo separavam, encontram-se brutalmente confrontados. Neste universo de significados múltiplos em choque as objetificações lingüísticas, próprias as mediações coletivas à racionalização de experiências, operam num sistema de representações e classificações do mundo sob a forma de representações sociais;

singulares ao universo conflituoso, contraditório e violento das Minas, a lingüística musical do barroco mineiro em *tensões e repousos* de uma sociedade marcada em contradições.

A sociedade da Capitania: indícios, redes e significados

Observar esta sociedade, através dos rastros pelos quais a pesquisa documental se vale, é investigar de maneira interpretativa suas características, suas marcas locais e seus fazeres específicos. Neste sentido o direcionamento ao paradigma indiciário de Carlo Ginzburg demonstrase como útil ferramenta. Tal paradigma fornece diretrizes ao olhar interpretativo de uma determinada sociedade distanciada pelo tempo. De acordo com o historiador italiano “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1991, p.177). Estes sinais, disposto ao olhar coetâneo, figuram indícios a interpretação das realidades dispersas naqueles locais, grupos ou fazeres específicos e comuns de imaginários de práticas reconhecidas. Neste sentido as diversas fontes documentais quando observadas,

assumindo tal paradigma, operam dentro de um sistema de significados à interpretação da sociedade que os produziu.

Não obsta ao paradigma indiciário de Ginzburg observar tais sinais como dispersos em um campo vasto de discursos. Atenta-se, também, às características do próprio indício como inscrito em um sistema de significados e tendo seu caráter variável e relativo; quando questionado perde sua evidência, indicando somente um campo complexo de discursos no qual se constrói (FOUCAULT, 1997, p.26). Nesta observância têm-se o indício como um sinal disperso em rede, um nó em um sistema de remissões a outros indício e sinais.

Observam-se, neste campo de significados entrelaçados, os fazeres e práticas de determinados grupos em determinados locais circunscritos na sociedade mineradora da Capitania de Minas Geraes; tendo em vista que este horizonte de discursos se dá nas relações de significação da ação humana. Neste sentido, assume-se como cultura esta rede de significados humanos (GEERTZ, 2008, p.4); teias constituídas de sinais e significados próprios àquela sociedade. Desta maneira tais indícios dispersos em rede, e relativos aos significados específicos também

são, por sua vez, compartilhados em hábitos de linguagens (BLOCH, 2002, p.111); reina uma similitude de técnicas. Estes hábitos de linguagem inscrevem-se num conjunto de convenções compreendidas em representações de certas experiências e coisas culturalmente reconhecidas, ordenadas a uma expressão significativa (WAGNER, 2012, p.252). Neste sentido, a própria constituição dos hábitos de linguagem opera, de acordo com o autor, no “aspecto coletivo da cultura”.

Nesta sociedade, observada e interpretada através de seus indícios, os significados dispersos em suas teias de fazeres compõem um campo vasto de discursos socialmente convencionalizados e reconhecidos, destinados a uma expressão de experiências também culturalmente reconhecidas. Uma maneira de racionalizar o mundo em contínua invenção.

Desta maneira, tendo em vista seus processos singulares de racionalização do mundo, tendem à diferenciações sociais e regionais no âmbito da “objetificação lingüística” (WAGNER, 2012, p.256), uma vez que os contextos nos quais a linguagem é aplicada também são diferenciados social e regionalmente. Os hábitos de linguagem

compartilhados se especificam a maneira daquele determinado grupo de racionalizar o mundo e, como contínuo inventivo, as convenções culturalmente reconhecidas se especificam social e regionalmente ao passos das transformações particulares que operam em cada processo histórico de constituição e configuração social. Desta maneira há uma regionalização das práticas discursivas, tendo como motor o fluxo inventivo daquele mundo culturalmente reconhecido que, por sua vez, também é específico.

A linguagem barroca entre centros e periferias

Neste universo, de práticas partilhadas e reconhecidas, a similitude que reina constrói-se na dessemelhança do pensamento barroco, da ilusão cômica, dos sentidos enganadores (FOUCAULT, 1999, p.70); e neste âmbito operam as concordâncias dos elementos de racionalização. A sociedade da Capitania das Minas, mesmo regionalmente inscrita em processos singulares de leitura e significação, desdobra, em suas próprias criações e invenções, as partículas do barroco. O ponto genético da dobra barroca é a inflexão (DELEUZE, 1991, p.29) que

curva e recurva aos tecidos de significados desta sociedade, possibilitando resultados múltiplos de sensibilidades que viabilizaram “uma forma de se criar e conceber” (BRANDÃO, 2000, p.13) em Minas o barroco. Neste sentido esta lingüística ressoava à intencionalidade das dobras e curvaturas, dos sentidos enganadores e das metáforas e alegorias que definem o espaço poético da linguagem (FOUCAULT, 1999, p.70) barroca, contudo inscritas em contextos singulares e específicos às geografias humanas de significados dispersos nesta teia local.

Ao delinear limites repertoriados - recortes arbitrários “num conjunto indefinidamente móvel” (FOUCAULT, 1999, p.69) - referentes à sociedade inscrita na Capitania das Minas, relacionado-os à classificações dos processos históricos e suas características posta em paridade aos do continente europeu, compreende-se uma sociedade inscrita em períodos mais ou menos irregulares. Certamente, se algum, ou muitos destes indícios repertoriados, deixam de corresponder a certa área de fatos observados, isto ocorre devido à constituição do modelo, sendo este “deduzido e estendido para fora, e não construído por indução” (WAGNER, 2012, p. 20).

Operam através da ação de racionalização e representação do mundo em constructos de significados os elementos lingüísticos inseridos em realidades específicas às socialmente reconhecidas àquela sociedade do barroco em Minas. Para produzir significado as convenções de uma linguagem operam mediante alguma inter-relação de fala (WAGNER, 2012, p. 254), e sendo os agentes desta localidade não somente os de tradição européia, a expressão significativa da fala e, sua produção de significados, engendra lógicas discursivas não européias.

Observar o território colonial, e cada uma de suas regiões, como centros e periferias “num xadrez de estratégias indentitárias” (NERY, 2004, p.14) é observar que a constituição destas malhas de significados não se dá exclusivamente pela transplantação de lógicas discursivas de uma localidade à outra, e neste sentido, a cultura, como resultado das práticas e concordâncias destas localidades, também figura um xadrez de significantes locais. Neste sentido, a observância à determinada localidade, através de lógicas discursivas externas àquela que permeava as relações

de fala, elimina do exame crítico dos significados seus processos de constituição singular.

Todavia, a expressividade discursiva da lingüística barroca remete a uma função operatória, um *traço* (DELEUZE, 1991, p.13, grifo meu); apesar de circunscritos a falantes específicos os significados particulares de determinado local, e seus processos de constituição através de convencionalização de “experiências e coisas culturalmente reconhecidas” (WAGNER, 2012, p. 252), dão-se em lógicas gerais de uma intencionalidade discursiva. O *traço* operatório barroco.

Estas concordâncias lingüísticas dirigidas às convencionalizações e racionalizações de experiências reconhecidas operam no âmbito de um sistema de percepções e classificações do mundo sob a forma de “representações coletivas” (CHARTIER, 1991, p.183). Concordâncias e desvios regionalmente específicos na constituição de um “ser-percebido” em “estratégias simbólicas” (CHARTIER, 1991, p.183) no espaço lingüístico do qual a música se constrói. Assim, opera na linguagem as representações daquele universo, nos “atos ordinários da vida em sociedade” (WAGNER, 2012, p. 270), em concordâncias lingüísticas próprias à expressão e

reconhecimento deste mundo pelos seus falantes; os indícios desta lógica discursiva barroca como um aspecto da cultura que se percebe representante do “conjunto da vida cultural” (WAGNER, 2012, p. 273).

Conflitos, contradições e violência cotidiana: uma linguagem fundamental

Em viagem à setecentista capitania das Minas o jesuíta Giovanni Antonio Andreoni descreve que por estes caminhos os homens de cabedal que se lançaram à atividade exploratória andavam “sempre acompanhados de tropas de espingardeiros, de animo pronto para executarem qualquer violência e de tomar, sem temor algum da Justiça, grandes e estrondosas vinganças” (ANDREONI, 1711, p.180) e os que da sorte anterior à viagem às terras interioranas da colônia não carregavam nenhum lastro financeiro, tiravam o ouro “não dos Ribeiros, mas dos canudos em que o ajuntavam e guardavam os que trabalhavam nas Catas”, usando de “traições lamentáveis e de morte mais que cruéis” (ANDREONI, 1711, p.180) . Andreoni descreve também a fome e a esterilidade da terra “que dá

Ouro” ao plantio; “não se pode crer o que padeceram ao princípio os primeiros Mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão, sem terem outro sustento”. (ANDREONI, 1711, p.139).

O ex-voto de Agostinho Pereira da Silva, viajante a Minas, mandado fazer em 1749 já em Salvador, narra os descaminhos do reinol de Lamego e o agradecimento a Nossa Senhora dos Remédios pela intercessão e auxílio. Chegando às Minas Agostinho “se meteu ao sertão a busca de fortuna” e nas veredas de sua investida tivera um encontro infortúnio com “uma cobra e acometido de duas medonhas”, ficando naquele mesmo sertão a passar fome e sede “sem esperança de vida”; Agostinho sofrera ainda uma traição que o “quiseram matar os paulistas”. O português⁶, “já desenganado de que morria em uma grande enfermidade sem se poder ter em pé só encostado em uma muleta, com grande chaga em uma perna” (SOUZA, 1997, p.60), roga a santa saúde e que o permita a saída daquele sertão de infortunas.

⁶Ex-voto mandado fazer por Agostinho Pereira da Silva (1749), Salvador; óleo sobre tela. Salvador, Igreja e Mosteiro de São Bento.

Neste cenário de conflitos, escassez de alimentos e destinos incertos nas ribeiras e catas os primeiros assentamentos irregulares e pequenas capelas se ergueram no território centro-sul aurífero da colônia. Os povoados e vilarejos do início da ocupação do território da capitania caracterizavam-se por um comércio feito por “tropas e com concurso dos mascates” (COSTA, 2011, p. 179), contudo já na segunda década do setecentos à estabilidade da atividade extrativista estabeleciam-se e propagavam-se, no fixar mais ou menos errante do colono em *aluviões*, *tabuleiros* e *grupiaras*, os primeiros assentamentos perenes.

No povoado, aos domingos, começou a estruturar-se a vida em comunidade. As pessoas apresentavam-se nas festas religiosas incorporadas às respectivas confrarias e cada qual se esforçava para dar à sua irmandade mais prestígio e brilho. Depois da missa percorriam as casas de comércio e faziam as compras para toda a semana. (COSTA, 2011, p.180)

A conseqüente atração dos reinóis e colonos às áreas de incidência do ouro e, posteriormente, de diamantes⁷ alterara a demografia colonial; em pouco menos de cem anos a população “viu-se decuplicada” (COSTA, 2011, p.178) concentrando cerca de cinquenta por cento do contingente humano na capitania das Minas (COSTA, 2011, p.178). O jesuíta Andreoni registra o fluxo migratório; “cada ano vem nas frotas quantidades de Portugueses, e de estrangeiros, para passarem às Minas” sendo a mistura “de toda a condição de pessoas” (ANDREONI, 1711, p.136). Certamente, no plano político econômico do *sistema colonial mercantilista* tem-se como diretriz geral, além da compreensão da riqueza das nações através da concepção metalista, uma ação de “fomento demográfico” (NOVAIS, 1989, p.61) à garantia do desenvolvimento dos

⁷O anônimo documento *Noticias a respeito das minas de diamantes da Capitania de Minas Gerais*, descreve: “Governando as Minas Geraes D. Lourenço de Almeida, pelos annos de 1727, a 1728, entrarão a apparecer os Diamantes nas vertentes dos Morrinhos, que dezagoão no Rio Pinheiro pela aparte do Poente do Tejuco; sendo em grande quantidade, e de avultado tamanho, serviaõ de brinco aos Negro, que o acharão nas apuraçoens das Canoas do Ouro, e detentos aos Mineiros quando jogaraõ [...]”. ANONIMO. Notícia a respeito das minas de diamantes [...], depois de 1776. Biblioteca Nacional de Portugal – BNP COD. 746, Manuscrito, f.1.

Estados colonizadores através da salvaguarda e reserva de áreas onde “se pudessem por definição aplicar as normas mercantilistas” (NOVAIS, 1989, p.61) das quais a região colonizada representava os meios a auto-suficiência das nações metrópole. Evidentemente, o concurso de novos grupos às regiões auríferas e diamantíferas não se deu exclusivamente de reinóis ou colonos do litoral. Parte intrínseca do *sistema colonial*, a escravidão, como um dos “setores mais rentáveis do comércio colonial” (NOVAIS, 1989, p.98), acrescentara à composição sócio-estamental da região centro-sul o negro escravizado.

De acordo com o delegado da Coroa Martinho de Mendonça no ano de 1734 “os senhores não esperavam conseguir, em média, mais de doze anos de trabalho dos escravos comprados ainda jovens” (COSTA, 2011, p.189). De fato o número de óbitos da população cativa, como explicitados no estudo documental demográfico realizado por Iraci del Nero da Costa na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias nos decênios 1719/28 e 1744/53, apresentam-se correlatos à intensidade da atividade extrativista. Observa-se um aumento dos óbitos ao passo do crescimento da produção e

exportação do ouro na referida freguesia, de acordo com a autora ressalta-se “o estreito liame entre o lineamento do evoluir das defunções de cativos e as quantidades extraídas de ouro” (COSTA, 2011, p.196). Relativo à população livre o número de óbitos também demonstra estreita relação com a atividade econômica. Em primeiro momento da ocupação do território da capitania, decorrente do fluxo migratório e a disputa às regiões auríferas, no decênio 1719/28 registram-se 42 óbitos tendo um crescimento de 1.200% atingindo 543 falecimentos no decênio 1764/73 (COSTA, 2011, p.197). Proporcional, os índices de alforrias contribuíram à inflação do índice de óbitos registrado, devido ao crescimento da população livre.

Aquém dos óbitos nas zonas de extração auríferas e diamantíferas as vilas e povoados registravam também um cenário de conflitos intensos e diários. Registra o auto nº 9.394 do códice 447 disposto no Museu da Inconfidência que no ano de 1735, após ter *razões* em público com o soldado dragão Manuel Francisco Carvalho, a negra cativa Maria Gonçalves fora, pelo soldado, morta por uma estocada de sua espada (SILVEIRA, 1997, p.146). De acordo com o documento o soldado dragão atirou

contra Maria “uma pedra, com o qual a não prejudicou [...] mas logo tirou a espada e, indo em direção à negra, deu-lhe uma estocada de que morreu” (SILVEIRA, 1997, p.146). Decerto, em sociedades escravistas assiste-se um “ininterrupto conflito” (BOSCHI, 1986, p.142) entre os extremos estamentais que a constituem.

Não obstante, às regiões mais afastadas dos pólos extrativistas e das vilas o conflituoso cenário também se tece nas veredas e picadas dos sertões das Geraes. Consta no *Livro Segundo das Cartas que Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antonio de Noronha Capitão General da Capitania de Minas Gerais escreveu durante o seu governo que teve princípio em 28 de maio de 1776 o documento Plano secreto para a nova conquista do Cuieté*⁸, um descritivos de medidas necessárias ao povoamento da região Cuieté. Localizada “no centro do gentio mais feroz que tem esta Capitania”⁹ a região esboçava, no

⁸ A historiada Laura de Mello e Souza transcreve o referido documento disposto na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Divisão de Manuscritos, sob o código 2,2,24 –fls.234v. In: SOUZA, Laura de Mello e. Dom Antonio de Noronha e o Plano secreto para Cuieté. *Tempo*, v.20, 2014.

⁹ Também transcrito pelo historiada; Carta destinada ao Sr. Martinho de Mello e Castro, sobre o mesmo que a destina, a quem se mandaram as

cenário colonial da segunda metade do setecentos, uma alternativa estratégica ao transporte de mercadorias, que se fazia dificultosa no rio Doce (SOUZA, 2014, p.6). Designada região como *conquista*, local em que “uma população preexistente (índios ou quilombolas) resistiam ao avanço da colonização” (FONSECA apud SOUZA, 2014, p.9), ao novo assentamento Cuieté, nas recomendações de Noronha às autoridades administrativas, deveriam configurar “uma esquadra de pedestres” e “guardas que forem necessárias” (SOUZA, 2014, p.9) à defesa da região e à salvaguarda dos *Mineiros* e *Roceiros* das invasões dos índios Imbaré, habitantes da margem direita do Rio Doce (SOUZA, 2014, p.6).

Determinado à consolidação da região aos territórios demográficos perenes da colônia, D. Antonio de Noronha recomenda o impedimento de entrada e estabelecimento de oficiais de justiça na região de Cuieté durante os primeiros anos da investiga sertanista. De acordo com o capitão-

amostras de ouro. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Manuscritos, códice 2,2,24 –fls.234v.-235v. In: SOUZA, Laura de Mello e. Dom Antonio de Noronha e o Plano secreto para Cuieté. *Tempo*, v.20, 2014.

general, no quinto parágrafo de suas recomendações às autoridades administrativas:

Como a conquista se não pode adiantar, nem florescer enquanto os novos habitantes dela forem vexados pelas Justiças com execuções de dívidas, e com acusações de crimes leves, e o maior número de povoadores, há de ser necessariamente de homens culpados, e oprimidos com dívidas, como sucedeu sempre em todas as Colônias novas, é preciso uma grande vigilância nesta matéria, **não se concedendo passaporte para a Conquista aos Oficiais de Justiça** [...] Isto mesmo praticou o Exm^o Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, pelo que pertence às povoações de Antonio Dias, e descoberto, do Peçanha, onde não entravam Oficiais de Justiça; mas nunca se deixou de arrecadar nelas a Real Fazenda, e por estes meios se formaram aquelas duas povoações, que a não ser assim, ainda hoje haviam de ser matos incultos. (Plano secreto para a nova conquista do Cuieté, fl. 230v, grifo meu)

No parágrafo quatorze de suas recomendações à efetiva conquista deste sertão o capitão-general indica a centralização das ações coercitivas e penais, referentes aos delitos e conseqüentes “queixosas petições” dos novos habitantes do Cuieté, à sua decisão; “para que averiguada Eu a qualidade dos delitos dos refugiados, ou os mande entregar à Justiça [...] ou os castigue arbitrariamente” (SOUZA, 2014, p.11). Já no décimo quinto parágrafo D. Antonio de Noronha indica que os devedores serão por ele “constrangidos” por requerimento dos credores. Em Minas setecentistas o vínculo estabelecido entre devedores e credores afirmava-se em “uma relação de autoridade” (SILVEIRA, 1997, p.145), princípio, de acordo com Marco Antonio Silveira, da concepção patrimonialista e católica (SILVEIRA, 1997, p.146). Neste aspecto, o capitão-general centralizaria tanto o controle coercitivo penal como polarizaria as relações de autoridade expressas nos vínculos de crédito. Decerto a *conquista* do sertão do Cuiéte inscreve-se num cenário colonial no qual as investidas às terras mais distantes dos povoados e não consolidadas à habitação perene deram-se através do ininterrupto conflito entre os habitantes das regiões – índios ou quilombolas – e o

avanço da empresa colonial; comumente assistida por “armas, pólvora e bala”¹⁰.

Indiferentemente a Cuieté do capitão-general D. Antonio e seus desvios às normativas régias, o tangenciar da justiça constituíra também aspecto fundamental no cenário colonial de contradições. O anônimo documento *Notícia a respeito das minas de diamantes da capitania de Minas Gerais, no Brasil, desde a sua descoberta em 1728, até 1773, comprovada com muitos documentos copiados do Registro da Itendencia do Serro do Frio e acompanhada de uma aguerela dos terrenos diamantinos*, disposto na Biblioteca Nacional de Portugal na cota 746, descreve os labores “em fraude das Leis de Sua Majestade” (ANONIMO, 1776, fl.39) do contratador João Fernandes de Oliveira no Tejuco, assim quanto a prática comum do delito

Desde o Ministro, e o Cabo das Tropas até o último Soldado, ou Oficial de Justiça, e ainda

¹⁰ Documento transcrito por Marcia Amantino; Carta do Conde de Serzedas para Antonio Pires de Campos em 15 de outubro de 1733. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, doc.18. In: AMANTINO, Marcia. Sertões, índio e quilombolas. Revista do Arquivo Público Mineiro, v.1, 2014.

mesmo qualquer Morador do Serro do Frio fosse, ou não fosse empregado no Contrato [de exploração diamantífera] todos roubavam; porque todos conheciam que ele [João Fernandes de Oliveira] laborava em fraude das Leis de Sua Majestade que é quem pagava todos estes descaminhos. (Notícia a respeito das minas [...], f.39)

O autor anônimo descreve os descaminhos dos diamantes, desde a prática comum do contrabando à ausência de medidas coercitivas às ações de *lesa majestade*. Descreve o documento a prática de comercialização paralela da pedra preciosa aos domingos “pelos tabernas, lojas e Corretores” pelos mesmos “homens brancos, e pretos alugados, e matriculados” (ANONIMO, 1776, fl.12) que, apesar da pouca quantia por eles destinadas a atividade, não deixavam de distribuir pelo Tejuco, e vilas e arraiais vizinhos, o resultado da extração. O contratador “a quem não era oculto este tráfico universal” pouco fazia, pois, sendo este o primeiro a sofrer os “castigos que as Leis lhe permitiam”, assumia a medida administrativa de “não creminar ninguém, e

isto se chamava dessimulo” (ANONIMO, 1776, fl.12).

O libelo cível¹¹ movido pelo sargento-mor Diogo José da Silva contra as cartas de crédito fraudulentas de Carlos José de Almeida (SILVEIRA, 1997, p.146); a Carta Régia de 1717 ao governador da Capitania ofertando um “hábito de uma das ordens militares, com 30\$000 de tença” a quem “trouxer ao governador as cabeças de José Pacheco e José Gurgel do Amaral” (VEIGA, 1897, v.2, p.60); o Alvará de Ordenamento de 10 de janeiro de 1785 dirigido ao governador da Capitania indicando o interesse do poder Régio ao dismantelamento do grupo comandado pelo *Mão de Luva*, notório assaltante; o Pedido de Providências encaminhado contra Manuel de Barros pelos moradores da freguesia de *Tamandoá* no qual afirma que o dito Manuel descompôs “a um publicante, e a outro entrando-lhe pela casa de noite ameaçando com um

¹¹ Códice 162: auto nº 2.207 (1803 – libelo cível), Museu da Inconfidência de Ouro Preto. In: SILVEIRA, Marco Antonio. O universo do indistinto: Estado e sociedade nas Minas setecentistas (1735-1808). São Paulo: Hucitec, 1997.

pau para lhe dar chamando ele nomes injuriosos”¹² Estes, dentro outros documentos de semelhante conteúdo, figuram indícios a compreensão “de uma realidade em que a violência tornava-se uma **linguagem fundamental**” (SILVEIRA, 1997, p.143, grifo meu).

Mediando as relações sociais, a violência em Minas do barroco integrava um *sistema de significados* que delineava-se em virtudes¹³ individuais (SILVEIRA, 1997, p.148, grifo do autor), consolidava-se na ausência de poder estatal nas primeiras investidas às regiões auríferas e diamantíferas, assim quanto das relações conflituosas e cotidianas entre sociedade e Estado (SILVEIRA, 1997, p.25. Das casas, vielas e largos das regiões citadinas; catas, tabuleiros e grupiaras das regiões de exploração mineral às picadas e caminhos aos sertões

¹²Arquivo Público Mineiro, SG – Cx. 124, Doc. 54. *Pedido de Providências contra Manuel de Barros que admoesta os moradores e vive com 2 concubinas.*

¹³De acordo com Marco Antonio Silveira, “[...] os atos violentos participavam de uma *racionalidade* global que lhes conferia sentido. Matar era, muitas vezes, um gesto público de vingança capaz de sublinhar a grandeza; era, portanto, um modo particular de ser virtuoso.”. SILVEIRA, Marco Antonio. *O universo do indistinto: Estado e sociedade nas Minas setecentistas (1735-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 148, grifo do autor.

das Geraes as *tensões* se manifestavam no conviver contraditório e conflituoso daqueles grupos.

Marcada pelas “contradições do viver” (SOUZA, 1999, p.27) e pela “convivência de referências diversos” (SILVEIRA, 1997, p.87) aquela sociedade tecia, em seus caminhos e descaminhos, um conflituoso diálogo entres grupos portadores de modelos diferentes, em estratégias simbólicas de um “instável equilíbrio”¹⁴ entre “mundos que tudo separava encontravam-se brutalmente confrontados” (GRUZINSKI, 2001, p.61). Neste aspecto, no plano das objetificações lingüísticas (WAGNER, 2012, p.265), as *tensões* – singulares ao universo *conflituoso, contraditório e violento* das Minas do barroco - assimiladas e incorporadas coletivamente à racionalização de experiências reconhecidas operam em um sistema de representações e classificações do mundo sob a forma de “representações” (CHARTIER, 1991,

¹⁴ Serge Gruzinski afirma: “Olhando mais de perto, diversos rituais sincréticos parecem manifestar uma espécie de ‘*equilibrio instável*’, embora durável, entre tradições diversas, e não tanto estados definidos e facilmente repertoriados”. GRUZINSKI, Serge. O pensamento mestiço. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.46, grifo meu.

p.183), sendo estas expressas numa lógica geral discursiva de um barroco *operatório*.

Em uma expressividade discursiva singular, o barroco da capitania das Minas Geraes opera em linhas gerais de um *traço* (DELEUZE, 1991, p.13) de volutas agudas e esmeriladas pela objetificação e incorporação de uma realidade conflituosa, contraditória e violenta; marcada por *tensões sobre repousos*, instável equilíbrio de uma lingüística específica.

Tensão sobre repouso

A partir do levantamento dos postulados da harmonia setecentista dispostas em *Novo tratado de Musica, Metrica e Rythmica* (1779) e *Exame instructivo sobre a musica* (1790), do lusitano Francisco Ignácio Solano, e análise dos procedimentos de condução de vozes e tratamento de dissonâncias no barroco mineiro, identificamos estruturas divergentes ao trato composicional europeu, dispostas nas obras *Missa de Suassuy*, *Missa em Fá, Solo do Pregador* e *Feria Quarta Cineris*, sobretudo nos processos cadenciais ou conclusivos. Não obstante, identificamos na obra *Sonata 2ª “Sabará”* – “a única do gênero do período colonial brasileiro encontrada até a presente data”

(BRANDÃO e MELO, 2010, p.10) - procedimento semelhante. Observamos as estruturas de *tensão sobre repouso* como unidades próprias à morfossintaxe musical do barroco mineiro, compreendidas em constructos que agregam sincrônica, ou articulatoriamente, elementos característicos de um repouso efetivo e uma tensão estrutural.

Optamos pela ênfase nos tratados de Solano, pois “os escriptos deste Lente merecerão, e ainda merecem hum geral applauso dos Professores” (MENEZES E SOUSA, et. al, 1817, p.181), além de “teórico de altíssimo valor, cujas obras, ainda hoje são proveitosas para quem as consulta” (MAZZA, 1944-45, p.69) sendo “mestre distincto e compositor musico, e Professor da mesma arte no Seminário de Lisboa” (SILVA,1858, p.392). Não obstante concordamos com Fagerlande a respeito da utilização de tratados ao levantamento das regras gerais da música setecentista:

Assim, graças a seu papel na formação musical, os livros teóricos escritos para o ensino do contraponto e do baixo contínuo adquirem grande importância para o estudo

atual da música do passado, pois mais do que transmitirem os conhecimentos dessas disciplinas, refletem as teorias composicionais da época barroca. (FAGERLANDE, 2011, p.27)

A concepção de campo tonal, para Solano, se dá na observância da 4^a e 7^a de determinado tonalidade, pois “com a natureza deles se *organiza o Tom*. Ela é quem lhes dá o ser” (SOLANO, 1779, p. 64, grifo do autor). Obtêm-se o caráter da tonalidade a partir do tratamento destes elementos estruturantes na harmonia, sendo próprios à confirmação de um centro através do *repouso* efetivo conduzido a “concluir em qualquer *Espécie Consonante* 5.^a, 3.^a, 8.^a” (SOLANO, 1790, p.46, grifo do autor). Contudo, no documento anônimo MIS – 04/550: *Missa de Suassuy* e, na congênere de J.J.E. Lobo de Mesquita, *Missa em Fá* tais elementos são posto de forma sincrônica, engendrando uma tensão estrutural e repouso efetivo, devido à natureza duplamente estruturada do grau tonal alcançado no encadeamento harmônico.

MIS - 04/550: *Missa de Suassuy; Qui tollis*
c.190

Missa em Fá: Glória
c.33

○ elementos de tensão
● elementos de repouso

Imagem 1 – Estruturas de “tensão sobre repouso” nas obras *Missa de Suassuy* e *Missa em Fá*.

O compasso c.190 da anônima *Missa de Suassuy* apresenta a 4^a (Fá) e a 7^a (Sí) do centro tonal de Dó Maior, contudo sobrepostos à 3^a (Mí), 5^a (Sol) e 8^a (Dó) do grau basilar da tonalidade; o I grau. Por sua vez, o compasso c.33 do Glória da *Missa em Fá* de J.J.E. Lobo de Mesquita apresenta a 4^a (Lá) e a 7^a (Ré#) do centro tonal de Mi Maior, sobrepostos à 3^a (Sol#) e 5^a (Sí) do grau integrante do processo harmônico pertinente à seção.

Procedimento semelhante ocorre no compasso c.101 da peça *Solo do Pregador* de Tristão José Ferreira, contudo com leve variação. Há nos procedimentos de condução de vozes e resolução do percurso cadencial a presença da 4^a (Ré) e da 7^a (Sol), do centro tonal de Lá menor, sobrepostos à 3^a (Dó) e a 8^a (Lá), porém não se constitui o *tritono* próprio ao impulso harmônico à resolução, uma vez que a sétima não é elevada em um semitom alterando a configuração do V grau do modo menor.

Solo do Pregador [não catalogado]
c.101

○ elementos de tensão
● elementos de repouso

Imagem 2 – Estruturas de “tensão sobre repouso” na peça *Solo do Pregador*

De acordo com o tratadista lusitano “aprova a Arte o uso de *Espécies Dissonantes*” (SOLANO, 1779, p.80, grifo do autor) quando “passando com presteza por elas” (SOLANO, 1779, p.80, grifo do autor) ou quando “postas em *ligadura*” (SOLANO, 1779, p.80, grifo do autor); ou seja, quando do caráter movido do andamento, ou da duração da figura de tempo na qual a dissonância se constitui, ou quando preparada anteriormente em consonância. Não obstante o tratadista acena à objeção do emprego de dissonância “no bater de cada *parte* do *compasso*” (SOLANO, 1779, p.80, grifo do autor) indicado o emprego nas “*partes entremédias* das mesmas, e isto é, a que chamamos passar uma *Nota má* por outra *boa*” (SOLANO, 1779, p.80, grifo do autor); indicando, além do caráter de tempo o local no qual se constituirá a dissonância aceita, sendo esta em tempo fraco ou parte fraca do tempo. Contudo, no

documento RAR – 01/688: *Féria Quarta Cineris*, de Manoel Camelo, nos compassos c.60, c.63, c.66 e c.69 da unidade *Et resurrexit* há o emprego de dissonância no primeiro tempo (tempo forte). Aquém da natureza dissonante do intervalo sobreposto a um repouso de consonâncias, o elemento é utilizado de forma estruturante no discurso musical do compositor, apresentado como elemento de articulação. Não obstante, o compositor utiliza o mesmo procedimento no c.10 da unidade *Patrem*.

The image displays two musical staves for SATB voices. The first staff is titled 'Et resurrexit' and the second 'Patrem'. Both are in 3/4 time. The score includes vocal lines and a legend for musical symbols.

	Resolução
	Bordadura
	Nota de Passagem
	Intervalo: sêxta menor
	Intervalo: quarta aumentada
	Articulação: oitavas

Imagem 3 – Dissonância em tempo forte: documento RAR – 01/688: *Féria Quarta Cineris*

Diferentemente de uma configuração intervalar interna própria a um elemento discursivo inserido em fluxo discursivo, o procedimento de articulação da seção destinada ao *Desenvolvimento* à destinada a *Reexposição*, presente no primeiro movimento da *Sonata 2^a “Sabará”*, apresenta equivalência à ocorrência de um agregado de elementos característicos de um repouso efetivo e uma tensão

estrutural. Proporcionada pelo desvio às relações morfo-tonais respectiva à estruturação do gênero e seu emprego europeu, a obra apresenta em sua seção destinada à *Reexposição* o seguimento do “trabalho temático típico ao Desenvolvimento” (BRANDÃO e MAGALHÃES, 2013, p.288) findando o primeiro movimento da obra em uma “coda (compassos 87 a 93), na tonalidade da subdominante da tônica, fugindo assim da práxis composicional de então” (BRANDÃO e MAGALHÃES, 2013, p.288); ou seja, há a supressão da seção destinada a recapitulação de uma idéia geral temático-discursiva na qual há a confirmação de um elemento argumentativo, destinando, assim, à região da subdominante o “ser” (SOLANO, 1779, p. 64) final do movimento, subvertendo a lógica europeia na qual a “reexposição é tradicionalmente transposta à tônica” (STEIN, 1962, p.115, tradução livre minha).

Nesta obra a *tensão* expressa o desvio morfológico do gênero Sonata na conclusão do primeiro movimento na região da subdominante, divergindo uma intencionalidade temático-discursiva. Contudo, o estabelecido dá-se em lógicas gerais da harmonia setecentista, tendo nos elementos internos uma *resolução*, ou, estabilidade das idéias

apresentadas. Apesar de externa à liturgia, não figurando em nenhum rito católico específico, a setecentista *Sonata 2^a “Sabará”* apresenta, através de suas estruturas de tensão e repouso discursivo, também um exemplo aos desvios regionalmente específicos da música do barroco em Minas.

Sonata <i>gerérica</i>							
Exposição		Desenvolvimento		Reexposição			
A	ponte	B		A	ponte não	B	
(a; a'...)	modu -	(b; b'...)		(b; a'...)	modu -	(b; b'...)	
I; ou i	lante	V; ou III		I; ou i	lante	I; ou i	
		coda				coda	
desenvolvimentos dos materias de A e B							

Sonata 2 ^a "Sabará"							
Exposição		Desenvolvimento		...		Coda	
A	ponte	B					
(a; a'...)	modu -	(b; b'...)					
I	lante	V					
		coda				coda	
		desenvolvimentos dos materias de A e B		materiais de A e B; tercinas; arpejos		IV	

Imagem 4 – Estruturas morfo-temática da Sonata europeia.

Conclusão

Acreditamos que o contexto em que uma linguagem é aplicada se diferencia social e regionalmente, objetificando em elementos lingüísticos (WAGNER, 2012, p.265) uma realidade compreendida e tecida de forma coletiva. A sociedade da Capitania das Minas, mesmo regionalmente inscrita em processos singulares de

leitura e significação, desdobra, em suas próprias criações e invenções, as partículas do barroco. Lingüística de intencionalidade barroca mediada em significação e convencionalização de uma “inter-relação de fala” (WAGNER, 2012, p. 254) específica ao universo discursivo socialmente reconhecido da capitania; uma lingüística de linhas gerais barrocas; um *traço operatório*.

Nesta malha de significados flexionados, as volutas resultantes assumem contornos respectivos aos materiais de que são constituídos; materiais simbólicos conflituosos, contraditórios e fundamentalmente violentos. Volutas agudas e esmeriladas embebidas na miséria e opulências da capitania ornaram o ininterrupto conflito dos opostos estamentais, as investidas de extermínio ao *sertão*; ornaram o controle régio e a fraude, a virtude pessoal e o delito público, o espírito que lança ao atlântico e a aridez do Novo Mundo.

Neste contexto de múltiplos agentes e múltiplos modelos brutalmente confrontado, as fraturas observadas na linguagem musical do barroco mineiro, antes de desorientações técnicas, representam as objetificações coletivas desse universo colonial; indício de práticas e sensibilidades

musicais próprias a Minas do barroco em *tensões e repousos* de uma sociedade marcada em contradições.

Referências Bibliográficas

AMANTINO, Marcia. Sertões, índio e quilombolas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.1, 2014

ANDREONI, Giovanni Antonio. *Cultura e opulência do Brasil por suas Drogas e Minas : com varias noticias curiosas do modo de fazer o Assucar, plantar e beneficiar o Tabaco; tirar Ouro das Minas [...]*. Lisboa : na Officina Real Deslandesiana, 1711.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. *Apologia da História, ou, o Ofício do Historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. O potlatch sonoro e social. *Modus*, Belo Horizonte, ano I, n.1, 2000.

_____. *Sonata 2ª (Sonata Sabará)*. Belo Horizonte: Editora Pontes, 2007.

BRANDÃO, Domingos S. Lins; MELO, Raissa Anastásia de Souza. A formação do campo artístico-musical em Minas Barroca. *Modus*, ano V, nº7. Belo Horizonte, 2010.

BRANDÃO, Domingos Savio Lins; MAGALHÃES, Antonio Carlos de. Sonata nº2 - "Sabará" - Anônimo. *Barroco*, v. 20. Belo Horizonte: Centro de Pesquisas do Barroco Mineiro, 2013.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, jan./abr. 1991.

COSTA, Iraci del Nero da. As populações das Minas Gerais no século XVIII: Um estudo de Demografia Histórica. *Crítica Histórica*, Ano II, nº 4, Dezembro de 2011.

DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Capinas: Papirus, 1991.

FAGERLANDE, Marcelo. *O baixo Contínuo no Brasil: os tratados em Português (1751-1851)*. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de uma paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAZZA, José. Dicionario Biographico de Musicos Portuguezes. Editado por Jose Augusto alegria. Separata da Revista Ocidente. 1944-45.

MENEZES E SOUSA, D. José Antonio de, et al. *Jornal de Bellas Artes ou Mnemósine Lusitana*, n.1, v.2. Lisboa: Na Impressão Régia, 1817.

NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777 – 1808)*. São Paulo: Hucitec, 1989.

OLIVEIRA, Arnon Sávio Reis de. *LOBO DE MESQUITA, J.J.E. Missa em Fá*. Edição não

publicada. Disponível em:
<http://musicabrasilis.org.br/sites/default/files/missa_em%20fa_grade_jjelm_0.pdf>. Acesso: 10 de agosto de 2016.

NERY, Rui Vieira. Dicotomias de fundo na música luso-brasileira [...]. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 5º, 2004, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2002. *Anais...*Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004.

SILVA, Innocencio Francisco da. Diccionario Bibliographico Portuguez. Lisboa : Imprensa Nacional,v.1,2 e 6, 1858.

SILVEIRA, Marco Antonio. O universo do indistinto: Estado e sociedade nas Minas setecentistas (1735-1808). São Paulo: Hucitec, 1997.

SOLANO, Francisco Ignacio. *Novo tratado de música métrica, y rythmica, o qual ensina [...]* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1779.

_____. *Exame instructivo sobre [...]*. Lisboa: Regia Officina Typ., 1790.

SOUZA, Laura de Mello. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.). *História da vida privada no Brasil:*

cotidiano e vida privada na America portuguesa, 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Norma e conflito: aspectos da história de Minas no Século XVIII*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.

_____. Dom Antonio de Noronha e o Plano secreto para Cuieté. *Tempo*, v.20, 2014.

STEIN, Leon. *Structure and style: the study and analysis of musical forms*. Evanstone: Summy-Birchard Company, 1962.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides Mineiras (1664-1897)*. Ouro Preto: Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1897, 4 volumes, v.2

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. Trad. Marcela C. de Souza; Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Documentais

ANONIMO. Notícia a respeito das minas de diamantes da capitania de Minas Gerais, no Brasil, desde a sua descoberta em 1728, até 1773, comprovada com muitos documentos [...], depois de 1776. Biblioteca Nacional de Portugal – BNP COD. 746, Manuscrito.

BRANDÃO, Domingos S. Lins; RICARDO, Felipe Novaes. *ANONIMO, Missa de Suassuy*. Partitura. Núcleo de Acervos da ESMU/UEMG, 2015. Manuscrito.

BRANDÃO, Domingos S. Lins; RICARDO, Felipe Novaes. *ANONIMO, Senhor dos Passos*. Partitura. Núcleo de Acervos da ESMU/UEMG, 2015. Manuscrito.

BRANDÃO, Domingos S. Lins; SILVA, Guilherme Matozinhos da. *CAMELO, Manoel. Féria Quarta Cineris*. Partitura. Belo Horizonte: Núcleo de Acervos da ESMU/UEMG, 2007. Manuscrito.

BRANDÃO, Domingos S. L.; CORRÊA, Marcio P.; SILVA, Guilherme M. da. *ANONIMO, Caderno de Motetos de Piranga*. Partitura. Belo Horizonte: Núcleo de Acervos da ESMU/UEMG, 2009. Manuscrito.

Pedido de Providências contra Manuel de Barros que admoesta os moradores e vive com 2 concubinas. Arquivo Público Mineiro, SG – Cx. 124, Doc. 54.

O DISCURSO DO TRÁGICO NAS CAPAS DOS JORNAIS DE FRUTAL-MG: A CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA E DA MORTE NAS MANCHETES DE PRIMEIRA PÁGINA¹⁵

Regina Papadopoulos TEMPORIN¹⁶

Rodrigo Daniel Levoti PORTARI¹⁷

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo de analisar “A informação fotográfica e manchete nas capas dos jornais de Frutal”, com o principal foco em notar a utilização do trágico como principal valor notícia que se desdobra na forma de violência e morte. A cidade de Frutal, localizada em Minas Gerais tem aproximadamente 60 mil habitantes conta com alguns jornais locais sendo os de maior circulação e periodicidade constante o Jornal Pontal e o Jornal de Frutal, ambos tem formato standard e tem morte violência ocupando as primeiras páginas. Objetiva-se conceituar a violência, a morte e o valor notícia e observar se existe obsessão temática na utilização de morte nas capas dos semanários, com intuito de entender o tipo de técnica que utilizada para dispô-la e o

¹⁵ Esse trabalho é resultado de um projeto de pesquisa realizado na unidade de Frutal da Uemg, com apoio de Bolsa de iniciação Científica concedida pelo CNPQ.

¹⁶ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade da UEMG, email: regina.papadopoulos@outlook.com

¹⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo e de Comunicação Social da UEMG, email:

que essa prática causa na formação da notícia e na e formação de informação dos homens que a consomem.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Discurso; Jornalismo popular; Manchete; Imagem; Valor notícia;

O trágico na construção da narrativa impressa

Na construção da narrativa jornalística nas capas das publicações estudadas, é clara a predileção pelo tema do trágico e, nesse aspecto, pode-se ressaltar que conforme autores como BYSTRINA (1996), ARIÈS (2012), FREUD (2012), MAFFESOLI (1998), PORTARI (2009; 2013), violência e morte são temas que se destacam e têm lugar privilegiado nas discussões da sociedade. No âmbito da mídia, essa materialização do tema se dá principalmente em jornais de maior apelo popular, que têm preocupação centrada no noticiário de bairro ou, quando muito, de alguma região que não extrapole algumas dezenas de quilômetros da sede de suas redações (PORTARI, 2013, p.124).

MAFFESOLI (2002) resalta que violência e morte estão nas bases das estruturas sociais, estando marcadamente presentes em guerras e formações de territórios. No âmbito da mídia,

BARBOSA (2013) relata que no Brasil, já no século XIX, os primeiros folhetins “de massa” passaram a se ocupar desse tema em suas páginas, como uma espécie de popularizar a circulação do impresso em meio a uma sociedade onde apenas 20% eram considerados letrados. No país observou-se que essa estratégia muito se assemelhava ao que era feito alguns séculos antes na França com os canards ou na Inglaterra como *penny press*, jornais de baixíssimos custo que se ocupavam principalmente desses temas em suas páginas. Além de crimes e mortes, esses jornais também se ocupavam de eventos “mágicos”, como o aparecimento de cometas ou eclipses solares e lunares, como bem relatam ANGRIMANI (1995), DIAS (1996) e BARBOSA (2013).

Semanalmente os leitores dos jornais Frutal e Pontal , são bombardeados com imagens da violência e da morte em suas casas, colocados diante de imagens fotográficas de acontecimentos registrados no município que estão ligados à editoria de polícia. Seja um assalto, prisão por drogas ou assassinatos, é fato que a violência e a morte têm presença constante nos media, em especial em jornais locais que se voltam principalmente para o noticiário de bairro ou, no máximo, de abrangência regional.

Nas capas dos jornais, o sincretismo entre texto e imagem é responsável por construir uma informação que se assemelhe aquilo que é entendido por “realidade”, ou “fato bruto”, nas palavras de CHARAUDEAU (2006). Partindo desse pressuposto, temos que a mídia, através das imagens, retomam diretamente conceitos que nos remetem ao conceito de “cultura” elaborado pelos semioticistas da cultura tal como BYSTRINA (1996) e Iúri Lótman, que apontam ser o medo da morte uma das bases para a criação da cultura.

Ao dar publicidade à violência e à morte os jornais contribuem, ao mesmo tempo, para retomar os mais primitivos conceitos de segurança e sobrevivência. E é a partir destes conceitos que verificamos uma construção de um discurso destes dois jornais de modo a tornar a morte a violência parte integrante do cotidiano de seus leitores, o que pode provocar a banalização destes temas.

O conceito de violência é, de sobremaneira, relativo. Um ato considerado de violência por uma pessoa pode não ser, necessariamente, considerado por outra. Um exemplo típico relatado em PORTARI (2009) são os ataques às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, ocorrido em 11 de setembro de 2001.

Enquanto o mundo ocidental se consternava com a morte e a queda dos prédios, radicais islâmicos comemoravam o sucesso da empreitada, especialmente pelo fato de três aviões terem sido sequestrado e centenas de “infiéis” terem sido mortos nos ataques planejados pelo Al Qaeda. Assim, para evitarmos interpretações dúbias, é necessário que se faça o recorte adequado do assunto.

A violência não pode ser entendida como um dado da realidade, mas como um ângulo, uma percepção possível de um conjunto de fenômenos sociais, políticos e culturais, que costumam se chamar de violência. (RICOEUR, 1994)

Não se nasce um dia achando que tudo é violência, a violência é um dado construído a partir de dosagens repetitivas de notícias falando sobre crimes, mortes e desestrutura. Em síntese, através do exercício de se propagam a instabilidade das cidades ocasionada na modernidade, se cria o conceito de violência que é um conceito que depende de uma memória de dados para se fazer presente.

Quando um novo crime acontece, atualizamos nossa memória e o ligamos com os crimes ocorridos anteriormente, criando assim a noção do imaginário urbano. Como a estigmatização da favela como lugar de perigo social está amplamente difundida no imaginário.

Ao observar as primeiras páginas dos jornais *de Frutal e Pontal*, percebemos que, via de regra, a violência tem espaço em suas manchetes. Seja através de uma chamada seca ou manchete acompanhada de fotos, as matérias envolvendo o assunto ganham destaque na chamada “embalagem” do jornal. A explicação para este fato pode ser investigada sob dois aspectos: questões mercadológicas ou reconstrução e manipulação da realidade conforme as linhas ideológicas das publicações.

Os “fatos” noticiados são selecionados a partir do conjunto de crenças e desejos que o jornalista representa. Na verdade, não se trata de um trabalho individual; como se sabe, o jornal-empresa moderno trabalha com equipes hierarquizadas que resselecionam e reconstróem(*sic*) o produto do trabalho

jornalístico, decidindo o quê e como deve ser noticiado. Esse trabalho [...] consiste em uma construção social (material e simbólica), em que os emissores terão de considerar os receptores, sob pena de produzirem notícias sem qualquer anuência do público. (LOPES, 2002. p. 117)

Assim, a pesquisa parte da premissa de que os jornais, por meio de sua construção textual, sugerem a leitura que o receptor terá da realidade através das suas primeiras páginas.

Nesse aspecto, a presença do texto se faz importante, já que é ele quem é responsável por transmitir a informação e contextualizar os acontecimentos presentes na capa. “A ponte que provoca a aproximação entre morte no jornal e leitor se dá também pelo texto escrito (assim como se dá pelas imagens, cores e diagramação). No texto são recriados mundos possíveis (FARRÉ, 2004) ou também o “mundo do texto” (RICOEUR, 2002), além de ser também ponto de interação entre as publicações e o leitor por meio da enunciação” (PORTARI, 2013, p.88). Além disso, é importante observa que, conforme BAKHTIN (1997, p.114), o

texto também é “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”.

Se partirmos da definição do dicionário e da língua portuguesa, temos que a morte é um substantivo feminino singular caracterizado como fim da vida (ou do ânimus), pena capital, ruína, queda, fim e termino. Dessa forma, o homem convive com a morte desde o princípio de sua existência, estando ela presente especialmente nos chamados “textos culturais”, sejam eles obras de arte, literárias ou mesmo na música. A relação homem x morte também tem raízes nas estruturas sociais, estando presente até mesmo numa das histórias mais conhecidas do mundo, a Bíblia Sagrada. Logo na gênese do universo é relatada a primeira morte em decorrência de violência: o brutal assassinato de Abel, cometido por seu irmão, Caim. Ao longo de todo o texto religioso, dezenas de massacres e milhares de vida são extirpadas violentamente, o que nos aponta uma relação muito próxima dos homens com o assunto e, principalmente, as suas raízes culturais. Phillippe Ariès já demonstrava essa relação

e destaca que na Idade Média, na Paris do Século XVI, os corpos apodreciam ao centro do Cemitério dos Inocentes para lembrar às pessoas de como o corpo é perecível. (ARIÈS, 2010, p.34)

Pode-se observar que autores como Nelson Traquina (2008, 2009), Jorge Pedro Sousa (2010) e até mesmo Galtung e Ruge (1956) já apontavam que “*bad News is good News*”, ou seja, que as más notícias são boas notícias porque vendem e carregam por si só um “valor-notícia primordial”, como bem assinala Traquina.

Traquina prossegue ao afirmar que quanto mais raro um acontecimento, mais chance ele vai ter de se tornar notícia, e ilustra um exemplo dos próprios criadores a teoria ao dizer que:

Um assassinato leva pouco tempo e o acontecimento tem lugar entre a publicação de dois números sucessivos de um jornal diário, o que significa que se pode contar uma notícia significativa de um dia para o outro. Mas escolher um assassinato durante uma batalha onde existe um morto, todos os minutos, faria pouco sentido... (TRAQUINA, 2010, p.70)

A forma como cada grupo de pessoas lida com a morte é sintomática de seu valor e modo de vida, Num rápido resumo de como a morte foi tratada pela sociedade nos últimos séculos podemos nos remeter também ao século XVIII, quando começou a vigorar um processo de higienização dos espaços públicos. Antigamente a ideia de enterro estava relacionada à salvação, quem era mais importante naquela lógica era enterrado próximo aos altares e quem não era tido como qual, tinha que brigar por lugares próximos a igreja. A higienização fez com que criassem cemitérios nas periferias das cidades, onde cada pessoa podia ter uma cerimonia (enterro) digno e correspondente ao o que suas economias lograssem.

Na modernidade a morte foi tirada, subtraída do olhar publico, já na pós- modernidade, com a serialização, a banalização, rotina informativa se torna uma rotina midiática.

Imbert, atenta que a morte nos dias de hoje, eximiu o caráter simbólico, deixou de ser um sentimento substancial e agregador, se tornando um evento que tem uma visibilidade fragmentada, própria para ser consumida pelos telespectadores.

“A atração pelo repugnante é manifestada principalmente, por uma atração do olhar” (SONTAG,2008)

Quando se vê um aglomerado de pessoas, logo se tem vontade de ir ver o que aconteceu, não é apenas por curiosidade, o repugnante e o horripilante chamam atenção, cativam.

Quando encaramos o acontecimento morte como algo tangível, a morte é noticiável, o jornalismo se insere nessa representação cultural que mantém o ritual midiático como forma de informação. A morte é uma pauta desde os primórdios, mas apenas no século 19 ganha o nome de jornalismo industrial.

(...) revela-se uma economia estética do sensacionalismo, que potencializa o poder da mediação dos jornais entre o público, seu ambiente urbano e sua consciência temporal. (MATHEUS, 2011 P.12)

O fato das cidades terem crescido rápido e a industrialização do mundo, originou a caoticidade e o sensacionalismo se tornou necessário para aplicar

uma consciência sobre a vulnerabilidade do ambiente.

Os jornais populares são os que têm predileção por esse tema, pois falam de cotidianos mais similares com a população. A estética sensacionalista nada mais é que uma estética usada para seduzir o leitor, pois não tem necessidade de saber nada para construí-lo, ele não se remete a nada além dele próprio, como dizia BARTHES, 1964.

“Diante da impossibilidade de estar cara a cara com a morte, a mídia nos oferece, ao menos, uma dupla mediação: verbal e visual.” (ANDRADE, 2013, p.16)

Os periódicos passam a incorporar e funcionar como uma memória emprestada, o jornal tem o trabalho de trazer o passado para o presente e construir a memória da cidade aqueles que a consomem, criando uma nova noção de realidade. O valor notícia está vinculado fortemente por forças culturais.

A morte aparece como acontecimento social, coletivo, como um dado de uma realidade social. Como o periódico o denuncia se faz presente, reporta assuntos e mostra a fragilidade do Estado de cuidar da segurança, assume o papel de fiscalizador das

ações do executivo, assim atraindo , seduzindo e criando um publico leitor fiel.

Foram observadas a produção de sentido nas primeiras páginas, partindo do estudo das manchetes e imagens verificada, com a preocupação de desencadear um sentimento comum aos leitores e a linha editorial que os jornais tentam estabelecer, sobre os temas violência e morte.

A noticia é o que move o jornal, ela é tida como um conjunto de informações que se relacionam em um espaço, qual tem por necessidade a novidade, que sai de uma determinada fonte ou acontecimento, que na mente do leitor tem por função se enquadrar em um tema, o que ajuda o leitor a conceber a visão de mundo.

(...) para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo.O acontecimento não significa em si.O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. O acontecimento significa do nasce num processo evenemencial que, como vimos, se constrói ao termino de uma mimese tripla.É daí que nasce o que convencionou chamar de “a noticia”. (CHARAUDEAU, 2006, p.132)

O relato de forma simples de crimes violentos e sensações no impresso se deu, principalmente, para cativar novos públicos, cada vez maiores e que eram excluídos dos jornais de referência por não compreenderem a linguagem usada, o tipo de abordagem exposta e pela curiosidade por notícia no âmbito regional. A empatia pretendida se perderia no vocabulário de acesso difícil e em forma de expressão que não corresponderiam ao ‘status semiótico’ do público-alvo”.

(...) a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, uma linguagem editorial “clichê””.
(ANGRIMANI, 1995, p.16)

Como o jornal narra acontecimentos impressos com a vida cotidiana, o leitor começa a desenvolver uma identificação com as narrativas do jornal gerando um sentimento de pertencimento da notícia. Esses jornais ganharam o nome de jornais Sensacionalistas, e tiveram como referência no Brasil

o extinto Notícias Populares, que circulou até o ano de 2001.

As pessoas lêem jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem participes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que ‘todo mundo fala’. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo. (AMARAL, 2016, p.59)

A manchete no jornalismo popular tem um papel muito importante, é onde encontramos com mais frequência palavras que chamam a atenção para as notícias mais quentes do dia. O jornal popular tem característica a utilização de linguagem acessível nas manchetes, com frases diretas, irrigadas de palavras claras e com um grande teor de impacto, diferente do que diz os manuais de redação de grandes jornais como Estado de São Paulo, que tem predileção pela linguagem formal.

Em princípio, é na manchete que se encontram as mais frequentes marcas da oralidade, as metáforas populares de efeito, o discurso dúbio da malícia, a sexualização constante dos referentes, a violência exacerbada do discurso, a gíria, as ousadias dos vocábulos obscenos, as frases feitas mais populares. Segundo os jornalistas, as manchetes merecem cuidados especiais porque delas depende o sucesso da venda do jornal, sendo necessário, portanto, motivar o leitor a facilitar o entendimento. A rigor, o gosto e o interesse do leitor determinará, diariamente a construção da manchete. (DIAS, 1996, p. 62)

Um dos artifícios usados no jornal é a técnica de “neutralização” (BYSTRINA,1995), que traz uma notícia tida como negativa mais logo em seguida outra notícia de entretenimento como: cultura, futebol, novela entre outros, e claro, a publicidade, assim essa linha editorial tira a carga negativa e faz com que o leitor não fique mal com acontecimentos que retratam violência diariamente e consiga sempre comprar o jornal por conta de ter se acostumado com aquele respiro, provoca uma reação adversa no leitor,

isso explica a capa dos jornais que aliam violência com festa da cidade, como vemos nas gazetas de Frutal.

Ao passar os olhos sobre a capa e os cadernos de qualquer diário, perguntamos-nos se o encadeamento de suas diversas editoriais e sessões, com seus diferentes tratamentos-sem nos esquecer das inserções publicitárias que vem justapostas-, se essa mescla já não seria uma tentativa midiática de apaziguar os conflitos aos olhos do leitor. (VAZ, 2010, p.25)

Nota-se nas seguintes capas extraídas, a primeira do jornal Pontal de 07 de maio de 2015, a segunda do Jornal de Frutal, 13 de março de 2015 o uso da neutralização.

Mega operação da polícia detém suspeitos de tráfico



De esquerda para direita: Francisco, Lázaro, Silvério e Thiago. Fotos: Polícia de Segurança Pública. Foto de Lázaro: Polícia de Segurança Pública. Foto de Thiago: Polícia de Segurança Pública. Foto de Francisco: Polícia de Segurança Pública. Foto de Silvério: Polícia de Segurança Pública.

1º HOMICÍDIO Jovem frutalense e namorada morrem em acidente



Acidente: Jovem frutalense e namorada morrem em acidente. Foto: Polícia de Segurança Pública. Foto do casal: Polícia de Segurança Pública. Foto do acidente: Polícia de Segurança Pública.

Dilma inaugura obras em Frutal nessa segunda

FUTURO
Escola Estadual Vicente Macello realiza 1ª Feira de Profissões

FISCALIZAÇÃO
Polícia Rodoviária prende homens com armas no Anel Viário



Presidente do Conselho Municipal de Frutal, Gabriel.

SOLUÇÕES
Lideranças debatem reivindicações ao governo mineiro

POSSE
Professores assumem a direção da UEMG Campus Frutal

SOCIAL
Prefeitura autoriza reajuste salarial dos servidores do hospital

FREI GABRIEL
Prefeitura autoriza reajuste salarial dos servidores do hospital

ACIDENTE
Saveiro cai em rãbanciera na entrada de Frutal e jovem fica ferida

R\$320 mil para Frutal



Reunião em preparação da Câmara Municipal de Frutal para discutir o projeto de lei de criação do município de Frutal. Foto: Polícia de Segurança Pública.



CLASSIFICADOS - caderno C

Analisando as capas, percebe-se o emaranhado de temas que são colocados nelas, onde justaposto a uma foto perfil de seis suspeitos está a foto de dois jovens que aparentam ser de classe média, pelas escolhas das imagens para compor a matéria, ao lado da foto de um Audi todo destruído, no caso, o carro

do acidente, abaixo está uma manchete falando da presidenta Dilma, perto da foto do atual prefeito da cidade, com um casal abraçado na esquerda e a direita uma manchete, “R\$320 mil para Frutal” ao lado de várias chamadas, com chapéus de temas diversos cada um com um tom, como se fossem submanchetes sobre: Homicídio, futuro, fiscalização, reciclagem, Frei Gabriel, solução, posse, acidente, social, confraternização

No que se diz respeito às imagens utilizadas nos jornais, ela são usadas para situar o leitor no ambiente e substitui a imagem mental que pode ser criada pelo leitor, nas capas esconde-se o corpo do morto, tem a obsessão de mostrar acidentes com fotos factuais juntamente com fotos de pessoas vivas sobrepostas a foto do acidente, como podemos notar nessas capas do Jornal de Frutal, 13 de março de 2015 e Jornal Pontal, 12 de março de 2015.

Jornal Pontal 97 FM
 COMPANHIA COMERCIAL DE FERTILIZANTES
 11 de Maio de 2013

Acidente tira a vida de criança e avó na BR-364



Acidente na Serrinha faz mais uma vítima

Integrantes de cinco movimentos de sem-terra bloquearam a BR-364, causando transtorno na rodovia

Um acidente envolvendo um veículo de passeio, que também era fôto de condições, sofreu batidas graves e se encobriu batendo em Obreira

Estudante da FAP morre de problemas cardíacos

DESTAQUE MULHER
Escolas e CEMETÉRIOS de Frutal recebem equipamentos eletrônicos e mobiliário

TRAFICO
Polícia apreende drogas em Frutal

SOCIAL
Aniversário

Recuperação da MG-255

Um acidente na Rodovia de Obreira, na Zona Rural, resultou na morte de uma criança e de sua avó. O veículo, um veículo de passeio, sofreu batidas graves e se encobriu batendo em Obreira.

Integrantes de cinco movimentos de sem-terra bloquearam a BR-364, causando transtorno na rodovia.

Um acidente envolvendo um veículo de passeio, que também era fôto de condições, sofreu batidas graves e se encobriu batendo em Obreira.

Estudante da FAP morre de problemas cardíacos.

Escolas e CEMETÉRIOS de Frutal recebem equipamentos eletrônicos e mobiliário.

Polícia apreende drogas em Frutal.

Aniversário.

Um acidente na Rodovia de Obreira, na Zona Rural, resultou na morte de uma criança e de sua avó. O veículo, um veículo de passeio, sofreu batidas graves e se encobriu batendo em Obreira.

Integrantes de cinco movimentos de sem-terra bloquearam a BR-364, causando transtorno na rodovia.

Um acidente envolvendo um veículo de passeio, que também era fôto de condições, sofreu batidas graves e se encobriu batendo em Obreira.

Estudante da FAP morre de problemas cardíacos.

Escolas e CEMETÉRIOS de Frutal recebem equipamentos eletrônicos e mobiliário.

Polícia apreende drogas em Frutal.

Aniversário.

04/11/2013 08:30
 Página 01 de 02
 97 FM

Jornal da Frutal 20 anos
 Rua da Moura, 97 - Edifício Casuarina - Sala 20 - Frutal/MG - Fone: (31) 3421-3811 - jornaldafrutal.com.br - www.jornaldafrutal.com.br

Tragédia na 364 tira a vida de avó e neta

O veículo passeiro, que também era fôto de condições, sofreu batidas graves e se encobriu batendo em Obreira



Estudante da FAP morre de problemas cardíacos

Motorista alcoolizado cai no rio Grande

Grupo dos sem-terra invade BR-153 por 4 horas em Frutal

Uma nova história para o Projeto Feliz Idade

Presidente da Câmara luta pela recuperação da 255

CONTRUÇÃO - ACABAMENTO - BRIGILAGEM - DECORAÇÃO - JARDINAGEM

TREVAO

Piatto 50x50x10mm R\$ 109,90
 Tábua 2x4x12mm R\$ 15,90
 Tábua 2x4x12mm R\$ 59,90

17 3321 6633 - Frutal/MG - 24 horas
 Rua da Moura, 97 - Frutal/MG - 31.342-1100

A presença da imagem vinculada ao texto relata diretamente o município de Frutal, mostrando dados geográficos, indiciando pessoas, no caso de capas com suspeitos, não culpados, assim o assunto fica mais real para o leitor, que não precisa mais imaginar o que está lendo e só observar e identificar os locais, que é fácil para uma pessoa nativa de Frutal, assim o jornal vira um formador sócio simbólico para os que o leem.

A perspectiva de mundo dos leitores vai sendo criada por meio de interpretações textuais e imagéticas que o jornal intitula e relata como verdades diariamente, assim construindo sua visão de mundo a partir disso.

Nas capas do Jornal Pontal, 28, de maio de 2015 e no Jornal de Frutal, 27, de maio de 2015, tem por prerrogativa, não mostrar o corpo morto e sim apontar os sujeito e vitimas.



Tendo como principal prerrogativa excluir o corpo morto da realidade, aquela imagem substitui a imagem do ocorrido em sua realidade, e como um ato simbólico não choca tanto, mas direciona o leitor para entender o fato e os personagens que o situam.

E existe ainda um outro fenômeno que só recentemente começou a revelar seus imensos efeitos: a silenciosa transformação do corpo em uma imagem do corpo, a qual nega a diferença entre imagem e corpo. O imaginário assim surgido dá início, por um lado, à herança de poderes que foram dominantes na teoria e na prática medieval (teologia) e moderna (medicina). Por outro lado, tal imaginário substitui os corpos em sua realidade, tornando-os virtuais. No entanto, permanece por ora em aberto a quem compete dirimir a questão acerca da ausência e dos mortos.(KAMPER, 200, p.02)

Conclusão

Nota-se que a morte aparece de forma tão recorrente que se acredita que ela retrata a fragilidade

do município por meio do horror, numa espécie de obsessão temática em cultivar a memória do medo.

...não podemos pensar em nenhuma realidade humana possível sem que a cultura e os processos da comunicação social (as imagens partilhadas) desempenhem papel central na formação da realidade, ou, pelo menos, na forma como os homens a concebem e com ela interagem. (CONTRERA,2002, p.39)

E esse medo que não é nosso medo e sim do outro, ocupa a vida de forma coletiva, com prerrogativa de criar concepções a partir dessa realidade retratada, moldando assim o cotidiano e vida social, “Medo molda o cotidiano das grandes cidade, desde seus contornos arquitetônicos até o comportamento de seus habitantes” (MATHEUS, 2011,p.25)

...em larga medida, o afeto que construiu nossas vidas sociais foi o medo. E há de se pensar sobre isso, e há de se pensar se boa parte do nosso bloqueio da nossa criatividade política e social de nossa incapacidade e

dificuldade de traçar novos futuros possíveis não venha do fato que o afeto em larga medida que construiu nossa sociedade foi o medo.(SAFATLE, 2014, T. 9:25)

A forma como a morte aparece no jornalismo popular tem dimensões políticas e sociais fortes, os procedimentos editoriais que organizam o jornal tem esse discurso como o principal para obter visibilidade, pois a questão mercadológica é envolvida diretamente antes do jornal chega ao leitor, e quando chega, carrega uma “cadeia de transformações que lhes entregam um real já domesticado” (MOUILLAUD,2002, p.51).

Referências bibliográficas

MATHEUS, L. C. *Narrativa do Medo - o Jornalismo de Sensações Além do Sensacionalismo*, Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*, p.59. São Paulo:Contexto,2006

ANDRADE, Samuel. *Um passeio pelas mortes no Super Notícia*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de Jornalismo da

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2013.

PORTARI, Rodrigo. A construção da violência e da morte nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Agora São Paulo. Dissertação de mestrado defendida junto ao PPG-Com da UNESP. Bauru, 2009.

PORTARI, Rodrigo. O trágico, o esporte e o erotismo: a presença de uma tríade temática nas capas dos jornais Super Notícia e Jornal de Notícias. Tese de doutorado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Belo Horizonte, 2013.

BARBOSA, Marialva. A história da Comunicação no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ANGRIAMI, Danilo. Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BYSTRINA, Ivan. Tópicos da Semiótica da Cultura. (Pré-print). São Paulo: CISC, 1995.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia [Tradução: Rubens Figueiredo]. São Paulo: Cia. das Letras, 2004

KAMPER, Dietmar. O corpo vivo, o corpo morto, São Paulo, 2000.

SAFATLE, Lógica do condomínio. Café Filosófico: São Paulo, 2014.

LITERATURA, MÍDIA, CULTURA E IMAGINÁRIO

Marcelo Pessoa¹⁸

RESUMO: Em 1922, fundou-se, no Brasil, a “Liga Brasileira de Higiene Mental”. Dentre suas estratégias, destacava-se a ideia de se impor a ordem por meio da higienização social, retirando-se do ambiente social e cultural, o indivíduo que não aparentasse ser produtivo ao capitalismo ou que não tivesse pleno domínio de suas faculdades mentais – o que incluía, de forma velada, mas óbvia, os subversivos, os inconvenientes de qualquer natureza, os homossexuais e certos arroubos comportamentais próprios das novas gerações típicos de todas as épocas. Em qualquer das situações apresentadas, o cidadão que não se “enquadrasse” aos ditames do *status quo* reinante (macho, branco, adulto, heterossexual, católico, formatado, de direita, de esquerda etc.) poderia ser considerado um ser que precisava ser privado do convívio social e trancado em hospitais psiquiátricos ou isolado para que passasse a viver à margem da civilização e do capitalismo e, assim, muitas vezes, sem acesso a direitos básicos como o do ensino escolar regular, ao próprio patrimônio privado e também à dignidade social e afetiva, promovia-se no indivíduo uma paradoxal

¹⁸ Doutor em Letras pela UEL (2010), com pós-doutorado pela USP (2012), Departamento de Zoologia. Docente da UEMG, Campus de Frutal – MG, nos cursos de Direito, Comunicação Social, Administração e Sistemas de Informação. Contato: mpmarcelopessoa@yahoo.com.br. Link para o LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1863556911259481>.

exclusão para dentro do sistema. A lógica era bem simples: o sujeito “inadequado” seria afastado dos demais, para que não transmitisse sua “doença”, isto é, sua rebeldia às pessoas ao redor e não atrapalhasse o “progresso e a ordem da nossa nação” ou não interrompesse a evolução natural do capitalismo e das demais estruturas da sociedade civilizada. Nasce desse contexto plural e abjeto, então, nosso empenho em explorar do ambiente geral do imaginário das novas gerações, o tema do homossexualismo na sociedade contemporânea, donde, para evitarmos referências muito recorrentes a nomes e contextos relativos à sociedade real, tomamos por estudo de caso, o fenômeno midiático e o literário que permitem, por meio de uma relação de significado (a mídia) e significante (a literatura), objetivar por em evidência o porquê que a opção sexual expressa pela homossexualidade era e ainda continua sendo um dos grandes tabus-enigmas da civilização pós-moderna. Como resultados preliminares, já podemos afirmar que, apesar de todo o aparente discurso de inclusão social que se devota aos homossexuais, o principal alicerce que sustenta esta inclusão dá-se pela força do chamado *pink money* (o dinheiro rosa), e não necessariamente pela desejada extinção do preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: discurso e sociedade; questões de gênero; *pink money*; *Bom-Crioulo*.

Introdução

Tendo como linha de visada os horizontes entrecruzados que envolvem parte do imaginário sociocultural das novas gerações, da mídia e da sociedade reificados pela literatura e pela programação televisiva, este texto porá em discussão alguns fenômenos da comunicação de massa e da cultura¹⁹ que, de certo modo, fazem transitar o entendimento que se tem sobre o gosto popular e sobre o critério refinado de percepção da condição social humana entre os polos da crença e da descrença, do real e do surreal, do belo e do grotesco e, por extensão de tudo isso, voltado a itens socioculturais que ajudam a promover um realinhamento das convicções de consenso ou dissenso quanto a inúmeras categorias de

¹⁹ No texto “Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social” (LIMA, 2000, p. 109-131), Robert Merton e Paul Lazarsfeld trazem, a este artigo, as principais compreensões sobre “controle social via *mass media*” aqui adotados, ainda que reconheçamos que os demais textos presentes na obra referenciada também tenham contribuído para a totalidade do juízo aqui formado.

pensamento como, por exemplo, o controle social²⁰, categoria esta em que o capitalismo opera sobre aspectos de expressão da sexualidade humana.

Desse modo, isto é, já tomando, de um lado, um dos produtos da mídia moderna, que lança mão de um recurso que faz uma combinação do erudito com o popular, do real com o surreal, do belo com o burlesco e, por que não também, do trágico com o grotesco, do masculino com o feminino etc., trazemos à tona neste texto as edições do “BBB” 11, 12, 13, 14 e 15²¹. A escolha por este programa se

²⁰Segundo Guy Rocher (em 1971), “o controle social é um conjunto de sanções positivas e negativas a que uma sociedade recorre para assegurar a conformidade das condutas aos modelos estabelecidos”. Este controle se ergue no grupo social como meio de impedir que os indivíduos hajam impelidos, não só por seus próprios impulsos, criando regras, organizações, etc. para regulamentar o comportamento dos indivíduos e grupos sociais. Para Luther L. Bernard (em 1939), “as funções básicas deste controle são a ordem social, a fim de se assegurar a proteção da coletividade, a eficiência e a paz das instituições, garantindo-se que os indivíduos sejam capazes de, por meio de certos estímulos, dar respostas adequadas ao sistema como um todo” (fragmento adaptado de LAKATOS & MARCONI, 1999).

²¹ “Big Brother Brasil” (representado pela sua sigla, BBB) é a versão brasileira do *reality show Big Brother*, criada por John de Mol, cuja primeira temporada mundial foi realizada em 1999, nos Países Baixos (No Brasil, em 2016, realiza-se a 16ª temporada do programa durante o mês de janeiro). Sabe-se que o nome do programa tem fortes laços com o livro *1984*, escrito em 1948, por George Orwell. Há diversas semelhanças

pauta, por ele ter sido pensado para ser um espetáculo de entretenimento popular que invariavelmente passou a contar em seu elenco com participantes declaradamente *gays*, representantes estes de um segmento sociocultural normalmente associado ao universo da polêmica, do controverso, quer observado sob o ponto de vista daquilo que explicitamente defendem, quer sob o ponto de vista do *status* social de maior ou menor repressão com o qual têm de lidar na contemporaneidade²².

entre o programa e o romance. Na obra literária, por exemplo, o *Big Brother* (ou “Grande Irmão”) é um líder que governa o mundo ocidental em um futuro fictício. Ele vigia toda a população através das chamadas teletelas, governando de forma despótica, manipulando a forma de pensar dos habitantes. O *Big Brother* orwelliano é o apresentador do programa. Ele é o único contato que os participantes têm com o mundo fora da casa, como o que ocorre na versão brasileira do *reality*, com o jornalista Pedro Bial. Nisso, o apresentador também assume a função de “Grande Irmão” ao instruir psicologicamente os participantes. É curioso notar que, como no livro *1984*, quando os participantes do *Big Brother* na TV veem a imagem do apresentador na tela, esses o enaltecem da mesma forma que os habitantes da Oceania fazem com o “Grande Irmão”.

²² Vale a nota que, mesmo já em edições anteriores do BBB isto já acontecia, ainda que de modo subliminar. Fato que, na edição de número cinco do *reality Big Brother*, o vencedor foi Jean Wyllys, notório militante LGBT e que, depois, tornou-se deputado federal e, na Câmara dos Deputados, defensor fervoroso das causas homossexuais (como o combate à homofobia, o casamento *gay* e a adoção de filhos por casais homossexuais).

Outro fator midiático que nos chamou a atenção nesse nosso diálogo entre sociedade, mídia, comportamento humano e literatura, aconteceram quando o programa “Na Moral” (sob o comando do jornalista e apresentador Pedro Bial, funcionário da Rede Globo de Televisão, que também comanda o “Big Brother Brasil”), levou ao ar a realização de um casamento *gay* num de seus episódios, exibido em 19 de julho de 2012. E, além disso, chamou nossa atenção também, o fato de que esta mesma emissora passou a produzir telenovelas (produto-chave em sua grade de programação diária), de 2013 para cá, sempre pondo em evidência relacionamentos *gays* em seus capítulos.

Personagens travestis e transexuais não são novidades nessa seara. Para exemplificar esta linha dramática voltada para a questão dos gêneros, podemos citar os casos da personagem Ramona (vivida pela atriz Claudia Raia), em “As Filhas da Mãe” (2001), a personagem Sarita (vivida pelo ator Floriano Peixoto), em “Explode Coração” (1995), e a personagem Ana Girafa (vivida pelo ator Luis Salém), em “Aquele Beijo” (2011). Em “Meu Pedacinho de Chão” (2014), a personagem Gina (vivida pela atriz Paula Barbosa) não é homossexual,

mas a sua figura masculinizada e um tanto bruta gerou comentários e olhares tortos por parte dos outros habitantes da pequena e ficcional Vila de Santa Fé. [...] Já na novela seguinte, “Geração Brasil” (2014), o ator Luis Miranda surge como a travesti Dorothy. Nordestina e negra, a personagem carrega assim outras duas características que, invariável e infelizmente, ajudam a calibrar a carga preconceituosa de boa parcela dos brasileiros. [...] Em “Amor à Vida” (2014), o personagem Félix (vivido pelo ator Mateus Solano) e o personagem Niko (vivido pelo ator Thiago Fragoso), protagonizaram um beijo *gay* nos momentos finais da trama que teve importância histórica para a televisão brasileira. [...] Na novela “Em Família” (2014), tivemos o casal “Clarina”, como ficou conhecido o relacionamento da personagem Clara (vivida pela atriz Giovanna Antonelli) e a personagem Marina (vivida pela atriz Tainá Müller). Recentemente, na novela “Liberdade, Liberdade” (2016), os atores Ricardo Pereira – que vive o personagem Capitão Tolentino, e Caio Blat, interpretando o aristocrata abolicionista André, protagonizaram a primeira cena de sexo explícito entre homens na TV aberta brasileira, em episódio da noite de 12/07/2016, em

destaque na imagem abaixo:



Disponível em: <http://br.blastingnews.com/tv-famosos/2016/07/cena-de-sexo-gay-em-liberdade-liberdade-divide-opiniao-do-publico-e-gera-protestos-001012601.html>

E, para finalizarmos esta lista que poderia ser mais extensa, evocamos a novela “Babilônia” (2015), em que as atrizes Nathália Timberg e Fernanda Montenegro – respectivamente à esquerda e à direita na imagem abaixo –, levaram ao ar um beijo *gay*, na noite de 16/03/2015. (o parágrafo acima foi adaptado do texto postado em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/opiniao/analise-globo-abre-armario-e-personagens-gays-invadem-novelas-3337>, 2015).



(imagem extraída de <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/por-que-o-beijo-gay-entre-fernanda-montenegro-e-nathalia-timberg-chocou-mais.html>).

Assim, um trabalho como o nosso, ao por tais questões em evidência numa produção sociocultural crítica que dialoga com o universo do dentro e do fora da Universidade, pretende voltar a atenção para um modelo de comportamento cultural latente de reversão histórica da segregação imposta aos que antigamente eram chamados de “inadequados”, e que hoje são cooptados pelo próprio sistema que os excluía para fora, agora são excluídos para dentro, chamados que foram à convivência social por meio

da força capital de seu potencial de consumo.

Vale dizer, que isso se deve ao fato de que a receita que esta parcela de consumidores pode gerar é bastante significativa²³, tendo em vista que

²³ De acordo com o IBGE, 10% da população brasileira é composta por homossexuais – cerca de 19 milhões de pessoas. Ignorá-los seria o mesmo que não dar atenção a um grupo com poder de compra e renda média individual de R\$ 2.500. Em 2006, o grupo de comunicação e marketing Witeck-Combs estimou o poder de compra dos *gays* norte-americanos em US\$ 641 bilhões. Para 2011, segundo o mesmo grupo, esse valor deveria chegar a US\$ 835 bilhões. No Brasil, não há estimativas de quanto os *gays* movimentam financeiramente. Pesquisa realizada pela Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT), em parceria com a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), na “Parada Gay” de São Paulo, em 2006, mostrou que a renda de homens e mulheres homossexuais são próximas, e o mercado lésbico é tão promissor quanto o mercado *gay* masculino. Ambos os grupos costumam gastar 30% a mais que os heterossexuais. *Gays* são melhores gastadores por um motivo simples: a grande maioria não tem filhos. Por essa razão, podem consumir em benefício próprio. Outro dado: a maior parte preza a sofisticação e o conforto e, por isso, não se incomoda em pagar mais, desde que o produto ou serviço seja de qualidade. De modo geral, *gays* também são mais sociáveis, saem mais de casa e, por consequência, gastam mais. Levantamento feito pela InSearch, em 17 Estados brasileiros, revelou o perfil econômico do *gay* masculino. A maioria, 39%, pertence às classes A-B; 30% à classe C; e 48% tem nível superior completo. *Gays* gastam 60% a mais em cosméticos e 28% a mais em itens culturais e educativos. Do total de entrevistados pela InSearch, 88% disseram ler jornais; 48% têm TV por assinatura; e 57% compram livros (média de oito por ano). Homossexuais também não economizam na hora de viajar. De acordo com a International Gay & Lesbian Travel Association (IGLTA), o turismo *gay* movimenta US\$ 54 bilhões por ano no mundo. Lá fora, até o

consomem produtos de alto valor agregado, tais como itens digitais, turismo, alta gastronomia, bens duráveis, produtos de decoração, vestuário de luxo, automóveis etc., gerando uma inclusão social que não altera nada no nível do paradigma social que os excluía, visto que esta “inclusão” se dá via a perspectiva de seu potencial consumista, sustentado pelo chamado *pink money*²⁴.

Ao mesmo tempo, vale salientar que nossa pesquisa reverbera o fato de que em nossa sociedade circula uma gama enorme de representações sociais sobre as questões de gênero, especialmente nos

McDonald's causou polêmica ao veicular comercial na TV francesa em que mostrava o seu apoio à comunidade *gay*. Por aqui, aos poucos vão surgindo produtos como pacotes turísticos e lançamentos imobiliários; o “Arco-Íris Card”, da JJCL Brasil Cartões, e o Vida Freedom, seguro de vida da American Life para casais *gays* (adaptado de <http://brasileiros.com.br/2011/06/o-poder-do-pink-money/>, acesso em 26/01/2016).

²⁴ Esta expressão tem circulado em nossa sociedade, a partir dos anos 90. Contudo, ganhou força em vários lugares do mundo, a partir do momento em que os movimentos sociais em prol dos direitos e garantias dos homossexuais foram se avolumando. Desde então, o mercado, a partir de seus próprios interesses, passou a “incluir” os hábitos de consumo da comunidade homossexual em sua pauta, incentivando a segmentação de marketing destinada ao nicho *gay*. Assim, bares, boates, shows, cruzeiros, condomínios e, enfim, uma infinidade de produtos de luxo, de bens e de serviços foi criada, tendo por base o *pink money*, ou, simplesmente, o “dinheiro rosa”.

bastidores da juventude universitária²⁵, fato que forçosamente nos alimentou, por ocasião da escolha do objeto de análise, a fazer uma opção que fosse o mais representativa possível de tudo o que socioculturalmente produzimos. Assim, portanto, justificou-se aqui por em rota de comparação a

²⁵ É fenômeno recente (2016), mas o Facebook, nos EUA, já tem adotado por lá, na definição de seu perfil de usuário, 56 possibilidades de gêneros. Logo, ao se inscrever, o usuário da conta se identifica como adepto deste ou daquele gênero, e imediatamente passa a ser tratado do como se definiu. No Brasil ainda não temos essas possibilidades todas, mas é certo que logo chegará por aqui. A seguir, apresentamos oito deles, a título de ilustração: 1. Agender (Agênero – quem não se identifica ou não adota qualquer definição de gênero); 2. Androgyne (Andrógino – aquele que não se identifica ou não se define apenas como homem ou como mulher); 3. Bigender (Bigênero – quem se identifica como homem e mulher ao mesmo tempo); 4. Gender Fluid (Gênero Fluído – quem se identifica alternadamente como, dependendo da compreensão que tem de si num dado instante); 5. Gender Nonconforming (Gênero Não-conformista – quem se identifica como avesso ao que a sociedade esperaria dela/e); 6. Intersex (Entressexo – quem se identifica como alguém cujos traços anatômicos não estão definidos nem para homem nem para mulher); 7. Transgender (Transgênero – quem se identifica com opções sexuais não associadas ou que transcendem as possibilidades de sua genitália); 8. Two-Spirit (Duplo Espírito – quem se identifica com papéis especiais dentro de uma sociedade, independentemente se próprias de um homem ou de uma mulher, dado a importância social que teria sua atuação dentro de certo grupo social, sendo este grupo geralmente de ordem tribal) (ver lista completa dos gêneros do Facebook norte-americano disponível em: http://www.slate.com/blogs/future_tense/2014/02/13/facebook_custom_gender_options_here_are_all_56_custom_options.html).

representação literária da questão do gênero, a partir da obra *Bom-Crioulo* (escrita em 1895), a representação social, a partir “Liga Brasileira de Higiene Mental” (1922), e a produção midiática que se alinhava desde o programa “Big Brother Brasil” (primeira edição em 1999), e o programa “Na Moral” e as Telenovelas enredando-se, assim, um diálogo entre um passado notoriamente conservador e arcaico (como na época da “Liga Brasileira de Higiene Mental” – que mostra a sociedade por meio de sua superestrutura – ou do contexto de *Bom-Crioulo* – que mostra a infraestrutura da sociedade), e um presente pretensamente liberal e de vanguarda (como o programa “Big Brother”, que aquém e além, rompe com a infra e com a superestrutura)²⁶. Desse modo,

²⁶ Segundo Marx, a sociedade humana se reconhece pela infraestrutura e pela superestrutura. A infraestrutura compreende as forças e relações de produção — condições de trabalho entre empregador-empregado, a divisão do trabalho e relações de propriedade — na qual as pessoas entram para produzir as necessidades e comodidades da vida. Essas relações determinam outras relações e ideias da sociedade, que são descritas como superestruturas. A superestrutura de uma sociedade inclui a cultura, instituições, o poder político e o Estado, os papeis sociais, os rituais. A infraestrutura determina a superestrutura, mas sua relação não é estritamente causal, porque a superestrutura, muitas vezes, influencia a infraestrutura (adaptado do verbete “base e superestrutura”, In: BOTTOMORE, 2001, p.27-29).

por coerência teórica, foi igualmente inevitável não nos reportarmos aos estudos sobre a sexualidade de Freud²⁷ e Lacan²⁸, no seu seminário *O desejo e sua interpretação*²⁹.

²⁷ Dr. Sigmund Freud, pai da psicanálise, nasceu em 1856, vivendo até 1939. Fez grandes contribuições ao estudo da sexualidade humana, descrevendo seu desenvolvimento desde a infância. Foi o primeiro pesquisador a ousar dizer que as crianças eram dotadas de sexualidade desde o início da vida, que se auto-manipulavam em busca de prazer (prazer inicialmente oral, depois anal e finalmente genital). O estudo da sexualidade e de seus diferentes aspectos desenvolvimentais e clínicos passou a ter relevância a partir de seu trabalho intitulado "Três Ensaios Sobre A Teoria Da Sexualidade". Desde então, uma série de estudiosos, pensadores e cientistas passou a buscar mais conhecimento a respeito desse complexo fenômeno biopsicossocial, tanto com referenciais psicanalíticos, quanto comportamentais e biológicos.

²⁸ Jacques Marie Lacan nasceu em Paris, em 13 de abril de 1901, e morreu em 09 de setembro de 1981. Filósofo e psicanalista francês, suas ideias, de fundo estruturalista, abalaram o cenário psicanalítico da França, a partir da década de 1960. Buscou a companhia dos artistas do surrealismo, atraídos que estavam pelo caráter revolucionário das teses. Numa retomada crítica dos conceitos saussurianos de "significante" e "significado", Lacan afirmou a autonomia do significante e o inseriu na origem simbólica, constituída pela linguagem. Afirmou que o significante preexiste ao sujeito e sobrevive a ele, faz do sujeito homem ou mulher, traça seu destino e o priva de qualquer relação natural com o mundo.

²⁹ Lacan, em seu seminário ainda inédito, "O desejo e sua interpretação", comenta, entre outras, a obra teatral de Shakespeare, "Hamlet". Na sessão 22, de 27 de maio de 1959, ele diz que a obra de arte, no caso, obra de arte escrita, não pode ser considerada como uma transposição ou sublimação da realidade. Mais adiante, na mesma sessão, Lacan esclarece que a obra de arte não é paralela à ordem simbólica que estrutura a realidade humana.

Assim, neste trabalho, pretendemos adicionalmente, ao problematizar a sexualidade humana e a inserção social do *gay*, chamar a atenção para um comportamento cultural latente, ao mesmo tempo em que detecta em nossa sociedade uma gama enorme de representações sobre o assunto, propomos um maior debruçar sobre as representações socioculturais sobre o tema, a partir das quais se sintetizam um diálogo entre um passado notoriamente conservador, e um presente pretensamente de vanguarda, mas que, na pós-modernidade, continuam sendo negligenciados.

Assim, na primeira seção, apresentamos ao leitor nossos materiais e métodos de pesquisa, realizando uma breve exposição e tratamento de dados.

Na segunda parte, realizamos um aprofundamento das discussões, definindo ter por objeto principal da análise neste momento, o livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (em sua edição publicada no ano de 2002).

Ela é transversal a esta simbolização humana da realidade, ela tem a natureza de um corte que se efetua nessa realidade. E o que aparece, o que se constitui nesse corte, é o sujeito. Nas palavras de Lacan, nesse corte, o “real” do sujeito se manifesta.

Em seguida, já a partir do final da segunda seção, apresentamos nossas conclusões e referencial bibliográfico, a partir dos quais, enfim, pudemos buscar sustentar e elucidar alguns pontos mais emblemáticos surgidos durante nossa investigação.

1. Materiais, métodos e contrapontos da pesquisa

A partir de observações empíricas amostrais quanto aos fatos mencionados, notamos que eles despertaram inúmeros desconfortos socioculturais, ao menos foi o que presenciamos nas ruas, nos corredores universitários, e nas leituras coletadas a partir dos *sites* indicados pela busca sobre o assunto realizada no *Google* etc. Apenas como amostragens dessa repercussão coletaram informações que nos deram conta de que, quando pusemos a expressão “na moral casamento gay”, sem aspas, no motor de buscas *Google*, o resultado, no dia 21/08/2012, às 10h33min, foi de 908.000 (novecentos e oito mil) indicações de *links* contendo discussões sobre o assunto.

A mesma expressão, “na moral casamento gay”, igualmente sem aspas, consultada no mesmo

site, em 30/09/2013, às 21h29min, apesar de mais de um ano depois da primeira busca, ainda ofereceu o montante de 399.000 (trezentos e noventa e nove mil) entradas sobre o assunto.

Em 17/04/2015, às 12h51min, realizando a mesma busca, obtivemos o resultado de 251.000 (duzentos e cinquenta e um mil) apontamentos.

E, em 25/01/2016, às 16h50min, atualizando nosso banco de dados, alcançamos impressionantes 261.000 (duzentos e sessenta e um mil) *links*.

Mais recentemente, em 19/07/2016, às 17h30min, a mesma expressão inserida no *Google* apresentou um resultado de 182.000 resultados.

Ou seja, quase quatro anos depois da primeira consulta ao *Google*, o tema “na moral casamento gay”, apesar da oscilação predominantemente descendente no número de entradas sobre o assunto, ainda desperta o interesse de muitíssima gente e aponta, não mais para a definição do perfil de um público que tem interesse numa tendência comportamental sexualmente tendenciosa ou desvirtuante, mas, para uma realidade instalada em nossa sociedade e em nossa cultura – as questões de gênero estão definitivamente na pauta sociocultural brasileira.

Se alinharmos essa repercussão detectada às diversas reações populares anônimas que, diante das mesmas situações com a mesma conotação sexual, se calam, se expõem, se omitem ou, enfim, reagem deste ou daquele modo, veremos que esta reação se dá de forma silente ou violenta para atrair ou para afastar os membros dessa ou daquela minoria sociocultural por mero instinto de sobrevivência, donde se verifica que o volume e a duração da repercussão destes atos podem ser inatos, involuntários, posto que são tão implícitos quanto necessários à nossa formação social:

Freud defendia o ponto de vista cultural filosófico de que a cultura deve seu aparecimento à repressão impulsional, ou seja, à abstinência impulsional, o que também procurou demonstrar no problema de invenção do fogo. A ideia básica é que as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui fator indispensável de qualquer formação de cultura (REICH, 1988, p. 42).

Na mesma linha de raciocínio, se fizermos um cotejamento da superexposição *GLSBT* na mídia, tornada bem eloquente a partir da repercussão midiática global, posta ainda à luz dos saberes da psicanálise relacionados à repressão libidinal com o imaginário religioso medieval, por exemplo, veremos que, num passado não muito distante, o controle e o desconforto social neste meio vinha à tona por meio do mesmo modelo de contenção sexual aludido acima por Reich. Isto é, a cultura de um tempo e de um povo se manifestava, dentre outras maneiras, também por meio da excessiva preocupação com a questão do prazer sexual, com os “perigos” da masturbação, da homossexualidade, e com outros tantos “desvios” ou desalinhos sexuais. Há livros clássicos sobre o tema no meio religioso. Exemplarmente, lembramos aqui a obra *A virgindade consagrada*, de Santo Agostinho, e o texto de *Ética - Fundamentos, Oração, Sexualidade*, de Martinho Lutero.

Nos tempos atuais, contudo, depois da "revolução sexual" consolidada nos anos de 1960, passamos a computar a repercussão cultural que recai sobre este assunto via suportes midiáticos modernos como os aplicativos da internet: curtidas no

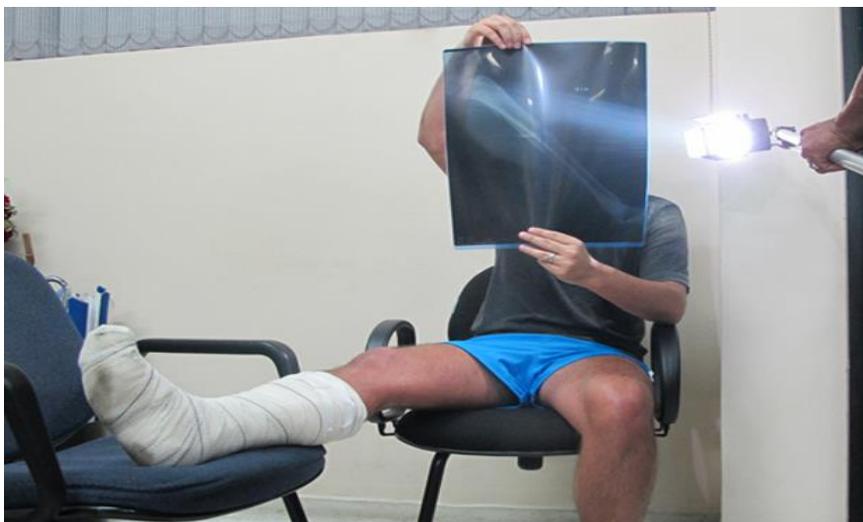
“Facebook”, postagens do “whatsapp” ou mensagens do “twitter”. Nisso, isto é, a julgar pelo volume do interesse que a expressão “na moral casamento gay” ainda desperta, ou mesmo pelo interesse geral que prevalece sobre a vida sexual das celebridades televisivas ou dos políticos, por exemplo, vemos que em nossa sociedade ainda ocorre uma espécie de volta à era da sublimação e da repressão sexual, nos moldes das:

Várias sociedades [que ainda] utilizam ritos de iniciação para que o menino se afaste do mundo das mulheres e renasça homem. Esses rituais comportam três etapas bastante dolorosas: a separação da mãe e do mundo feminino; a transferência para um mundo desconhecido; a passagem por provas dramáticas e públicas. Quando tudo é concluído, o menino é considerado homem. Em diferentes culturas e épocas, observa-se a preocupação com a idéia de que os filhos sejam contaminados pelas mães. Acreditam que, se não forem afastados delas, não é possível tornarem-se homens adultos (LINS, 2007, p. 159).

Mas, então, porque, apesar de uma consciência cultural histórica praticamente tribal, de cor emocional rupestre, que acolhe fenômenos como os da separação entre meninos e mães, comportamentos culturais tão arraigados socioculturalmente como a homossexualidade, ainda despertam ou atraem para si tanto espanto, como se fossem novidades em nossa sociedade? Será que é porque somos uma paradoxal mistura de aspectos primitivos, representáveis pelo concreto e pelo aço, associados a modernismos, expressos pelos *terabites* do *whatsapp*, pelo *twitter*, pelo *Facebook* etc., podendo, às vezes, gerar atitudes absurdamente contrárias entre si, como a hiperexposição midiática a futilidades vazias em horários nobres de televisão, combinadas com as falsas inclusões igualitárias via *pink Money*, sobreposta a atitudes omissas e repressivas do Estado, sublimantes ou agressivas quando o controle social falha?

Não se trata aqui, evidentemente, de darmos um tratamento consumista de *merchandising* à homossexualidade, discutindo o que se mostra explicitamente neste ou naquele *BBB* ou no *Na Moral*. Mas, sobretudo, de tentarmos entender a

natureza de parte dos motivos dos “olhares” de assombro ou de mero interesse especulativo constatados via internet ou dos espancamentos nas ruas dos grandes centros urbanos destinados à comunidade *GLSBT* como o brutal ataque feito ao jovem Marcos Paulo Villa (foto abaixo) e ao seu namorado, na Avenida Paulista, centro financeiro de São Paulo, em 02/10/2011.



(imagem extraída de <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+Marcos+Paulo+Villa+atacado+na+avenida+paulista>)

A violência posta ali em evidência pareceu caminhar silente pelas vielas da cultura e da psique humana, oculta pelas máscaras de uma civilidade artificialmente enjaulada pelos interesses nem sempre claros do consumo, da política do consenso, da filosofia politicamente correta, encolhida dentro de uma gigantesca redoma de pseudos avanços tecnológicos. Em suma, vemos que a nossa agressividade é tão sublimada quanto a nossa sexualidade – e nisso, temos um inevitável encontro pós-moderno, entre Eros e a Civilização (MARCUSE, 1981), entre a base e a superestrutura, cujo choque tem proporções culturais titânicas.

2. Aprofundando discussões, selecionando objetos

2.1 O homoerotismo de Bom-Crioulo

Através da repressão sexual via expectativa da punição, a sublimação se expressa na impossibilidade da realização do desejo. Desse modo, o desejo e a fantasia humana em torno dos desejos sexuais reprimidos e ou condenáveis só podem se manifestar para além do imaginário coletivo por vias indiretas, ou seja, por seus substitutos metafóricos nas letras de

um romance (nas imagens ficcionais de uma telenovela ou nos episódios diários de um *reality show*). É o que parece ocorrer em *Bom-Crioulo*, ao se realizar uma zoomorfização, quando se compara o personagem central ao perfil de um bruto, de um animal:

Entretanto, o seu nome ia ganhando fama em todos os navios. – Um pedaço de bruto, aquele Bom-Crioulo! diziam os marinheiros. Um animal inteiro é o que ele era! Tinha um desejo ainda: suspirava por embarcar em certo navio, cujo comandante, um fidalgo, dizia-se amigo de todo marinheiro robusto; excelente educador da mocidade, perfeito cavalheiro no trato ameno e severo. Bom-Crioulo conhecia-o de vista somente e ficara simpatizando imensamente com ele. Demais, o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que se inventavam por aí... Ele, Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que diabo!

ninguém está livre de um vício (CAMINHA, 2002, p. 25).

Se na “Liga Brasileira de Higiene Mental” se falava em assepsia de pessoas quando se queria promover um apartamento dos “normais” em relação aos “indesejáveis”, ou se Freud falava do mesmo tema em termos de deformações oníricas, nas quais os conteúdos mentais (normais e indesejáveis) sofriam, por parte do inconsciente, inversões ou mudanças de valor afetivo, no imaginário coletivo das novas gerações, na obra de arte ou na ficção, talvez seja mais adequado falarmos em deformações substitutivas, em que os atores ou o autor encontram em suas imagens, em seus enredos, em seus personagens e tramas, a oportunidade de se expressar, de realizarem-se catarticamente a eles mesmos e à sociedade a partir da qual emite seu discurso (BHABHA, 1998).

Noutros termos, como diz-nos Lacan, o seu “real” se materializa (ou o seu significante, como ele prefere), ou, enfim, seu desejo se expressa (o seu significado) e, por sua vez, tanto a sociedade quanto as suas leis e as suas estruturas organizacionais se tornam visíveis, por exemplo, por meio de uma lei

moral, como a da heterossexualidade, em que a punição aparece nela enviesada pela censura indireta ao homossexualismo e de uma gama de outros desejos sexuais igualmente reprimidos.

Freud propunha que a produção dos escritores ficcionais poderia encontrar sua motivação nos sonhos diurnos ou nas fantasias humanas de um modo geral, como já dissemos. O que vimos em nossa investigação, contudo, é que podemos levar adiante essa relação entre a produção literária e a representação que a partir dela se faz da estrutura social em diversos grupos sociais intergeracionais ou noutros suportes midiáticos que não o livro, evidenciando-se a partir dessa representação mecanismos intencionais ou inconscientemente entorpecidos do comportamento humano:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração

animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã (CAMINHA, 2002, p. 26).

O desejo último do possuidor é o de continuar possuindo ou dominando os limites de seu “objeto” de dominação, até mesmo quando o desejante está distante do objeto de desejo. Daí, então, dá-se mentalmente ao prazer solitário, donde se permite continuar desejando para que a satisfação não permaneça recalçada em seu subconsciente. A masturbação, neste caso, não é um pecado, mas uma estratégia de sobrevivência do sujeito histórico, uma fuga do controle social, uma ruptura que a base provoca na superestrutura:

E lá ia uma obscenidade, um calão grosseiro. Palavra puxa palavra, quase sempre o gracejo acabava em questões de outra ordem e daí prisões, castigos... Ora, aconteceu que, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à murada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados (CAMINHA, 2002, p. 16).

Em *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha dribla nossa expectativa superestrutural e a censura socialmente que existe em nós condicionada via controle e também a nossa própria repressão sexual recalçada. No fragmento abaixo, parece que temos a descrição de uma rotina de convivência corriqueira, comparável à rotina diária de um casamento hétero. Entretanto, a cena narrada em si não surpreenderia em nada, se não fosse pela natureza sexualmente “pervertida” de seus atores. E nisso, ou seja, no juízo de valor que emitimos aqui, fazemos coro com parte de nossa sociedade, e também lembramo-nos dos

fundamentos assépticos da “Liga Brasileira de Higiene Mental”:

Tudo avultava desmesuradamente em sua imaginação de marinheiro de primeira viagem. Bom-Crioulo tinha prometido levá-lo aos teatros, ao Corcovado (outra montanha donde se avistava a cidade inteira e o mar...), à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte. Haviam de morar juntos, num quarto da Rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo (CAMINHA, 2002, p. 32).

O que encontramos no trecho anterior são passagens que nos remetem à ressignificação do ato sexual comparando-o a uma descrição social aberta e ao mesmo tempo fechada da vida militar. Já, a seguir, seu enredo se parece com um cadáver que se sacode dentro do túmulo revoltado contra a própria morte a qual é obrigado a acolher como condição inalienável humana, movendo as mordanças auto impostas da sociedade aos leitores, assim como o

navio literário de *Bom-Crioulo* balanceia nossa mente, revirando os prováveis recalques de seus tripulantes (os leitores):

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, de gozá-lo!... (CAMINHA, 2002, p. 29).

Porque Caminha fala-nos do desejo mais íntimo de seu personagem? Provavelmente é para desmobilizar nos recônditos do imaginário juvenil as mesmas paixões, e também para que o leitor, catarticamente reprimido, se delicie ou se liberte, seduzido que estará pela bela forma em que a cena nos é apresentada. Ao mesmo tempo e inversamente, com sua censura, Caminha atua como narrador onisciente e nisso nos protege de reconhecermos-nos nesta cena da qual fazemos parte como sociedade representada, mesmo que pela censura social, da higienização ou da falsa inclusão do *pink money*

sejamos excluídos dela como personagens reais e alçados a fantoches simbólicos ignaros da própria condição e, por isso mesmo, desejando cada vez mais inconscientemente dela participar.

O livro de Caminha, em 1895, teve na sociedade de sua época, particularmente no que tange à sexualidade, o mesmo papel catártico que o que hoje têm o *Big Brother*, o *Na Moral*, ou mesmo o programa *Pânico na TV*³⁰ no imaginário adolescente e, por extensão, também os “falecidos” Orkut e MSN, e o atualíssimo *super star high tech* “Facebook”, e também em aplicativos como o

³⁰ O “Pânico na TV”, formato original brasileiro, é um programa de televisão que foi criado após membros do mesmo produto transmitido pelo rádio (entre 2003 e 2011) almejarem maior divulgação da atração. Oficialmente, idealizado por Tutinha, presidente da rádio Jovem Pan, e ancorado por Emílio Surita, ainda o atual apresentador do programa, na Rede Bandeirantes de Televisão, conta, dentre seus integrantes, com nomes como o de Wellington Muniz, Rodrigo Scarpa, Sérgio Esteves (falecido), Márvio Lúcio e Marcos Chiesa. Logo ao ser lançado, o programa contou com o sucesso da versão veiculada pela rádio Jovem Pan, atingindo em pouco tempo uma grande popularidade na televisão. Suas últimas edições inéditas no rádio foram veiculadas em dezembro de 2011 e os melhores momentos, em janeiro a fevereiro de 2012. O fim do programa no rádio aconteceu devido à contratação de toda a equipe do humorístico para a Rede Bandeirantes, donde passaram a comandar o “Pânico na Band”, não economizando, ali, nada em sensualidade, exposição do burlesco, do grotesco e do trágico.

“Tinder”, e o “Happn” (estes dois últimos, voltados a promover encontros amorosos entre os usuários).

No caso de *Bom-Crioulo*, não é o provedor do *site*, mas, o autor do romance quem nos dá essa oportunidade de nos satisfazermos diante de uma tela (permeada por *pixels* ou por letras, tanto faz), queiramos ou não, o nosso desejo de gozarmos virtualmente na fantasia de onde a pulsão encontra seu objeto, o olhar, ver, e ser visto, pois, olhando, identificamo-nos, ao mesmo tempo, com os personagens que observamos em seu passeio lúbrico, bem como defrontamo-nos com nossas próprias fantasias ou necessidades sublimadas:

Os anticoncepcionais surgidos na década de 1960 permitiram a dissociação entre o ato sexual e a reprodução, revolucionando os valores e as normas relativos à sexualidade. A homossexualidade, representante máxima dessa dissociação, em que é possível atingir um alto nível de prazer sem a menor possibilidade de reprodução, foi beneficiada socialmente. [...] A sexualidade torna-se mais livre;

ao mesmo tempo em que *gay* é algo que se pode “ser” e “descobrir-se ser” (LINS, 2007, p. 282-283).

Portanto, o que importa saber ao estudarmos um exemplar da literatura como se fosse um estudo de caso clínico num consultório psicológico, não é somente de sua literariedade sob o ponto de vista da estética, mas, além disso, o que é que cada interlocutor faz com seus universos sexuais reprimidos aqui depositos, como eles se colocam em relação ao que leem no texto de Caminha.

Queremos ainda saber, a bem da verdade, se há alguma realidade psíquica a ser apreendida, aquela que se constitui na própria obra como reflexo da realidade e que ainda não foi dita:

Um belo domingo, em que todos deviam se apresentar com uniforme branco, segundo a tabela, o grumete foi o último a subir para a mostra. Vinha irrepreensível na sua *toilette* de sol, a gola azul dura de goma, calças boca-de-sino, boné de um lado, coturnos lustrosos. Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou

deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. – Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje. Estava mesmo apto! (CAMINHA, 2002, p. 31).

Tal como em nossa análise textual, o significado só pode se realizar a partir dos dizeres do analista. Assim, a tal realidade psíquica dos interlocutores se constitui apenas no contido no universo do sujeito em sua própria fala, e a obra de arte pode ser uma confissão de seu autor, ou facilitar a confissão de seus leitores por meio dela:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma

promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... – Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza (CAMINHA, 2002, p. 38).

2.2 Um estudo de caso ou a expressão do descaso ou do ocaso da civilização?

O homoerotismo, sob o ponto de vista da despressurização social, pode ser capaz de despertar no indivíduo elementos emocionais até então recalçados, evocando nele paisagens inconscientes, colocando-o diante de cenas em que seu

homossexualismo, não o latente, mas o reprimido fazia-se presente, independentemente de sua vontade. Igualmente, as imagens evocadoras desse recalque, neste *case* geracional, midiático e literário, vêm-nos à mão por meio de imagens de um programa de televisão, de uma notícia de jornal ou do texto do livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Estas sensações a respeito da homossexualidade e suas manifestações conduzem-nos a outra questão que pode ser formulada assim: seriam estas demandas *GLSBT* características da nossa época ou, ao contrário, tratam-se de angústias humanas atemporais e, portanto, próprias ao ser humano e não contingenciais, as quais são constantemente revestidas com a roupagem do nosso momento histórico, a pós-modernidade, por exemplo, e tecnológico (TV digital, internet, telefonia celular, avanços da informática etc.)?

A noção de uma ordem instintiva não repressiva deve ser primeiramente testada nos mais “desordenados” de todos os instintos: os da sexualidade. A ordem não repressiva só é possível se os instintos sexuais puderem, em virtude de sua própria dinâmica e sob

condições existenciais e sociais mudadas, gerar relações eróticas duradouras entre os indivíduos maduros. Temos de indagar se os instintos sexuais, após a eliminação de toda a mais-repressão, são capazes de desenvolver uma “racionalidade libidinal” que seja não só compatível, mas promova até o progresso para as formas superiores de liberdade civilizada (MARCUSE, 1981, p. 175).

Do embate teórico que se promove entre as considerações de Reich e Freud (via texto de MARCUSE, 1981), depreendemos um ajuste bizarro para fortalecer a condução dos estudos do psiquismo humano que, de um lado, nos apresenta a repressão sexual como condição *sine qua non* pós-moderna, e de outro lado, nos sugere que o recalçamento da sexualidade, embora oriundo de movimentos socioculturais aparentados e constitutivos do psiquismo, seja, na verdade, mais um desejo nosso do que uma repulsa e, por isso, ao invés de nos libertarmos das cordas, nós mesmos é que construímos tais amarras. Neste sentido, acreditamos que enquanto instâncias psíquicas da sexualidade, a liberdade nos assusta e a repressão é afrodisíaca.

Se considerarmos o percurso histórico de nossas preferências sexuais, vemos que em qualquer época e em qualquer cultura, o recalque libidinal sofre, de fato, pouca influência da desrepressão aventada por Marcuse. Isto significa que uma maior liberdade sexual sentida a partir dos movimentos sexualmente revolucionários não tornou o contato da comunidade heterossexual com a homossexual mais simples ou tolerável. O que atrai ou repele ambas as instâncias reciprocamente é o medo que cada uma delas tem entre si:

Na Grécia clássica (século V a.C.), principalmente em Creta e Esparta, a homossexualidade era uma instituição, e os gregos não se preocupavam em julgá-la. Constituía, assim como o amor pelas mulheres, uma manifestação legítima do desejo amoroso. Não consideravam o amor por alguém do seu próprio sexo e o amor pelo sexo oposto como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes. Se havia elogio ou reprovação, não era à prática de homossexualidade, mas à conduta dos indivíduos. Os termos homossexual e heterossexual eram

desconhecidos na língua grega e para eles todo indivíduo podia ter preferência por rapazes ou moças, dependendo da idade e das circunstâncias (LINS, 2007, p. 263).

Fecundas inquietações surgem em nossa mente quando passamos a estudar a sexualidade e os signos de suas manifestações repressivas ou permissivas ao longo da história. Assim, deparamo-nos com outra tese (lembremo-nos dos textos de Martinho Lutero e Santo Agostinho já mencionados neste *paper*), que nos remetem à mesma ideia da participação da tradição judaico-cristã na formação destes padrões sexuais, já que LINS (2007, p. 263) dá-nos a informação de que na Antiguidade Greco-Romana não havia preconceito ao homossexual, o que praticamente os exclui de nosso *background* intelectual sobre o assunto e, de certo modo, agrava a participação dos religiosos no contexto de construção da repressão sexual:

No final do século XII, Alain de Lille, em seu *Líber poenitentialis*, definiu o pecado contra a natureza como o despender do sêmen fora do recipiente apropriado, e proscreevou a

masturbação, a relação oral ou anal e a bestialidade, o estupro e o adultério como incluídos nessa categoria. Seus sermões sobre pecados capitais classificam sodomia e homicídio como os dois crimes mais sérios (LINS, 2007, p. 271).

Embora as bases contemporâneas dos valores éticos e morais de nossa cultura sexual encontrem suas matrizes na tradição judaico-cristã, cujos alguns dos pilares do modelo Lins (2007) acabou de nos apresentar, tais alicerces se consolidam mesmo após o enfraquecimento da influência da cultura clássica grega no mundo ocidental.

Assim, seria no mínimo injusto atribuir exclusivamente ao Cristianismo toda a culpa pelo recalque que os ocidentais desenvolveram em relação aos prazeres sexuais: o Cristianismo apenas fundamentou e preservou parte de um legado da cultura que ao longo do tempo passou a hostilizar o prazer e os diferentes modos de uso do corpo, do modo como vemos descrito em *Bom-Crioulo*. O Capitalismo sacramentou esta prática e a era pós-moderna, representada aqui pelos programas de televisão “BBB”, “Na Moral”, “Pânico na TV” e

similares, se confraternizam diariamente pela tela da televisão, invadindo o imaginário coletivo brasileiro, já bastante impregnado pelo binômio liberdade x repressão, reafirmando cada um de nós nas próprias convicções sobre sexualidade idílica e libido pudica.

Uma das consequências disto sobre o erotismo freudiano é que a prática sexual por puro prazer passou a ser considerada uma doença, e o desregramento homoerótico um castigo divino, um pecado, falta de pureza etc., transformando esta ou aquela prática ou opção sexual distinta da tradicional motivo para a instauração de uma *apartheid* ou passível de uma higienização mental.

A cura para esse mal³¹, se Deus assim o quisesse, só poderia ocorrer por intervenção celestial. Tal livramento, porém, não viria apenas de Deus.

³¹ Apesar de a OMS – Organização Mundial de Saúde ter, em 1993, deixado de considerar o homossexualismo uma “doença”, no Brasil, o Deputado João Campos (PSDB), propôs um Projeto de Decreto Legislativo, o 234 e, em conformidade com o Deputado Marco Feliciano (PSC-SP), que era presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, aprovou-se, entre 2011 e 2012, um texto que ficou conhecido como “Projeto da Cura Gay”. Lendo a íntegra da proposta, não é exatamente fácil chegarmos à conclusão de que o que se propunha ali seria um “remédio” para esta “doença” (o homossexualismo), mas, de qualquer modo, devido às controvérsias e debates que gerou na sociedade, foi assim que o PDC 234 ficou conhecido e é assim que passou para a história.

Como os semideuses da Roma pagã, os santos da Igreja Católica poderiam igualmente ser evocados para se alcançar o milagre da redenção sexual fazendo o perverso retornar à casa do Pai.

Além das discussões realizadas em torno do PDC 234, outro exemplo de um tipo de redenção ou castigo divino destinado ao homossexual seria o vírus da AIDS. Esse vírus se constituiu no grande inimigo da vida e do prazer sexual, cuja existência se justifica no inconsciente coletivo de grande parte da população pela lógica da repressão, enjaulamento mental cuja violação se constituiria num pecado para a qual a morte seria a melhor punição. Assim, o homossexualismo foi o primeiro reduto ao qual a origem do vírus foi reputada e, conseqüentemente, o maior grupo de pessoas estigmatizadas devido à doença da imunodeficiência.

Defende-se assim, por oposição indireta ao homossexualismo, a opinião de uma sexualidade com o rótulo de “normal”, conforme a natureza do comportamento sexual, cujo desvio, a depravação (*pravus*)³² seriam definidos como atos "contra a

³² É somente a partir do final do século XIX e no século XX que o termo "perversão" tem sido usado em relação aos comportamentos sexuais que fogem à norma. Em sua origem, no sentido de uma "reversão", de um

natureza".

Sustentam os defensores desse modo restrito de ver as perversões que existem inclinações naturais nas coisas, e que tudo que é natural é bem visto por Deus. É nesta perspectiva que São Tomás de Aquino qualifica certas práticas sexuais de "contra a natureza" alegando uma natureza comum aos homens e aos animais:

No século XX, o homossexual continuou aprisionado. Hoje, ainda é visto por muitos como perigoso ou sem-vergonha e, na melhor das hipóteses, como doente e desviante. Duas razões podem explicar essas atitudes discriminatórias. A primeira deve-se à nossa ignorância: depois de 150 anos de estudos e polêmicas, ainda não sabemos definir com precisão esse comportamento fluido e multiforme, cuja origem não se conhece claramente. A multiplicidade de explicações

"retorno contra", o termo aparece pela primeira vez, em 1444, derivado do Latim "perversio". Sobre este ponto ver o trabalho de Carlos Augusto Peixoto Júnior. Cf. Peixoto Júnior, C., A., "Um breve histórico da perversão na sexologia do século XIX", In: Boletim de Novidades da Livraria Pulsional, São Paulo, XI, 105, 34-49, jan. 1998.

reforçou o mistério e, portanto, a estranheza. A outra razão é de ordem ideológica. Uma vez que nossa concepção de masculinidade é heterossexual, a homossexualidade desempenha o útil papel de contraste, e sua imagem negativa reforça ao contrário o aspecto positivo e desejável da heterossexualidade (LINS, 2007, p. 275).

Assim, toda vez que a sexualidade se desviar da finalidade primeira que a referência animal e natural nos mostra – união de dois órgãos sexuais diferentes para a preservação da espécie –, estaríamos diante de uma perversão: pedofilia, necrofilia, masturbação, heterossexualismo separado da procriação, homossexualismo, sodomia, bestialidade, zoofilia, voyeurismo etc.

Observa-se também que, ao lado desse pensamento filosófico em torno da sexualidade, a tendência ao recalque deve-se também às exigências dos ideais estéticos e morais fixadas pela hereditariedade. Ou seja, a castidade seletiva estimulada pela ortodoxia da ontogênese reatualiza o capital filogenético dos comportamentos sexuais que foram estabelecidos como herança cultural – a

hereditariedade como contingência explicativa do homossexualismo seria uma aquisição cultural – tal como postulada em *Totem e Tabu*, assim explicitada por Marcuse:

O termo perversões abrange fenômenos sexuais de origem essencialmente diferente. O mesmo tabu impera sobre manifestações instintivas incompatíveis com a civilização e sobre as que são incompatíveis com a civilização repressiva, especialmente a supremacia monogâmica genital. Contudo, dentro da dinâmica histórica do instinto, por exemplo, a coprofilia e a homossexualidade ocupam um lugar e têm uma função diferente. Uma similar diferença prevalece dentro de uma e a mesma perversão: a função do sadismo não é igual numa livre relação libidinal e nas atividades das tropas SS. As formas inumanas, compulsivas, coercivas e destrutivas dessas perversões parecem estar associadas à perversão geral da existência humana em uma cultura repressiva [...] (MARCUSE, 1981, p. 178).

Os chamados "efeitos nocivos da sexualidade" – práticas contra a natureza, uma vida conjugal promíscua, os perigos da masturbação, do coito interrompido, a homossexualidade –, eram discutidos em uma perspectiva asséptica e repressiva.

É também em meados do século XIX que aparecem novos nomes para velhas práticas sexuais, numa tentativa de se definir a especificidade de certas condutas sexuais; aquilo que hoje, na era das discussões sobre os gêneros e reposicionamentos das minorias, seria chamado de "direito à diferença":

Por exemplo, em 1869, o médico húngaro Benkert³³ cria o termo "homossexualidade" a fim de transferir do domínio jurídico para o médico esta manifestação da sexualidade. Entretanto, como observa Foucault, enquanto o sodomita era aquele que praticava atos jurídicos proibidos, o homossexual do Séc. XIX "transforma-se em um personagem: um passado, uma história e uma infância; uma morfologia também, com uma anatomia

33 BADINTER, E., "De l'identité masculine", Paris, Odile Jacob, 1992, p. 153.

indiscreta e talvez uma fisiologia misteriosa. Nada de seu todo escapa à sexualidade... O homossexual transforma-se numa espécie"³⁴. Estão aqui lançadas as bases para aquilo que em nosso século será acentuado: os comportamentos sexuais são transformados em identidades sexuais (<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos>, acesso em 13/04/08).

Em nosso texto, portanto, a obra *Bom-Crioulo* aparece historicamente num contexto em que as diferenças sexuais ainda não eram bem-vindas, mas, a discussão, como vimos, a partir de alguns teóricos, já existia subjacente. Atualmente, as contendas continuam, já, a aceitação das diferenças, permanece quase que na esfera da mera teoria.

2.3 Considerações finais sobre o paradigma da sexualidade em *Bom-Crioulo*

A obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, é representativa ao mesmo tempo de aspectos do

34 FOUCAULT, M., "La volonté de savoir", Paris, Gallimard, 1976, p. 59.

inconsciente abstrato da mente humana quanto de aspectos da realidade presentes nas interações socioculturais, especialmente nos termos de recorte até aqui expostos.

O romance em questão emerge da esfera do reduto meramente artístico do fenômeno literário e adentra à redoma do universo simbólico social³⁵, simultaneamente particular e coletivo. Embora centrada na cidade do Rio de Janeiro – RJ, e de dentro de uma ambientação essencialmente militar – a vida dos marinheiros –, a obra em voga deixa de lado a ficcionalização metafórica e oferta elementos para discussões relativas a uma e outra atmosfera (isto é, aos polos artísticos e do controle social coletivo da caserna) propondo, assim, inferências possíveis sobre a repressão social e sobre a sexualidade:

³⁵ Aqui temos a lembrança do pensamento de Bourdieu, quando este nos fala sobre subordinação do sujeito aos sistemas sociais e culturais de dominação, aos quais o indivíduo se submete por meio do consenso ou por força da dominação coercitiva. Em nosso texto, a própria sociedade capitalista posta em foco, na discussão sobre o pink money, desempenha este papel de hegemonia sobre homem, suas liberdades e suas crenças a respeito de si mesmo e da sociedade que o cerca (BOURDIEU, 2005).

Bom-Crioulo metia-lhe medo a princípio, e quase o fizera chorar uma vez, porque o encontrara fumando em intimidade com o sota de proa na coberta. O negro deitara-lhe uns olhos!... Felizmente não aconteceu nada. Mas, daí em diante, Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, 2002, p. 27).

Veja-se que no trecho está subjacente a temática da desrepressão sexual quanto à descoberta da condição homossexual, visível ao leitor a partir do emprego de expressões como “Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos”; e, “já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera”.

Ao lermos o fragmento acima, percebemos a existência de uma perspectiva inversa à memória cultural de cunho judaico-cristã repressora sobre a sexualidade, pois o que se observa na cena narrada

era, e talvez ainda seja entendido como desvio sexual (ver Alain de Lille, em seu *Liber poenitentialis*).

A aparente descoberta da personalidade homossexual por parte de Aleixo, a qual se dá a entender, é vista como uma prática sexual desviante, que, posta à lua da “Liga Brasileira de Higiene Mental”, precisaria ser higienizada da sociedade. Ela, então, é explicitada e subentendida no relato de Caminha, e psíquica e sociologicamente inteligível, assim:

O criminoso aparece então como um ser juridicamente paradoxal. Ele rompeu o pacto, é, portanto, inimigo da sociedade inteira, mas participa da punição que se exerce sobre ele. [...] Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual; de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos. E tem mesmo que ser assim, pois aí está representada a defesa de cada um (FOUCAULT, 1987, p. 76).

No fragmento e nos trechos seguintes ao episódio narrado, vemos que o marinheiro flagrado na prática de um fato social de cunho sexual e moralmente condenável se torna alvo da ira de seu círculo de relações e, nos termos oferecidos por Foucault, passível de punição, e aqui nos reencontramos com o contraponto do controle social do começo deste artigo.

A comunidade marinheira no navio se consolida como metáfora flutuante do mundo e das vozes sexuais reprimidas que nos chegam pelos ecos da história, e que se transfiguram e reificam na plateia de televisão diante dos programas e personagens *gays* midiaticamente expostos em telenovelas, em *realities shows*, em programas de auditório. As chibatadas públicas aplicadas nos convés do navio são exemplares. Do mesmo modo como elas acontecem no navio-cenário do texto de Caminha, ocorrem na Avenida Paulista com o jovem Marcos Paulo Villa. O vínculo do singular violento com o imaginário coletivo se opera pela força da escrita de Adolfo Caminha que a um só tempo evidencia o problema e liberta o leitor e a plateia para pensarem o assunto:

Segundo Freud, a civilização começa com a inibição metódica dos instintos primários. Podem-se distinguir dois modos principais de organização instintiva: a) a inibição da sexualidade, resultando em duradouras e crescentes relações grupais; e b) a inibição dos instintos destrutivos, conduzindo ao domínio do homem e da natureza, à moralidade individual e social (MARCUSE, 1981, p. 105).

Assim, o individual e o coletivo são tocados simultaneamente e, no caso dos marinheiros, a pena é modelar porque soa como alerta simbólico para os demais marinheiros. De tal modo, o ser humano se manifesta como sujeito agente e paciente, ao mesmo tempo do prazer e da dor, e seu psiquismo se satisfaz numa consciência de si mesmo socialmente racional e simultaneamente idílica:

De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremecimento e soergueu um braço: a chibata vibrava em cheio sobre os rins, empolgando o baixo-ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária. Por sua vez Agostinho

estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rijeza do seu pulso (CAMINHA, 2002, p. 20).

Há situações em que a obra de arte funciona como se fora um espelho, um duplo realista, onde o sujeito comum pode se ver e não se reconhecer: é essa uma das leituras de mundo que a estética do Realismo viabiliza por intermédio da obra de arte. Paradoxalmente ao Realismo, pelo mesmo viés, evidencia-se que existir no mundo real pode ser apenas uma fantasia, uma virtualidade, dada à extrema força dos elementos repressores e, portanto, limitantes.

Entretanto, em qual esfera estaria efetivamente localizada a repressão sexual experimentada pelos marinheiros no trecho abaixo? Na realidade objetiva, na qual vive o homem comum ou no emaranhado subjetivo e catártico midiático ou redigido por Caminha, de onde derivam sujeitos transformados pela ressignificação simbólica de suas existências?

No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos,

um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem. Grande foi seu desapontamento ao ver-se apanhado em flagrante naquela grotesca situação (CAMINHA, 2002, p. 17).

Vê-se, então, que no excerto em pauta a realidade humana é mais uma abstração teórica a serviço deste ou daquele psicólogo, antropólogo ou sociólogo e menos uma prática efetiva dentro da qual nos colocamos voluntariamente, dispostos ainda, a acreditar em tudo que nela há. Só se pode mesmo é falar dela assim, híbrida, composta simultaneamente do falso e do verdadeiro – esse surrealismo pragmático da narrativa já o havíamos mencionado no começo desta discussão.

Adolfo Caminha diz-nos de sua experiência pessoal diante das observações sociais que realiza e narra profeticamente nossa pseudo-realidade em sua obra.

Por isso, nessa observação lítero-midiática é tênue a fronteira entre realidade e abstração, pois:

A repressão sexual é um fenômeno curioso, na medida em que algo meramente biológico e natural sobre modificações revela algo quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação quando é deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História. Entretanto, a repressão não é apenas algo que vem de fora, submetendo as pessoas. As proibições e interdições externas são interiorizadas, convertendo-se em proibições e interdições internas, vividas sob a forma de vergonha e culpa (LINS, 2007, p. 243).

A ideia de práticas sexuais desviantes, como a masturbação foi, como vimos, duramente condenada por parte da sociedade e pela Igreja. De mesma índole recriminatória, o derramamento de sêmen humano fora do ato procriatório também.

Desse modo, a trama de *Bom-Crioulo* está ligada aos valores simbólicos da sexualidade do homem pela linguagem. O que a linguagem produz é uma representação da realidade em forma de metáforas sexuais contínuas e simultâneas, as quais apenas nos horizontes da convivência humana em sociedade se tornam possíveis desvendar-se.

No caso da obra de Adolfo Caminha, o estilo realista é marcado pelas analogias sexuais, ora vistas sob a ótica da repressão, ora da exacerbação. Por meio delas instiga-se no leitor a catarse, embala-se o sonho e a fantasia deixando-se em evidência pela linguagem metafórica aquilo que talvez seja o objeto do desejo de quem lê seu texto (do mesmo modo como a programação televisiva instiga no telespectador). Assim, o autor desperta, a partir de sua construção literária, a função de satisfação pulsional implícita no inconsciente humano:

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos. [...] Quando havia conflito no cais Pharoux, já toda a gente sabia que era o Bom-Crioulo às voltas com a polícia. [...] O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiadadamente um segunda-classe, porque este ousara, “sem o seu consentimento”, maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro

de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “coisas” (CAMINHA, 2002, p. 19).

Finalmente, apesar de cumprir bem o caráter de trecho de amostragem, o que vemos neste fragmento, no entanto, é que ainda não é por formas diretas ou tampouco implícitas, que o desejo do personagem Bom-Crioulo presente sua realização. Há no excerto apenas uma menção, uma inferência sugerida ao leitor em torno da ideia de que Bom-Crioulo estivesse “defendendo” o grumete, isto é, o marinheiro iniciante Aleixo, devido aos interesses sexuais que ele, Bom-Crioulo, nutria em relação ao jovem.

Contudo, tal referência torna-se mais evidente, à medida que a trama se desenrola por meio do envolvimento do leitor com a linguagem do romance, como vemos na sequência do mesmo trecho que se segue abaixo:

Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... Depois estimava o

grumete e tinha certeza de que o conquistara inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo! (CAMINHA, 2002, p. 19).

O personagem que protagoniza a trama – Bom-Crioulo –, cujo destino é sempre “vencer”, ou, nos termos de nosso trabalho, romper com o controle social, dada à força das descrições e atributos que lhe são impingidos pelo narrador –, tem à sua disposição o amor de todas as mulheres, mas deseja um ser do mesmo sexo – mas, porquê? –, e nota-se que nisso está a sua majestade. É daí que a particularidade e a coletividade catártica são enunciadas, e que o contrassenso sociocultural se agiganta, fazendo desse dilema do tempo passado, o embaraço do tempo presente.

Conclusão

Podemos dizer, de um lado, que a literatura, a cultura e a mídia, sob a ótica dos significados sociais que produzem, estariam na ordem da decifração da

metáfora, da exposição do imaginário coletivo ou mesmo da magia ou da religiosidade restrita, isotopias nas quais o sentido não aparece de forma imediata ou instantânea – seus sentidos precisam de certo tempo para virem à tona. De outro lado, vemos que a programação de televisão aqui discutida, repleta de exposições eróticas, de excessivo nudismo e de pouca valorização da privacidade, tende a confundir na mente das pessoas os horizontes do que é crível ou do que é simplesmente inventado – a exposição do corpo humano oferece ao expectador uma falsa ilusão de acesso irrestrito ao corpo do “outro” e uma fictícia ruptura em relação e toda e fronteira da privacidade.

Noutros termos, quero dizer que sabemos que na literatura há um consenso confessional entre leitor e autor, consenso em que ambos concordam na promoção de um apagamento das fronteiras da realidade e na anulação cúmplice das culpas:

A palavra tem um poder redentor, conciliatório, enlevante, libertador. Os pecados que confessamos nos são perdoados graças ao poder da palavra. Conciliado parte o moribundo que ainda confessa a tempo o

pecado durante longo tempo silenciado. O perdão dos pecados está na confissão dos pecados. As dores que revelamos ao amigo já são em parte curadas. Tudo sobre o que falamos faz com que tenhamos amenizadas as nossas paixões; torna-se claro em nós; o objeto da cólera, do escândalo, da preocupação aparece-nos numa luz sob a qual reconhecemos a indignidade da paixão (FEUERBACH, 2013, p. 102).

Contudo, na programação da TV, nas telenovelas, isso não é exatamente assim. E, em especial, naqueles programas que se auto-intitulam *reality shows*, ao invés de um consenso em torno do ficcional, o que se promove é a crença de que aquilo na que se vê na tela é a representação do real – é uma super realidade.

Isso acontece por que a realidade deles (dos que aparecem na TV) é tão parecida com a nossa, que chegamos a acreditar que aquilo não é uma produção televisiva orientada para o entretenimento e para o consumo. *Na Moral* não obedece à linha do *reality*, mas também não fica fora desse mesmo formato. O *Big Brother* é o *reality* por excelência,

assim como o seu similar *A Fazenda*³⁶, da TV Record – nestes, todos se incluem, só que “para fora”: pobres, *gays*, o cidadão anônimo, todos farão parte do *show*, desde que concordem em se tornar simultaneamente o produto (já que representados por meio daqueles que participam) e o consumidor dos próprios desejos (pura catarse).

Por isso, a sexualidade a nu, nas telas da televisão, longe de ser impactante, é mesmo gratificante. A catarse invade as salas de jantar das famílias e, por pequenos momentos, a plateia se desaloja de seu exoesqueleto civilizacional e se permite “fantasiar” perversidades consumistas e sexuais à meia luz.

É oportuno salientar que a psicanálise estaria na ordem do significante lacaniano, e também, da metonímia estética ou do chiste freudiano, isto é, a serviço dos efeitos surpreendentes a que determinadas construções de sentido podem induzir, uma vez que os significados psicológicos daquilo que deixa transparecer, mesmo que parcialmente durante

³⁶ *A Fazenda* é um reality show brasileiro produzido e exibido pela Rede Record, desde o ano de 2009. É baseado no programa *The Farm*, originalmente criado na Suécia pela produtora Strix.

o processo, ao final da história podem ser compreendidos ou remetidos para outros horizontes de significação dentro da sociedade e da cultura.

É exatamente essa possibilidade plural de nosso objeto que nos permitiu colocar mídia, literatura, cultural, sociedade e psicanálise em nosso trabalho no mesmo divã crítico, uma vez que todas as possibilidades semânticas por nós articuladas não se constituem em veredictos, mas apenas em direções prováveis, em perguntas e apontamentos parciais sobre as compreensões possíveis da natureza humana por meio das letras do texto de *Bom-Crioulo* ou dos *pixels* das imagens *gays* e sensuais das telenovelas.

Com isso, não dizemos que a metáfora esteja ausente na psicanálise, uma vez também que o texto completo, a obra, ela mesma em si, poderia ser considerada como uma metáfora do desejo sublimado de seu autor. O que não necessariamente o torna um ser homoerótico, mas um indivíduo partícipe de uma coletividade igual a de seus leitores, isto é, a obra analogamente catártica e auto-realizada diante do ser que lê, ainda que recalçada ou sublimada pelo mesmo leitor.

No tempo intervalar do “breve”, do instante, é que a personalidade sociocultural se deixa revelar.

No instante remoto do intervalo comercial da TV ou da entrelinha de Caminha, então, pudemos tentar compreender a personalidade dos personagens – reais, ficcionais, não sei. Não nos interessa analisar a origem ou a qualidade do desejo de qualquer um dos atores em particular. Interessou-nos desenvolver nesse trabalho olhares esparsos e duvidosos sobre as certezas que tínhamos sobre o assunto, a fim de que as consequências do estudo pudessem ser moralmente mais aceitáveis, mesmo que à revelia da falsa inclusão social dos homossexuais que se dá via argumentos do *pink money*.

Podemos apontar que a leitura de um texto literário pode ser realizada de um modo comum, diletante, crítico, ou, analítico. Tal como nas associações subjetivas que faz aquele que conta seu sonho para um ouvinte qualquer, temos, no texto literário, a mesma oportunidade de nos deparar com o fantasma subjetivo de quem escreve e o quê anima esta escrita. Em ambos os casos, sente-se a presença do desejo e da pulsão de uma individualidade ou de uma coletividade que interage conosco na condição de plateia.

Vemos a partir desta arquibancada simbólica uma oportunidade de se alcançar algo do estilo de

quem captura a imagem, de quem escreve. E perguntamo-nos se na contundência do tema da telenovela “Babilônia” ou do texto literário de Caminha, o viés do discurso homoerótico fica mais por conta do caráter controverso dos posicionamentos sociais, culturais, religiosos do que de sua própria intenção de assim o fazê-lo.

O que a mídia e a arte finalmente nos ensinam a esse respeito é que o sujeito do desejo é, sobretudo, um suposto culpado *a priori*. Ele somente se realiza e também se destrói naquilo que faz. Ou seja, naquilo em que ele é feliz – romper com o status quo repressivo – reside toda a sua ruína, posto que sua integridade estaria vinculada à sociedade que o reprime. O que a obra literária nos informa sobre o nosso modo de viver neste mundo, está sob a ótica da mais-repressão e, portanto, o desejo de libertar-se dela, da repressão, é um vazio, uma falta, um nada, um reencontro impossível com uma cena originária de vida que só pode ser alcançada na plenitude de uma morte ou por sua reconstrução na fantasia através de um conjunto de significantes que toma a forma de um enredo, de uma imagem, de um caso clínico, de uma história real ou inventada, mas, de qualquer modo, sempre interessante de ser lembrada,

mas jamais comprada por dinheiro algum, seja qual for a sua cor.

Referências

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FREUD, S. (1908). El poeta y los sueños diurnos. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. v. 2, p. 1343–1348.

JUNIOR, Durval Wanderbrook. *A Educação sob Medida - os testes psicológicos e o higienismo no Brasil (1914-45)*. Maringá: Eduem, 2009.

- LACAN, J. (1951). Abertura desta coletânea. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1958). *Seminário 06: O desejo e sua interpretação* (inédito).
- LACAN, J. (1966). *Seminário 13: O objeto da psicanálise*. (inédito).
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.
- LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LINS, Regina Navarro. *A Cama na Varanda*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

Sites e Mídias Eletrônicas

<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos>, acesso em 13/04/08.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pink_money, acesso em 09/03/2014.

<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/pon-to-de-vista/2014/07/17/Faturando-o-pink-money.html>, acesso em 11/05/2015.

<http://brasileiros.com.br/2011/06/o-poder-do-pink-money/>, acesso em 11/05/2015.

http://televisao.uol.com.br/album/personagens-gays-novelas_album.htm, acesso em 11/05/2015.

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/por-que-o-beijo-gay-entre-fernanda-montenegro-e-nathalia-timberg-chocou-mais.html>, acesso em 11/05/2015.

<https://www.google.com.br/search?q=foto+de+Marcos+Paulo+Villa+atacado+na+avenida+paulista>, acesso em 11/05/2015.

A INFLUÊNCIA DOS ESPAÇOS DE FABRICAÇÃO DIGITAL NA CARREIRA DO DESIGNER DE PRODUTO³⁷

Daphny Hellen Marcondes Chaves³⁸

Caroline Pagnan³⁹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender as limitações impostas pelo atual cenário industrial brasileiro ao profissional do Design de Produto e propor os ambientes de fabricação digital como facilitadores para a introdução do designer na atuação de sua profissão sem depender da abertura da indústria para isso. As etapas de pesquisa bibliográfica consistiram em explorar e analisar as causas que trazem o designer de produto à sua atual posição no mercado. O artigo propõe apresentar os aspectos gerais do problema a ser investigado, a metodologia utilizada e os instrumentos de pesquisa para, então, relatar resultados da coleta de dados e as compreensões sobre o tema, abordando os recentes espaços de fabricação digital como alternativa aos problemas encontrados.

³⁷ Artigo apresentado para a disciplina de Metodologia Científica da ED – UEMG, sob orientação dos professores Caroline Pagnan, Márcia Bacelar e Alecir Carvalho. Belo Horizonte, junho de 2016.

³⁸ Graduanda em Design de Produto – Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: daphnyhellen@outlook.com.

³⁹ Mestre em Engenharia dos Materiais; Professora pesquisadora da Escola de Design da UEMG. E-mail: carolinespagnan@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Design de Produto. Prototipagem rápida. Fabricação digital. Prática do design. Empreendedorismo no design.

1 Introdução

Este artigo utiliza da pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, para abordar o problema investigado, visando compreender a atual posição do Designer de Produto perante a indústria brasileira, reunindo uma fundamentação teórica que aponta como o design foi absorvido no Brasil, destacando problemas que persistem na profissão, decorrentes de distorções feitas desde suas origens. Bem como dados quantitativos que demonstram a pouca absorção do profissional pelo mercado e suas limitações neste cenário.

A seguir, com caráter de pesquisa exploratória, é apresentado o Movimento *Maker* que, apesar de não ser novidade, ganhou grande impulso com a chegada da internet, o que permitiu a relação entre os *makers* e os espaços de discussão colaborativos. Na última década, com esse movimento, há uma aparição repentina de muitos espaços comunitários

criativos que oferecem o acesso compartilhado ao público, de forma acessível, para o desenvolvimento e a fabricação de uma infinidade de produtos. É então abordada a utilização destes espaços de fabricação digital como orientação para que o profissional não dependa exclusivamente de abertura da indústria para desenvolver seus projetos e métodos projetuais, e não se limite à ela.

2 Fatores de influência na banalização e distorção do design de produto no brasil

Mesmo que se possa notar a presença do design em diversos momentos da história da civilização, como uma busca da união estética dos objetos às suas funcionalidades, o design passou a tomar forma na Revolução Industrial, quando houve uma transformação na estrutura econômica, na tecnologia e nos processos de produção industriais. (NIEMEYER, 2007) Porém, somente na primeira década do século XX que os conhecimentos que norteariam o design moderno passaram a ser organizados em uma disciplina. (HESKETT, 2008)

No Brasil, o design chega na década de 60, quando foi fundada a Escola Superior de Design

Industrial, no Rio de Janeiro, moldada com forte influência do modelo alemão da Escola de Ulm. Deve-se considerar que como era uma área de conhecimento recente no Brasil, faltavam docentes que fossem capacitados para seu ensino. (PAULA *et. al.*, 2010) Por formar um currículo com base no da escola alemã, não houve uma reflexão crítica sobre o sistema produtivo da época, cuja tecnologia ainda era rudimentar e a manufatura e o artesanato ainda eram os processos de produção dominantes. Assim, o objetivo de criar uma identidade nacional não foi alcançado. (NIEMEYER, 2007)

Segundo Moraes (2006), hoje temos um número significativo de instituições de ensino de design no Brasil, porém, “o mercado não absorve todos os novos designers, ou seja, a profissão não atingiu ainda sua fase madura”. Paula *et. al.* (2012) explica que o processo de capacitação dos docentes e a carga horária dedicada à produção acadêmica ainda é baixa. Ainda ressalta que a educação no país sofre com grandes problemas estruturais na forma como o ensino é gerido. Os docentes formam no segundo grau com pouca bagagem cultural. E alguns se interessam pela profissão sem estar cientes de suas

habilitações, sendo assim, muitos abandonam o curso ou a profissão após se formarem.

“A pouca quantidade de docentes titulados tem prejudicado também a realização de pesquisas, pois as agências de fomento exigem a titulação de doutor para os coordenadores de projetos. Sem isso, não há geração de novos conhecimentos e permanecemos "reféns" da bibliografia estrangeira.” (IIDA, 2005, p. 80)

Há ainda uma banalização do termo “design” na sociedade, entendido por muitos como um termo estético – é bastante comum que qualquer tipo de desenho ou representação gráfica seja considerado design, contribuindo para sua desvalorização. Segundo Santos (2013), "o uso indiscriminado dessa palavra provocou a negação do design como agente de mudança". Apesar de suas demandas de atuação envolverem vários setores de uma empresa e, de atualmente, o design ser cada vez mais visto como um componente estratégico, ainda pode-se observá-lo sendo tratado de forma hostil na gestão empresarial por, muitas vezes, se tratar de processos subjetivos, difíceis de quantificar (HESKETT, 2008),

além de contar com apoio extremamente restrito do Estado (SILVA, 2012).

“Cada vez mais, é utilizado como instrumento para a venda, ‘[...] contribuindo para a perpetuação de uma ordem iníqua que transforma cidadãos em consumidores e espaços urbanos em painéis de *merchandising*, obrigados a abrir mão de sua dimensão crítica” (ESCOREL, 2005, p.19).

Silva *et. al.* (2012), sugere que uma forma de o design ganhar representatividade, é por meio da regulamentação da profissão. Porém, falta mobilização para tal pois o design é interdisciplinar e não tem um campo de atuação bem definido, causando uma modificação no seu papel como profissional a cada vez que se descobre um novo campo.

Tendo em vista estes fatores, é necessário que o aluno do design de produto esteja envolvido com grupos de pesquisa e extensão, pois estes são realizados em contato direto com comunidades, fortalecendo a visão social e crítica do aluno. Bem como acompanhar de perto "os avanços tecnológicos

recentes no processo de produção, novos materiais e miniaturização” (SILVA *et. al.*, 2012, p. 42), que amplia os horizontes para o desenvolvimento de novos produtos. Ter contato com as tecnologias de produção fazem com que o designer entenda também suas limitações e oportunidades de inovação. É preciso que o designer de produto desenvolva seus métodos projetuais e técnicas, para que consiga ter uma visão ampla dos seus possíveis meios de atuação e habilitações.

3 Limitações do mercado

Adotar o modelo de ensino de design europeu, sem refletir sobre as condições e necessidades nacionais na época, gerou um distanciamento entre o design e o mercado, fato que persiste até hoje.

Apesar de estar se popularizando nos últimos tempos, em termos econômicos, estratégicos ou ambientais, o design ainda é um termo banalizado, utilizado para designar qualquer atividade relacionada à estética. Tanto que muitos ainda se referem à beleza de um automóvel como design, deixando a engenharia e outras áreas encarregadas do desempenho e tecnologia. (SILVA *et. al.*, 2012)

Heskett (2008) levanta um ponto importante quando questiona se, em modelos futuros, o design passaria a atender as necessidades dos usuários, ou continuaria atendendo os valores das empresas. Tal questão pode ser notada no ambiente econômico do Brasil, que possui ainda uma indústria extremamente tradicional e conservadora, formada por empresários com baixa qualificação, que não tiveram nenhuma orientação para conduzir seus negócios. Estes ainda não valorizam os avanços tecnológicos de sua área de atuação: ao contrário, possuem o pensamento muito centrado em como sobreviveram até aqui sem tudo isso, questionando o porquê de necessitarem de uma mudança agora. (IIDA, 2005) Tal situação de baixa formação acadêmica, também resulta em insegurança quanto as decisões estratégicas da empresa. Demonstrando um cenário com pouca abertura e aceitação para lidar com as estratégias do design.

Silva *et. al.* (2012), aponta que há uma atual tendência à terceirização do setor de design, extinguindo os departamentos internos para uma redução de custos. Se, por um lado, os departamentos internos se concentram necessariamente nos produtos e serviços já desenvolvidos por uma empresa, de

forma a aprofundar em problemas específicos e trabalhar várias gerações de um produto; por outro lado, a terceirização do design oferece novas perspectivas sobre os produtos e serviços de uma empresa, o que pode favorecer a inovação e ampliar os horizontes. (HESKETT, 2008)

Atualmente, o design está inserido na política nacional contando com instituições de apoio ao desenvolvimento tecnológico, como FINEP e INPI, e do setor produtivo, como SENAI, SEBRAE, CNI, FIESP e outras federações de indústrias; além de programas de premiação brasileiros e centros especializados, como o SEBRAE Minas Design e o Centro Minas Design.

Apesar de haver iniciativas de promoção e fomento do design, tais ações são recentes e os dados ainda não demonstram plena aceitação do design pela indústria brasileira, havendo pouca demanda. Números apontados pelo relatório da Pesquisa de Inovação Tecnológica (PINTEC, 2008), demonstram que 78,1% da indústria creditaram relevância à aquisição de máquinas e equipamentos como atividades inovativas, deixando ainda em segundo lugar o treinamento, com 59,4%. Percebe-se que a indústria se mostra limitada à aquisição de máquinas

e equipamentos, e pouco refletem sobre os métodos do design como estratégia de inovação. Há ainda uma supervalorização dos grandes nomes do design, o que gera uma interpretação equivocada do design como objeto de luxo e para consumo de poucos, contribuindo com a cultura da cópia no mercado (SANTOS, 2013).

Por centrar-se no humano como fonte permanente de inspiração, cuja dinâmica vital está em constante mudança, considera-se que o *Design Thinking* permite uma abordagem sistemática da inovação, que não depende exclusivamente da tecnologia. Constitui-se assim, em uma excelente oportunidade para micro e pequenas empresas, inclusive, administrar seu portfólio de inovações. (MALAGUTI, 2011).

Malaguti (2011) ainda ressalta que o design, como um processo de gestão, pode reduzir custos dentro de uma empresa, aumentando sua lucratividade e competitividade. Tal fator se torna ainda mais fundamental no caso de micro e pequenas empresas.

Diante do atual cenário restrito, nota-se o aumento do interesse de designers recém formados, bem como os ainda estudantes, pelo empreendedorismo. Segundo Silva (2014), as ações empreendedoras predominantes entre os designers, ainda são a criação de escritórios e agências. Tal modelo mostra-se saturado pela crescente oferta nessa área e o aumento de concorrentes e “não é suficiente para multiplicar empresas e criar empregos e riqueza: ela deve estar apoiada por um ambiente favorável que toca tanto a cultura empreendedora e as estruturas e instituições como as capacidades em inovação e financiamento.” (JULIEN, 2010, p. 96)

Silva (2014) destaca que o ambiente educacional se mostra como um dos fatores determinantes na forma como o empreendedorismo será absorvido pelo profissional – se irá influenciá-lo de forma positiva ou negativa, sendo esta última caracterizada pela tendência a um modelo conservador. Observa-se que são oferecidos diversos cursos de empreendedorismo aos alunos de cursos de graduação que, em maioria, não têm experiência profissional para enxergarem oportunidades de negócio. Ele ainda aponta, em sua pesquisa, que muitos alunos que têm envolvimento com as

atividades do CDE⁴⁰, se candidataram a empreendedores da Incubadora de Empresas de Design, criada sob coordenação do CDE, com o intuito de integrar os alunos aos desafios da profissão. “A inovação tecnológica, representada pelo maior acesso às tecnologias de produção em pequena e média escala, permite que um número cada vez maior de designers opte pela autoprodução dos projetos que desenvolve.” (SILVA, 2014)

Pode-se assimilar que a há tanto uma deficiência na profissão por parte do mercado, com suas limitações, quanto por parte do ambiente educacional, que ainda constrói currículos com base conservadora. No entanto, é muito ampla a possibilidade de atuação de um designer no mercado, cabe a ele o desafio de descobrir tais possibilidades, não encarando as limitações da indústria como impedimento para sua atuação.

⁴⁰ CDE – Centro Design Empresa, da Escola de Design – Universidade do Estado de Minas Gerais.

3 Movimento maker: a democratização da inovação

Muitos acreditam que vivemos uma revolução industrial com a invenção e a democratização da internet, porém, a Era da Informação não trouxe mudanças diretas ao processo de produção industrial. Sem dúvidas foi uma revolução, mas não industrial, e sim uma revolução digital. Atualmente existem diversos adeptos do movimento que acreditam que estamos vivenciando essa revolução hoje, pois a internet e a informação começaram a produzir efeitos democratizantes e amplificadores sobre a fabricação. Possibilitou que novas tecnologias fossem desenvolvidas – tais como impressoras 3D e plataformas de eletrônica de baixo custo – e também democratizadas. Algo que antes somente as grandes empresas tinham acesso, agora torna-se acessível para a produção própria, independente da indústria. “[...] uma combinação de fabricação digital e fabricação pessoal: a industrialização do Movimento Maker.” (ANDERSON, 2012)

Dentre os incentivos do movimento, estão o maior acesso à internet e à informação, bem como a

criação de grupos e comunidades online que compartilham seu conhecimento; a redução de custos de materiais, tais como ferramentas, computadores e kits de desenvolvimento que podem ser encontrados hoje à um preço altamente acessível; aderindo, assim, a ideia de que qualquer pessoa pode ter sua própria estrutura para desenvolver qualquer produto. O movimento *maker* tem como conceito uma extensão do “faça você mesmo” (do inglês *do it yourself*), e acredita que qualquer pessoa pode criar, prototipar, produzir, vender e distribuir qualquer produto. (CAVALLINI, 2014)

“[...] o movimento *Maker* apresenta três características em comum, todas elas, [...] de impacto revolucionário:

1. Uso de ferramentas digitais desktop para o desenvolvimento e prototipagem de projetos de novos produtos. (“FVM Digital”).
2. Cultura de compartilhamento de projetos e de colaboração em comunidades on-line.
3. Adoção de formatos comuns de arquivos de projetos, permitindo que qualquer pessoa envie seus projetos para serviços profissionais de fabricação, onde serão produzidos em qualquer

quantidade, tão facilmente quanto podem fabricá-los em sua área de trabalho. Essa capacidade abrevia radicalmente a distancia entre concepção e empreendedorismo, da mesma maneira como a Web, nas áreas de software, informação e conteúdo” (ANDERSON, 2012, p. 23).

Anderson (2012), pontua que a América e a maioria do Ocidente encontram-se no meio de uma crise de desemprego. Temos hoje uma grande produtividade por parte da indústria devido à automatização, porém, exatamente pelo mesmo motivo, cada vez mais milhões de pessoas ficam desempregadas. Ele ainda ressalta que os *makers* podem criar empregos e volta a lembrar que a produção duplicou nas últimas quatro décadas, enquanto o emprego fabril caiu cerca de 30% no mesmo período. O que realmente cria empregos são as pequenas empresas que se tornam empresas maiores.

Apesar do conceito *maker* ser antigo, passou a ser notório somente nos últimos anos com o surgimento de novos espaços de fabricação compartilhados que vieram à tona com a sua união à

revolução digital, tais como os *Fablabs* (laboratórios de fabricação do inglês *fabrication laboratory*), *Makerspaces* e *Hackerspaces*, além do modelo de desenvolvimento *open source*⁴¹ (código aberto). Estes espaços, além de disponibilizarem o acesso a tecnologias e ferramentas que possibilitam a autoprodução, também contribuem para o compartilhamento de conhecimento, criatividade e inovação.

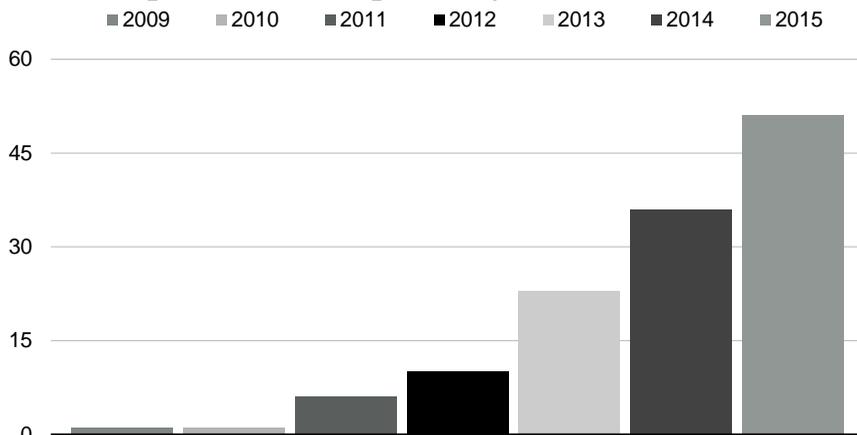
“Diferente da produção ou manufatura autossuficiente representada pelo artesanato ou pela improvisação de recursos ao alcance de um indivíduo qualquer, a autoprodução aqui, trata-se da viabilização produtiva de produtos diversos, em pequena escala, viabilizada pela redução dos custos das tecnologias ligadas à sua materialização, montagem, distribuição e, principalmente, independência do setor industrial.” (SILVA, 2014)

⁴¹ *Open Source* é um modelo de desenvolvimento que promove um licenciamento livre para o design ou esquematização de um produto, e a redistribuição universal do mesmo, permitindo que qualquer um consultar e modificar o produto.

Anderson (2012) defende o uso dos recursos de código aberto como forma de redução de custos para a manufatura e desenvolvimento de produtos inovadores, e ainda o uso das tecnologias para a produção em pequena escala, o que pode ser útil até mesmo para empresas convencionais.

Manoel Lemos do site Fazedores apresentou no SXSW 2015 em Austin, no Texas, Estados Unidos, seu estudo sobre o Estado do Movimento *Maker* no Brasil. Como mostra o gráfico da figura 1 abaixo, o estudo que demonstra que a cada ano cresce cada vez mais o movimento no país, com a ampliação dos ambientes *Maker*, *Hacker* e *Fablab*.

**Figura 1 - Crescimento dos
makerspaces, hackerspaces e fablabs no Brasil**



Fonte: SXSW 2015, *The state of the maker movement in Brazil*, Manoel Lemos. Adaptado.

3.1 Movimento maker na educação e a prototipagem rápida

Diversos educadores e estudiosos vêm ressaltando que é importante para o aprendizado que os alunos tenham contato direto com o fazer – experimentando, errando até que acertem. Estudos da neurociência mostram o quão importante é para a

retenção na memória que os alunos tenham experiência sensorial e prática. (ARENA, 2014)

Para a prática do profissional do design, é recomendado por pesquisadores que adote-se a prototipagem rápida de baixa fidelidade para promover o controle sobre ações incertas. A representação física ou virtual de ideias é uma prática fundamental ao profissional, pois assim constrói-se conhecimento acerca do projeto, comunica ideias e é mais eficiente para a tomada de decisões. Através do protótipo, o designer pode desmembrar o que deve ser feito e assim gerenciar melhor o projeto, sendo possível avaliar o que não funciona e o que seria melhor para o projeto. A prototipagem rápida ajuda na produção de ideias e ajuda na percepção de que a falha é aceitável no processo de desenvolvimento, tratando-se assim de uma experiência psicológica que aprimora seus métodos projetuais. (GERBER; CARROLL, 2012)

A proposta no movimento *maker* na educação é que a tecnologia, atualmente acessível, seja usada não apenas como ferramentas, mas como parte do processo e do conteúdo. É uma cultura que aproxima alunos dos professores, proporcionando um aprendizado mais dinâmico e reforçando o trabalho

em equipe, num ambiente que oferece diversos tipos de máquinas, impressoras 3D e equipamentos para montagem e experimentação. (CAVALLINI, 2014)

3.2 Makerspace

A expressão *maker* designa a pessoa que fabrica objetos com suas próprias mãos, participando de todo o processo, utilizando os *makerspaces* para tal. (EYCHENNE; NEVES, 2013) Os *makerspaces* são oficinas de fabricação digital tradicional publicamente acessíveis, onde pode-se encontrar diversas máquinas de produção, essencialmente máquinas CNC (comando numérico computadorizado), onde qualquer pessoa (como estudantes, profissionais ou apenas curiosos) pode utilizar os equipamentos e executar o projeto com suas próprias mãos, ou desenvolver seus projetos, tais como protótipos. Nessas oficinas, é possível trabalhar com diversos tipos de materiais. (CAVALCANTI, 2013) Geralmente, esses espaços costumam cobrar apenas o material a ser utilizado e/ou a hora/máquina, alguns ainda ofertam cursos pagos e aceitam doações.

Equipamentos mais encontrados em *makerspaces*:

Para trabalhos em tecidos:

- IOLINE Appli-k, CNC para corte em diversos tipos de tecidos;
- Serigrafia;
- Máquina de bordar CNC;
- Máquina de costura.

Para trabalhos eletrônicos:

- Equipamentos de soldar manualmente os circuitos com pontas de espessuras diferentes.

Para trabalhos de impressão 3D:

- Impressora 3D *open source*;
- Impressora 3D.

Para trabalhos com informática e *software*:

- *Workstation* + portátil com softwares linux e windows;
- Digitalizadora 2D

Para trabalhos com madeira, metal e plástico:

- CNC para cortes e gravuras em metais como alumínio, plástico e madeira.

Para trabalhos com papel e vinil:

- Laminadora de papel;
- Guilhotina para papel;
- *Plotter* de corte de vinil;
- Impressora digital.

3.3 Hackerspace

Denomina-se *hacker* o “indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores.” (EYCHENNE; NEVES, 2013) O conceito se originou na Europa como um grupo de programadores compartilhando mesmo espaço – podendo ser denominado como um laboratório comunitário ou uma oficina. Agrupam-se nele, pessoas com interesses pelas áreas de

computação ou tecnologia, podendo trabalhar em projetos, compartilhar ideias, equipamentos e conhecimento. Estes espaços passaram a trabalhar com a concepção e produção de circuitos eletrônicos e prototipagem física. (CAVALCANTI, 2013)

O espaço, além de servir para aprendizado e troca de conhecimento, também serve como estrutura para apresentações e palestras, atividades sociais e trabalho em projetos individuais ou em equipe. À medida que crescem os *hackerspaces*, também cresce a capacidade técnica e possibilidades para os espaços. Muitos *hackerspaces* colaboram na divulgação e no desenvolvimento de software livre e *open hardware* (*hardware* livre). Normalmente, a principal fonte de recurso de um *hackerspace* é o pagamento de uma taxa por parte dos membros, em troca é oferecida a sua estrutura (virtual ou física), ferramentas e equipamentos. Alguns também aceitam patrocínios externos e doações.

3.4 Fablab

Criado no início dos anos 2000, o *Fablab* (abreviação do termo em inglês *fabrication laboratory*) é um tipo especial de *makerspace*.

“É uma plataforma de prototipagem rápida de objetos físicos e está inserido numa rede mundial de quase duas centenas de laboratórios. [...] Se destina aos empreendedores que querem passar mais rapidamente da fase do conceito ao protótipo; aos designers, aos artistas e aos estudantes [...]” (EYCHENNE; NEVES, 2013).

Um *fablab* agrupa um conjunto de máquinas controladas por comando numérico de nível profissional, mas de baixo custo. Apesar das máquinas encontradas no *fablab* serem uma grande atração ao público, sua característica principal é sua abertura ao público. Ao contrário dos laboratórios tradicionais de prototipagem rápida, os *fablabs* são abertos a todos e acessíveis, cobrando baixas tarifas, possuindo até mesmo dias de acesso livre. Nele há a colaboração, cooperação, interdisciplinaridade e compartilhamento de aprendizagem através da prática, favorecendo o desenvolvimento de métodos inovadores.

EYCHENNE; NEVES (2013) estabelecem algumas questões com as quais um *fablab* lida:

- “• Ser vetor de empoderamento, de implementação de capacidade, ser um organismo ativo;
- Voltar à aprendizagem da prática da tecnologia (o fazer) na criação de protótipos, permitindo espaço para o erro de forma incremental, e no privilégio das abordagens colaborativas e transdisciplinares
- Responder aos problemas e questões locais, em particular nos países em desenvolvimento, se apoiando na rede internacional
- Valorizar e pôr em prática a inovação ascendente
- Ajudar a incubar empresas para facilitação de processos” (EYCHENNE; NEVES, 2013)

Os *fablabs* estão inscritos e uma rede, e o número de laboratórios dobra a cada ano. Eles seguem a internet, sendo plataformas de inovação colaborativa e facilitando a conexão entre pessoas e organizações. Além disso, possuem um kit padrão de máquinas por comando numérico comum entre eles, o que permite a réplica de processos em qualquer laboratório do mundo. Como os projetos são compartilhados entre a rede de laboratórios, um

protótipo realizado em um laboratório no Brasil, pode facilmente ser realizado na Austrália, por exemplo. Tal característica facilita a troca de conhecimento entre os membros. Além disso, oferecem cursos e *workshops* por baixos custos. (EYCHENNE; NEVES, 2013)

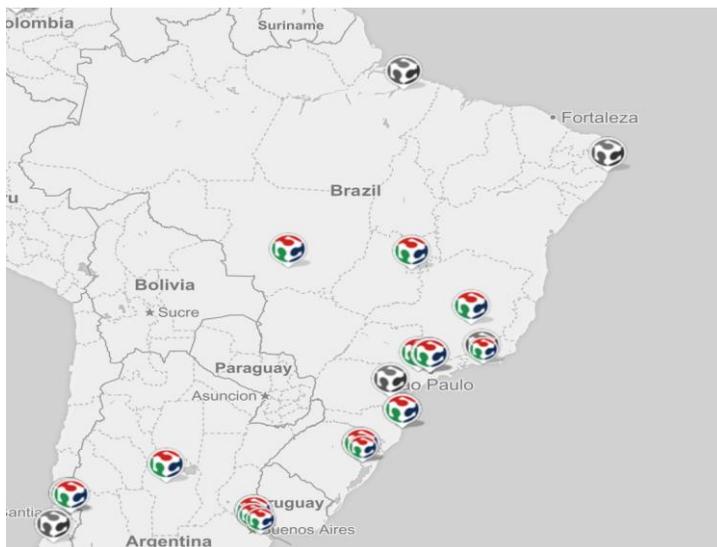
No mapa na figura 2 abaixo é possível identificar a localização dos *Fablabs* registrados ao redor do mundo. E na figura 3 é possível ver a quantidade deles no Brasil. É preciso lembrar que estes laboratórios são apenas os registrados na rede *Fablab*. Há ainda os independentes, formados por redes educacionais, como escolas e universidades, quanto os formados por pessoas físicas, como estudantes e profissionais.

Figura 1 - Localização dos *Fablabs* registrados ao redor do mundo



Fonte: <<http://fablabs.io/map>>

Figura 2 - Localização dos Fablabs registrados no Brasil



Fonte: <<http://fablabs.io/map>>

Segundo Eychenne; Neves (2013) há três tipos de fablabs:

I. Acadêmicos – sustentados por uma universidade ou uma escola, onde os alunos têm acesso às máquinas e a *workshops* por menor custo. Estes dependem das universidades e

geralmente contam com ajuda de autoridades locais e grupos privados.

II. Profissionais – estes são focados no desenvolvimento de produtos, conjuntamente com empresas, empreendedores e *makers*. Ainda contam com um dia da semana aberto ao público, onde o laboratório pode ser utilizado a custo zero, pagando somente o material que utilizarem.

III. Públicos – sustentados pelo governo, institutos de desenvolvimento e comunidades locais. Estes são, geralmente, acessíveis a todos e gratuitos. Os dias gratuitos nos outros modelos ocorrem em menos intensidade, no modelo público é vigente durante todo o tempo.

Os *fablabs* registrados na rede são equipados com máquinas de comando numérico (comandadas por computadores e reconhecíveis pela máquina). A base dos equipamentos está em cinco máquinas, podendo possuir outras ferramentas e equipamentos complementares.

Os equipamentos base são:

- Cortadora de vinil – permite cortar materiais como vinil, papeis, filmes do tipo

transfers, alguns tecidos e adesivos de cobre usados na criação de circuitos impressos.

- Cortadora a *laser* – corta materiais como madeira, papel, papelão, acrílico, couro, tecido, feltro; e grava em metal, alumínio, pedra e madeira. O corte e a gravação são feitos através de um feixe de *laser* de CO2 extremamente preciso.

- Fresadora de precisão – possui uma fresa que se move sobre 3 eixos. A fresadora desbasta o material, retirando parte dele. Pode ser utilizada para diversas funções, como fabricação de moldes. Pode usinar madeira, espuma, dentre outros.

- Fresadora de grande formato – possui a mesma função da fresadora de precisão, porém, com maior potência, mais adequada à materiais densos, como madeira maciça.

- Impressora 3D – funciona basicamente através da adição de material em camadas sobrepostas. Os objetos são impressos camada por camada, até ser moldado na forma final. Os materiais mais comuns utilizados nas impressoras são o plástico ABS (acrilonitrila butadieno estireno) e o PLA (ácido poliático). Mas atualmente vindo sendo estudados e testados

outros materiais. Atualmente, as impressoras ainda demoram muito para fabricar objetos. Objetos mais complexos podem levar cerca de 20 horas de execução.

Dentre os demais acessórios e insumos estão *softwares* (como *open source software*, e *softwares* de execução), materiais (como MDF, acrílico, vinil, papelão, placa de cobre, espuma, silicone), material de segurança, materiais de bancada de trabalho (como furadeira, parafusos, ferramentas, plaina de madeira), e biblioteca (materiais de referência em fabricação digital, programação, dentre outros).

4 Considerações finais

Este estudo demonstra que os métodos tradicionais da indústria estão se tornando cada dia mais obsoletos. Através da revolução digital se iniciou uma revolução industrial. Apesar de nos encontrarmos no início dessa revolução, não podemos descartar todas as possibilidades e benefícios que ela traz, tanto à carreira do designer, quanto à sociedade como um todo. É possível se esquivar desses limites da indústria através das

oficinas de fabricação digital, que demonstram ser acessíveis à qualquer pessoa.

Inúmeras tecnologias dentro destes laboratórios podem ser extremamente eficientes para que o profissional do design desenvolva diversos tipos de projetos. Além disso, ele estará em contato direto com os métodos de produção, desenvolvendo melhor a lógica projetual e aprendendo a lidar e gerenciar os possíveis erros de produção. O contato com o a produção do projeto, principalmente nos primeiros anos de atuação na profissão, é de extrema importância, pois o designer aprende que durante o processo de desenvolvimento é permitido errar e consertar, o que diminui os riscos na produção do projeto final (como prejuízos de materiais e financeiros). A prática o leva a encarar os erros como oportunidade de aprender, potencializando a descoberta de novas oportunidades e inovação.

Esses espaços altamente equipados permitem que o profissional do design alavanque seus projetos, amplie seu portfólio e obtenha novos conhecimentos e experiências práticas, uma vez que está envolvido em um ambiente multidisciplinar. Além disso, frente às limitações encontradas pelo mercado de design no Brasil, os espaços de fabricação digital se mostram

como alternativa acessível, fomentando a iniciativa do empreendedorismo.

Referências

ANDERSON, Chris. **A nova revolução industrial: makers**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 304 p.

ARENA, Carla. Entendendo o movimento maker. **Casa Thomas Jefferson**, Brasília, agosto de 2014. Disponível em:

<<http://courses.thomas.org.br/makerspace/entendend-o-o-movimento-maker/>> Acesso em: 20 jun. de 2016

CAVALLINI, Ricardo. **O Movimento Maker na educação**. Makers Brasil, junho de 2014. Disponível em: <<http://makers.net.br/o-movimento-maker-na-educacao/>>. Acesso em 17 jun. 2016

CAVALCANTI, G. *It is a hackerspace, makerspace, techshop, or fablab? Make: we are all makers*, maio de 2013. Disponível em:

<<http://makezine.com/2013/05/22/the-difference-between-hackerspaces-makerspaces-techshops-and-fablabs/>> Acesso em: 17 jun. 2016

SCOREL, A. L. As linguagens do design. In: LIMA, G. C. **Design: Objetivos e perspectivas**. Rio de Janeiro: PPDESDI/UERJ, 2005.

EYCHENNE, Fabien; NEVES, Heloisa. **Fab Lab: A vanguarda da nova revolução industrial.** São Paulo: Editorial Fab Lab Brasil, 2013.

GERBER, Elizabeth; CARROLL, Maureen. The psychological experience of prototyping. **Design Studies.** [s.l.], v.33, n.1, p. 64-84, jan. de 2012.

HESKETT, John. **Design.** São Paulo: Ática, 2008. 144 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Inovação Tecnológica:** 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 164 p.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento.** São Paulo: Saraiva, 2010.

MALAGUTI, Cyntia. **Termo de referência para atuação em design.** 12 ed. São Paulo: Sebrae SP, 2011. 78 p.

MORAES, Dijon. **Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem.** São Paulo: Edgard Blücher, 2006. 304 p.

MORAES, Dijon de. **Limites do Design.** São Paulo: Studio Nobel, 1997. 168 p.

MORAES, Dijon de. Metaprojeto como modelo projetual. In: MORAES, Dijon de *et al.* **Cadernos de**

estudos avançados em design: método. Barbacena: EdUEMG, 2011. v. 5, p. 35 - 51.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil:** Origens e instalação. 4 ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2007. 136 p.

PAULA, A. J. F. D. *et al.* Breve história e análise crítica do ensino do design no Brasil.

Convergências, Castelo Branco, v.5, junho de 2010. Disponível em:

<<http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo.php?id=78>>. Acesso em: 15 jun. 2016

SANTOS, M. C. L. D. Consumo, descarte, catação e reciclagem: notas sobre design e multiculturalismo.

In: MORAES, Dijon de *et al.* **Cadernos de estudos avançados em design:** multiculturalismo. 2 ed. Barbacena: EdUEMG, 2013. 181 p.

SILVA, A. C. M. **Manufatura criativa em design:** sustentabilidade econômica pela autopromoção como modelo de atuação profissional. 2014. 143 p. Dissertação (Mestrado em Design, cultura e sociedade) – Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo horizonte, 2014.

SILVA, J. C. R. P. D. *et al.* **O Futuro do Design no Brasil.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 58 p.

APONTAMENTOS SOBRE A PESQUISA EM DESIGN

Marcelina das Graças de Almeida⁴²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar e propor uma breve análise dos projetos de pesquisa realizados na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais desde 2009 sob a responsabilidade da autora e sua equipe. O propósito é, ao realizar a apresentação, é debater sobre o nascimento das questões motivadoras das investigações, o caminho que tem sido percorrido e as possibilidades que estão se concretizando. São 03 (três) projetos com objetivos diferentes, porém, providos de pontos de interseção e entrecruzamento, pois possibilitam, para além da preocupação em se pensar sobre a história do design, tem permitido a formação de pesquisadores que, formados na área, atuem e se preocupem com a construção de uma tradição de investigação nessa mesma área. Serão analisados os projetos “Leituras Cruzadas: interfaces entre História e Design”, “Reverendo a história: imagem e som Gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design” e “Cemitério do Bonfim, arte, história e educação patrimonial”.

Palavras-chave: projeto, pesquisa, design

⁴² Docente Escola de Design, PPGD, UEMG. E-mail: marcelinaalmeida@yahoo.com.br

Introdução

A organização das ideias e a sistematização do progresso e resultados das investigações que estão sendo realizadas no âmbito do mundo acadêmico muitas vezes é um trabalho difícil, penoso de se realizar, diante dos atropelos da vida e do excesso de afazeres e responsabilidades que a docência exige, entretanto é necessário que, em determinado momento, essa reflexão seja feita. E o propósito desse artigo é propor um balanço e debate dos projetos de investigação que estão sendo realizados, desde o ano de 2009, no âmbito da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e que estão sob a responsabilidade da pesquisadora e docente que assina esse texto.

Serão apresentados 03 (três) projetos que foram construídos, a partir das demandas e experiências que se realizam na mencionada instituição de ensino e nomeadamente são: “Leituras Cruzadas: interfaces entre História e Design”, “Reverendo a história: imagem e som Gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design” e “Cemitério do Bonfim, arte, história e educação

patrimonial”. A descrição e debate acerca do desenvolvimento, transformação e ampliação do escopo de cada um dos planos de trabalho transfiguram-se em uma oportunidade para se discutir o caráter das investigações que se realizam e, ao mesmo tempo, propor a troca de experiências e práticas.

Para se ter uma noção, mais clara, da esquadrihadura dos projetos é necessário que se conheça um pouco a formação e interesses acadêmicos da investigadora que conduz as pesquisas. Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, tendo realizado o mestrado e doutorado, na mesma área, e na mesma instituição. Desde sua inserção no mundo acadêmico tem se interessado por temas relacionados à história da arte, da cultura, da cultura material, da morte e culto aos mortos, bem como reflexões que permitam o relacionamento com os debates teóricos voltados para memória, educação patrimonial e preservação do patrimônio histórico e cultural. E é a partir desses interesses que se constroem e se interrelacionam os projetos que serão descritos a seguir.

Leituras Cruzadas: interfaces Entre História e Design

O projeto “Leituras cruzadas: interfaces entre História e Design” vêm sendo desenvolvido desde o fim de 2009 junto à Escola de Design, e tem como finalidade o desenvolvimento de uma investigação sobre as relações entre História e Design tomando como parâmetro o contexto social e cultural brasileiros. Trata-se de uma proposta ousada se existir a pretensão de ser desenvolvida individualmente, porém o foco deste projeto é transformar-se num programa de pesquisa que envolva a História e o Design, inicialmente refletindo acerca da realidade brasileira e com perspectiva de ampliação, no futuro, para investigação de outras sociedades e outros contextos. Não é uma tarefa que se pretende desenvolver em um só fôlego. Desde a aprovação da primeira bolsista Poliana Amorim Rocha, que desenvolveu uma pesquisa cuja temática é: *Formação Étnica e cultural do Brasil no período Colonial: Influenciadores e Permanências*, inserido no escopo geral do estudo das interfaces entre história e design. A pesquisa realizada durante um ano pela bolsista foi apresentada durante o 12º

Seminário de Iniciação Científica e Extensão da UEMG, realizado em novembro na cidade de Frutal/MG e também durante o II Seminário Interno de Pesquisa e Extensão. A aceitação por parte da comunidade acadêmica em relação aos questionamentos e apontamentos formulados pela bolsista revela a importância e relevância dos objetos a serem investigados.⁴³

Esta impressão foi percebida, igualmente, durante as sessões de mesas-coordenadas que fizeram parte do evento 12º Seminário de Iniciação Científica e Extensão da UEMG, ocasião em que foi apresentado o projeto e na ocasião revelou-se a necessidade de se tornar um programa efetivo de pesquisa, envolvendo pesquisadores das unidades de Belo Horizonte e outros *campi*. Embora essa proposição não tenha se concretizado, a investigação não foi abandonada e novos temas foram sendo incorporadas.

O projeto *Personagens e obras: uma investigação acerca da história do Design em Minas Gerais* foi desenvolvido pela discente Isabella

⁴³ O relatório do trabalho desenvolvido pela bolsista encontra-se nos anexos deste projeto.

Pontello Bahia⁴⁴ com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, através da concessão de bolsa de iniciação científica. A proposta apresentada foi investigar sobre o design mineiro, analisando historicamente o contexto da produção de Design em Minas Gerais e aprofundar o conceito de Design dentro de suas ramificações e instituições de ensino. Para realizar a empreitada a discente-pesquisadora estabeleceu os seguintes objetivos específicos: estabelecer uma cronologia do Design no Brasil e em Minas Gerais, mapear e diagnosticar o panorama do Design em Minas Gerais, promover o Design Mineiro perante o nacional e mundial e destacar nomes importantes no cenário do Design Mineiro. A bolsista apresentou o resultado da pesquisa em eventos científicos cabendo destacar o P&D 2012, realizado na cidade de São Luís no Maranhão.

Outro plano de trabalho aprovado contando com bolsa da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais, FAPEMIG foi desenvolvido por de Caroline Almeida Nobre, cuja temática era *Rua da*

⁴⁴ A discente concluiu a graduação e hoje é mestranda em Design, na mesma instituição.

Bahia – Espaço em mutação, as interseções entre design e história. A bolsista investigou a importância da Rua da Bahia dentro do contexto urbano da capital mineira, analisando o ambiente complexo e mutável que lhe caracteriza. O projeto foi apresentado durante o “II Encontro de Pesquisa em História da UFMG” ocorrido entre os dias 4 a 7 de junho de 2013, tendo, também participado do 14º Seminário de Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais, ocorrido entre os dias 05 a 07 de novembro de 2012.

A inserção do projeto **CULTURA REGIONAL, ARTESANATO E DESIGN: Vale do Jequitinhonha, Diamantina e Turmalina** proposto por Ludimila Montandon Pirois⁴⁵ no início do ano de 2013 foi desenvolvido pela bolsista Carla Regina Ferreira revelando-se uma oportunidade para se pensar a história do design relacionando-o com o artesanato e a cultura regional mineira.

Na atualidade, contando com bolsa fornecida pelo CNPq, a discente Alice Novato Silva De Faria,

⁴⁵ A discente, por razões particulares, trancou matrícula no curso e as atividades foram redirecionadas para outra bolsista.

realiza a investigação sobre armas e design, desenvolvendo um projeto com o título: **A importância da pólvora: um estudo sobre a evolução das armas de fogo e seus impactos na história mundial**. A pesquisa se ocupa, não somente do debate sobre o lugar do design no universo das armas de fogo, mas propõe um debate sociológico sobre os usos do artefato no cotidiano da sociedade brasileira.

O avanço das pesquisas tem revelado a relevância do projeto e tem permitido ampliar a discussão sobre história, design, cultura e multiculturalismo.

Revedo a História: Imagem e Som – Gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design

Durante o ano de 2009 foi desenvolvido pelos docentes e pesquisadores Alessandro Ferreira Costa e Rosemary Portugal, junto ao Centro de Estudos em Design da Imagem a primeira etapa da fase de implantação do Arquivo de Som e Imagem, ASI com o auxílio de bolsa de iniciação científica concedida

pela FAPEMIG. Nessa fase inicial foram catalogadas e descritas a massa documental guardada nas dependências do Centro de Estudos, proporcionando arranjo adequado ao acervo e sua conseqüente preservação em local apropriado. Foi também estabelecido um instrumento de pesquisa para viabilizar o acesso a estes documentos a todos os interessados em consultar e do mesmo extrair informações para o uso profissional e acadêmico.

O ASI é o primeiro centro de informação especializado em imagens (fixas e em movimento) e áudio da UEMG e um dos poucos existentes na cidade de Belo Horizonte, reunindo rico acervo documental formado por impressos das mais diversas naturezas, além de filmes, vídeos, fotografias, dentre outros que completam os 620 (seiscentos e vinte) documentos catalogados e indexados, somente nessa primeira etapa de implantação do Arquivo, realizada no decorrer do ano passado.

No ano de 2010, em decorrência de modificações no quadro de profissionais que integravam a equipe que iniciou a implantação do projeto, houve uma suspensão das atividades que só foram retomadas no ano seguinte. A proposta nessa nova etapa era dar continuidade ao planejamento

estabelecido, tornando o ASI espaço de preservação da memória e integrado às novas tecnologias e novas inserções no universo da consulta de acervos e produção de conhecimento.

No início do ano 2011, uma bolsa de iniciação científica foi aprovada e desde então as atividades em relação ao ASI foram retomadas. O acervo que ainda não havia sido investigado passou por um processo de higienização e cuidado. Foi criada a hemeroteca para guardar e acondicionar recorte de jornais e revistas que estavam dispersos entre os documentos e que corriam o risco de descarte.

Realizou-se, também, o I Colóquio da Memória Institucional da UEMG, evento com duração de 04 horas, dia 10 de junho, com parte da programação da 1ª semana UEMG. Este colóquio foi sediado na Escola de Design e contou com a parceria da Escola Guignard, Escola de Música e Universidade Federal de Minas Gerais. Naquela ocasião discutiu-se acerca da necessidade de se pensar, de forma clara e contundente, acerca da preservação da memória da Universidade.

Estas ações refletem a necessidade da continuidade do projeto, uma vez que compreende-se a urgência em promover políticas de preservação da

memória e cuidado com o acervo gerado pela universidade.

No ano de 2012 o trabalho realizado no ASI foi apresentado durante o Primeiro Encontro de Pesquisa em História da UFMG, realizado nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no período de 23 a 25 de maio. Na ocasião a comunicação integrou a mesa “Arquivos, Acervos e Coleções” com o título: “Fragmentos da Memória: ASI – Arquivo de Som e Imagem: Gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design/UEMG”. Neste mesmo ano, integrando os eventos da Bienal de Design, o projeto desenvolvido foi apresentado durante o “*4th Intenacional Forum of Design as a process*”, no período de 19 a 22 de setembro. Foi, também, foi exposto o pôster relatando a história e situação contemporânea do ASI.

No ano de 2013 além da participação em eventos científicos como “II Encontro de Pesquisa em História da UFMG” realizado entre os dias 4 a 7 de julho; o “Seminário Design da Imagem Dialética do Design e suas Interfaces” como parte da Semana UEMG, realizada entre 03 e 06 de julho e o II Colóquio Internacional de Design, realizado entre os

dias 23 e 24 de setembro. Foi, também, criada a página na rede social, FACEBOOK, com o propósito de divulgação das atividades realizadas pela equipe do ASI.⁴⁶

No ano de 2014 foram catalogados 118 (cento e dezoito) documentos entre projetos de pesquisa e extensão, graduação e outros trabalhos acadêmicos. Os trabalhos realizados foram, igualmente, divulgados em eventos científicos. Durante o ano de 2015 as atividades foram parcialmente suspensas, foi contratada a consultoria de um profissional especialista em organização de arquivos e desde então o espaço vem passando por um processo de reformulação e reenquadramento de suas funções e tratamento do acervo.

Para, além disto, o espaço do ASI vem sofrendo modificações, melhorando a recolha e acondicionando do acervo, buscando alternativas para ampliação do espaço e atendimento dos pesquisadores interessados em explorar o acervo.

Estas ações refletem a necessidade da continuidade do projeto, uma vez que se compreende

⁴⁶ Verificar: Arquivo de Som e Imagem Disponível em <<https://www.facebook.com/ASIEDUEMG?ref=hl>> Data de acesso: 30 de outubro de 2013.

a urgência em promover políticas de preservação da memória e cuidado com o acervo gerado pela universidade.

O quadro 1 resume as ações do ASI desde sua criação até a data recente.

Quadro 1- Atividades realizadas no Arquivo de Som e Imagem

Ano	Acervo identificado e organizado
2009	620 documentos
2011	Criação da hemeroteca 375 recortes de periódicos (1976-2009) 114 projetos de graduação 178 documentos históricos relacionados com a história da Escola de Design/FUMA/ESAP/UEMG Início da transferência de mídia (VHS) para o formato digital do material visual produzido pelo corpo docente e discente da instituição.
2012	Documentos 186

	Coleção de fotografias 17 Vídeo 50 Convites de graduação 54 Eventos 75 Hemeroteca 17
2013	Trabalhos de graduação 47 Fotografias 920
2014	Projetos de pesquisa e extensão 20 Projetos de graduação 36 Trabalhos acadêmicos disciplinares 61

Fonte: autoria própria

O ASI vem sendo permanentemente procurado por pesquisadores, docentes e discentes, interessados no acervo e usando-o como local de pesquisa, demonstrando a importância da manutenção e conservação deste material.

Cemitério do Bonfim: arte. História e educação patrimonial

O Cemitério do Bonfim localizado na cidade de Belo Horizonte, faz parte do projeto moderno ousado e moderno que se cristalizou na transferência e construção de uma nova capital para o Estado de Minas Gerais. Nele podemos enxergar a mentalidade moderno/burguesa que norteou os princípios fundadores da nova metrópole, através da avaliação de sua arquitetura, dos artistas - artesãos que nele trabalharam e especialmente da arte tumular que nos possibilita enxergar signos e símbolos que revelam a contradição de uma sociedade que nascida sob a promessa da democracia tenta igualar os mortos, convidando - os a ocupar o mesmo espaço, mas opera a desigualdade a partir do instante que estimula a propriedade privada, via sepulturas de família, bem como a ostentação e demonstração de força e poder que se expressam na arte e arquitetura tumular.

O Cemitério do Bonfim para além do cumprimento de suas funções habituais ligadas ao culto aos mortos vem sendo cada vez mais utilizado como lugar de turismo e espaço educativo. O habito de ministrar aulas específicas utilizando o espaço

fúnebre vem sendo recorrentemente praticado. Esta prática na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais se realiza através do trabalho de docentes em disciplinas diversas que são ministradas para os cursos de Design Gráfico, Design de Produto, Design de Ambientes e Licenciatura em Artes Visuais.

As visitas técnicas foram coordenadas pelas docentes Marcelina das Graças de Almeida e Patrícia Pinheiro como parte do currículo das disciplinas “Espaços Museográficos” e “Fatores Filosóficos e Culturais I”, respectivamente. O objetivo dessas visitas era, para além da coleta de material e investigação acadêmica, a promoção da educação patrimonial.

Entretanto a ação vem, desde junho de 2012, se estendendo a outros segmentos da sociedade belo-horizontina através da ação extensionista que promove, em parceria com Fundação Municipal de Parques, FMP e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA, visitas mensais ao cemitério com o intuito de instigar o interesse, despertar o gosto pelo turismo cemiterial e ao mesmo tempo promover a educação patrimonial. Estas atividades têm a cada dia incrementado de modo

considerável a visibilidade naquilo que se refere ao cemitério e conseqüentemente à necessidade de ampliar o conhecimento acerca do acervo e história do cemitério cresce na mesma proporção.

Percebe-se que as atividades turísticas e a reabilitação do espaço cemiterial podem resultar em experiências diversificadas que promovam a preservação do espaço, integrando áreas de conhecimento como história, artes visuais, arquitetura, turismo, dentre outras, além de angariar a admiração dos turistas e sensibilizar o poder público e privado para promoção de ações de zelo pelo patrimônio histórico e cultural que se encontra abrigado naquele espaço.

O projeto, por outro lado, para além do seu caráter extensionista, tem proporcionado o investimento em atividades de pesquisa, atraindo discentes dos cursos de Design, em todas suas habilitações, bem como do curso de Artes Visuais para que possa explorar o potencial do acervo do espaço funerário como objeto de suas investigações e construção de projetos e planos de trabalho, nos quais podem exercitar os conhecimentos que estão sendo debatidos e construídos no percurso acadêmico.

Apontamentos finais

Os projetos descritos anteriormente revelam a importância da criação de uma política de pesquisa e investigação no âmbito da instituição UEMG e de modo particular, na Escola de Design, destacando as possibilidades de interface, de diálogo e a construção de uma rede de conhecimento que pode contribuir para a compreensão do caráter multicultural e múltiplo do Design.

As três ações apontam direções, aparentemente diversas, mas essencialmente complementares. O projeto “Leituras Cruzadas” abraça a diversidade dos interesses do corpo discente no tocante à história do design e estimula o espírito investigativo. Por outro lado o projeto “Revendo a História” indica o caminho para a importância de se pensar instrumentos que permitam a criação de mecanismos para a preservação da memória do design, na Escola de Design, bem como da história do design local e nacional. E, finalmente, o projeto “Cemitério do Bonfim” além de propiciar a pesquisa, estabelece a conexão entre ensino e extensão, proporcionando o diálogo entre a academia e a sociedade, em geral,

pois através das visitas guiadas se conecta, diretamente, com a comunidade externa e assume a responsabilidade de estabelecer o diálogo e a troca de conhecimentos e experiências.

São, portanto, projetos que, ainda modestos, em face de maturação, mas providos de um potencial e generosidade que, certamente, podem fazer a diferença no futuro da universidade.

Referências

ALMEIDA, Marcelina das Graças de, ROCHA, Luana de Oliveira e VILLAÇA, Vanessa. **Relatório de Pesquisa REVENDO A HISTÓRIA: IMAGEM E SOM GESTÃO DO ACERVO DOCUMENTAL RECOLHIDO NO CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN DA IMAGEM DA ESCOLA DE DESIGN**. Belo Horizonte: Escola de Design/FAPEMIG, 2012.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **PROJETO DE EXTENSÃO Passeio pelo Bonfim - visitas guiadas** Relatório 2012/2013. Belo Horizonte, Escola de Design, 2013.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Cemitério do Bonfim: Arte, História e Educação Patrimonial** RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS DAS

ATIVIDADES DURANTE O ANO DE 2014. Belo Horizonte, Escola de Design, 2015.

AVELAR, Bruna Dalva e ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **PROJETO CEMITÉRIO DO BONFIM: ARTE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.EDITAL: 01/2013.** Belo Horizonte: Escola de Design/UEMG,2013. 23 p. Relatório de pesquisa PAPq.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design.** 2ª ed. São Paulo: Blucher,2004.

CONSOLO, Cecilia (org.) **Anatomia do Design** uma análise do design gráfico brasileiro. São Paulo: Blucher, 2009.

COSTA, Alessandro Ferreira e SILVA, Ivone Gomes da. **Revedo a história: Imagem e Som.** Gestão do acervo documental recolhido no centro de estudos em design da imagem da escola de design (ED/UEMG). Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte: UEMG, 2009.

Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível

em: <www.portalan.arquivonacional.gov.br >Acesso em 02/06/2010.

FILLIPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vania Carneiro de. **Como tratar coleções de Fotografias**. 2^a ed. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado,2002.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**_São Paulo: Vertice,1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. Disponível em: <www.portalan.arquivonacional.gov.br >Acesso em 02/06/2010

MODELO DE REQUISITOS PARA SISTEMAINFORMATIZADOS DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS e-ARQ
Brasil Conarq, dezembro de 2009. Disponível em: <www.portalan.arquivonacional.gov.br >Acesso em 02/06/2010

VILAÇA, Vanessa Cardoso e ALMEIDA, Marcelina das Graças de Almeida. **REVENDO A HISTÓRIA: IMAGEM E SOM GESTÃO DO ACERVO DOCUMENTAL RECOLHIDO NO CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN DA IMAGEM DA**

ESCOLA DE DESIGN. Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte: UEMG, 2013.

VIVEIRO, Ana Luiza de Almeida e ALMEIDA, Marcelina das Graças de Almeida. **Revendo a História: Imagem e Som** - Gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design/UEMG. Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte, UEMG, 2015.

TRIGUEIRO, Ana Carolina Zegarra e ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Relatório Final de Pesquisa Projeto Cemitério do Bonfim: Arte, História e Educação Patrimonial. Edital 04/2014** Belo Horizonte, ED/UEMG, 2015.

ÁREA DE HUMANAS

PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elaine Kendall Santana Silva⁴⁷

Nataniele Fernandes dos Reis⁴⁸

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar e refletir sobre as práticas de oralidade desenvolvidas em duas escolas da Rede Estadual de Ensino do município de Divinópolis – MG, no sentido de percebê-las como instrumento influente na inserção social dos indivíduos. Deste modo, recorre-se a pesquisa bibliográfica, realizando uma análise daquilo que compete à escola abordar em relação às práticas em que o uso da modalidade oral da língua preceda as demais competências. Tem-se como hipótese que a escola não tem tomado para si a função de desenvolver habilidades que são necessárias aos indivíduos para além do contexto escolar. Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscou-se diversos autores que tratam sobre o tema, tais como Marcuschi (1997, 2002, 2007), Bakhtin (1992), Travaglia (1996), Fávero (2002), Soares (2004), Geraldi (1991) dentre outros. Com base no levantamento bibliográfico, em contraste com a realidade analisada nos contextos escolares, pode-se constatar que as

⁴⁷ Professora Mestre em Língua Portuguesa – UEMG/Divinópolis.

⁴⁸ Graduanda do Curso de Pedagogia – UEMG/Divinópolis.

escolas precisam se adequar no sentido de melhor preparar os discentes para o uso de suas competências linguísticas.

PALAVRAS CHAVE: Práticas de Oralidade. Competências Linguísticas. Inserção Social.

Introdução

Este artigo parte da importância que a oralidade, enquanto instrumento de inserção e atuação dos indivíduos em seu contexto social, exerce na vida dos mesmos. Para tal finalidade, buscou-se um referencial teórico que desse suporte às reflexões, além de analisar como essa prática vem se concretizado no ambiente escolar. O que justifica-se pelo enaltecimento de práticas de leitura e escrita neste ambiente e pela pouca ênfase dada ao uso social desses processos, que manifesta-se, dentre outras formas, pela oralidade, definida por Marcuschi (1997, p. 126) como *“uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso”*.

É relevante salientar também a oralidade, integrada ao processo de letramento, entendido por

Soares (2004, p. 19) como decorrente “*da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico*”, que deve ser promovida no âmbito escolar, visando perpassar este contexto, já que seu uso se dá em espaços diversos no cotidiano.

Vista pelo aspecto social, a modalidade falada da língua constitui elemento fundamental para práticas que perpassem as entrelinhas escolares. Em estudos realizados por Marcuschi (1997) é evidente a supervalorização da escrita em detrimento dos processos de uso da fala, visto que a escrita se constitui num bem inestimável das sociedades letradas. Nesse sentido, esse artigo busca expor como o atual meio escolar trata a prática oral nos anos iniciais do Ensino Fundamental, visto que esta, constitui importante instrumento para a mobilidade social dos indivíduos.

O que pretende-se aqui é expor de que forma os docentes têm se dedicado às práticas relativas à oralidade no cotidiano escolar, de modo a inserir e preparar o aluno para atuar no meio social, e ainda, como isso tem sido promovido. Pôde-se ainda conhecer as práticas linguísticas do contexto escolar,

bem como o grau de reciprocidade entre a escrita e a fala neste âmbito, tendo-as como atividades independentes, porém complementares. É possível também, analisar a perspectiva formadora dos docentes, no sentido de compreender como estes percebem sua prática como contribuinte para a atuação social dos educandos e se estes recebem uma preparação linguística que assegure o êxito para sua inserção e intervenção nos contextos extraescolares.

Com esse embasamento, foi realizada a pesquisa que desdobrou-se em duas etapas: a parte bibliográfica e a empírica. A primeira, a fim de que houvesse um embasamento teórico direcionado para o entendimento da oralidade, compreendendo-a como um processo integrado à perspectiva do letramento e à rotulação do preconceito linguístico, buscando conceber o que se espera que seja abordado quanto à fala na perspectiva escolar e como promovê-la para que os discentes construam competências sociocomunicativas para perceber os usos e formas da mesma, das situações coloquiais às mais formais. Utilizou-se como base bibliográfica os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, 1998) e autores que discutem sobre questões pertinentes ao tema, tais como

Bakhtin (1992), Marcuschi (1997, 2002, 2007), Fávero (2002), Soares (2004), Travaglia (1996), Geraldi (1991), dentre outros.

Em sequência, ocorreu a pesquisa empírica, qualitativa, em campo, realizada em duas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Ciclo Complementar de Alfabetização, de cada uma das escolas pesquisadas, totalizando quatro turmas envolvidas na pesquisa, em duas escolas da Rede Estadual de Ensino, situadas no município de Divinópolis – MG.

A observação foi realizada em duas turmas de cada espaço escolar, com o intuito de que fossem comparadas as experiências de oralidade em diferentes contextos, visando analisar se a oralidade é trabalhada como apontam os referenciais teóricos. A partir desses procedimentos foi feita a discussão e análise dos dados obtidos.

Pretende-se apresentar de forma geral a distinção entre linguagem e língua, contextualizando onde se enquadra a modalidade oral; discutir sobre a relação entre fala e escrita; analisar a oralidade enquanto instrumento que promove a inserção e atuação do indivíduo na sociedade em que se insere, bem como, a relação dos processos de oralidade e

letramento; e apresentar qual a função da escola acerca do trabalho com a língua oral, discutindo também sobre a disseminação do preconceito linguístico nas práticas escolares.

Estes aspectos, em contraste com a realidade pesquisada apontam para que os professores repensem a formação que estão proporcionando ao alunado, considerando que a educação recebida na escola, não é um amontoado de conceitos inerentes à realidade, mas em primeira instância, é base para as vivências dos alunos fora da escola, em suas ações, pensamentos e perspectivas mediante a sociedade em que estão inseridos.

1 – Língua e linguagem: suas especificidades

Para tratar de questões relativas à linguística, julga-se necessário a distinção entre língua e linguagem, uma vez que, comumente é atribuído a esses termos o mesmo sentido. Contudo, mesmo estando interligados, estes termos devem ser entendidos em suas especificidades.

Para Saussure (apud RIBEIRO, 2006, p. 1) língua e linguagem recebem diferentes definições.

Ele defende que a língua, por seu caráter concreto, é o objeto de estudo da linguística, compreendendo que a língua destina-se ao estudo de apenas uma parcela da linguagem. Esta, em sua concepção, é algo muito mais amplo que a representação linguística por meio da fala e escrita. Assim, a língua não pode ser confundida com a linguagem humana, que expressa-se pelas mais distintas formas.

Tal premissa sugere que a linguística tem a finalidade de estudar a parte técnica da linguagem humana, ou seja, a língua. Mas não impossibilita contemplar práticas que possibilitem uma formação linguística, capaz de compreender as ações e linguagens humanas e do contexto social como um todo. Portanto, toda a ação decorrente da manifestação humana, deve ser considerada linguagem, sendo *a língua correspondente ao acordo estabelecido na transmissão oral e escrita, pertencente a determinado grupo social.*

Saussure (*apud* TERRA, 1997, p. 13), explana a ideia da língua como “*um conjunto de convenções necessárias, seguidas por um corpo social para permitir o exercício da linguagem*”, sendo compreendida como a regra de funcionamento formal da linguagem, reforçada pelas bases

gramaticais, sobretudo, se tratando de sua definição escrita.

A linguagem traduz-se em um elemento advindo da necessidade que o homem, inserido em um ambiente social, necessita para se comunicar e expressar pensamentos. Nesse sentido, tem total referência nas ações e relações humanas, pois foi a partir da organização humana em coletivos, que surgiu a necessidade de se criar meios para a transmissão de ideias e atividades desenvolvidas pelo indivíduo em seu convívio social.

Para Neder (*apud* TRAVAGLIA, 1996, p. 23) a linguagem não é constituída por um “*sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações*”.

Compreende-se nesta teoria que a interação, constitui o que há de fundamental na linguagem.

A língua, por sua vez, não é estática, sendo composta por fala e escrita. Essas modalidades tornam evidente o grau de variação que a constitui, relativo às influências do meio em que se consolida.

A fala demonstra tal perspectiva, pois, apesar de concentrar-se nas convenções formais, recebe constante influência sociocultural, ou seja, é relativa às peculiaridades sociais e culturais dos indivíduos, não sendo coerente abordá-la sem considerar essas determinantes. A escrita também, não está à mercê dessas variações, ainda que contrarie a formalidade da língua portuguesa.

Nessa perspectiva, considera-se o papel da escola no ensino da língua formal, que é de suma importância na formação dos indivíduos. Entretanto, nem mesmo neste ambiente que é regido pelo uso formal da língua, ela está à parte de variações. Assim, ressalta-se o papel da escola no sentido de orientar e proporcionar o uso da fala nos diversos contextos, sem rotular as variações presentes na língua, a fim de que os alunos se preparem para as situações sociais em que a fala, ou seja, a manifestação oral, será elemento fundamental.

Deste modo, é necessário compreender

como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a

língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

2 – Elementos fundamentais da língua

Para compreender a relevância da oralidade e da escrita, bem como suas particularidades, é necessário analisar a relação de diálogo que estabelecem entre si. Não se trata de considerar uma ou outra como superior ou mais viável na aquisição de competências linguísticas ou comunicativas, mas de concebê-las como uma via de mão dupla quando objetiva-se um ensino linguístico integral.

O destaque dado à modalidade escrita da língua, sobretudo se tratando dos contextos escolares, evoca a ideia de que a fala pode ser tratada separadamente da escrita, ou ainda, que uma pode ser vista como mais importante que a outra no processo de aquisição de competências linguísticas.

Segundo Marcuschi (1997, p. 120), a escrita abrange uma carga indispensável enquanto instrumento de prestígio social na sociedade

contemporânea. Entretanto, considerá-la superior à fala, impõe sobre a língua, uma visão dicotomizada. O autor reforça essa ideia ao afirmar que existe um equívoco na supervalorização da escrita na sociedade.

Não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa [...] Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é que a fala veio *antes* da escrita. Nem por isso [...] a escrita é simplesmente derivada da fala. Portanto, do *ponto de vista cronológico* [...] a fala tem precedência ou supremacia sobre a escrita, mas, do *ponto de vista do prestígio social*, a escrita tem uma supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas. Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São valores que podem variar entre sociedades, grupos sociais e ao longo da história (MARCUSCHI, 2007, p. 26-27).

Outro fator que leva a perceber a ideologia de uma modalidade da língua sobre a outra, apontado por Marcuschi (*apud* FÁVERO, 2002, p. 10) deve-se ao fato de alguns gramáticos verem “*a fala como lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada*”.

Ao contrário, a língua perpassa as barreiras gramaticais, já que constitui-se não apenas sob a forma escrita, tampouco a modalidade escrita constitui-se somente pela formalidade gramatical.

Na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um continuum que vai do nível mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários. Assim, a informalidade consiste em apenas uma das possibilidades de realização não só da fala, como também da escrita (FÁVERO *et al*, 2002, p. 75).

O que ocorre é que a escrita, como elemento simbólico de desenvolvimento, é vista como parte privilegiada da língua, sendo peça central das práticas linguísticas no contexto escolar. Bakhtin discorre sobre a quebra do paradigma de uma

modalidade da língua sobre a outra, considerando-a em sua perspectiva global. Destaca o autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1992, p. 125).

Desse pressuposto, a língua é analisada integralmente, através da interação verbal entre os interlocutores. Assim, estudos que compreendem a língua enquanto instrumento de interação, colocam em xeque o papel do contexto e das trocas entre interlocutores, sendo resultante do processo sujeito-linguagem, não apenas fenômenos cognitivos, mas discursivos.

Portanto,

não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também

não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita, nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade (MARCUSCHI, 2007, p.15).

Contudo, a visão da fala como “lugar do erro”, passível ao desordenamento, à falta de planejamento e demais características próprias da construção imediatista da língua falada, fez com que se construísse sobre ela uma concepção preconceituosa. Visto que a língua é ideologicamente entendida como aquela estática, imposta por princípios gramaticais. Marcuschi (2002) compreende este ideário como inadequado para observação dos fatores que envolvem a língua, considerando as variações do meio em que é utilizada, bem como de seus falantes.

A língua, portanto, é constituída por um montante de práticas interativas, cognitivas e sociais,

o que desvalida a definição errônea desta como simplesmente um princípio de signos predefinidos por regras. Contudo, é inegável a importância atribuída à língua escrita, enquanto objeto concreto de manifestação do saber linguístico, bem como de ascensão social.

Observa-se que a língua escrita por si só, apresenta-se como algo predefinido, constante, se analisada em sua estrutura gramatical. Por outro lado a oralidade apresenta-se com maiores possibilidades de variação, pois é inerente a aspectos culturais, sociais, regionais, estilísticos, dentre outros. Entretanto, se desmistificada a concepção de que a língua generaliza e petrifica as circunstâncias e os contextos em que se constrói, pode-se perceber com mais clareza que ambas as modalidades podem se fundamentar na formalidade e também nas variantes linguísticas, que, é claro, estabelecem um limite que não cabe ser ignorado.

O que as difere, entretanto, pode ser melhor compreendido por uma perspectiva estrutural do que pela análise equivocada de uma ter mais valor ou melhor representar a aquisição linguística. Vale lembrar que ao se considerar o estudo da língua, torna-se incoerente analisá-la por apenas uma dessas

vertentes. A língua é composta pela modalidade escrita e também pela oral, e ambas têm igual valor nessa composição, cada qual com suas especificidades.

3 – A oralidade e a promoção da inserção social

A oralidade consiste em um instrumento fundamental na interação e comunicação humana, bem como na vida em sociedade. Define-se como ato de comunicação manifestado através da fala, advindo das culturas orais, que, não dispendo de outros recursos, se serviam da transmissão oral de conhecimentos às gerações futuras.

Com o surgimento da escrita, a oralidade deixou de ocupar o papel de exclusiva fonte de aquisição de conhecimentos e comunicação. Entretanto, como afirma Marcuschi (2002, p. 21) a fala, majoritariamente, consiste em uma atividade muito mais central do que a escrita no cotidiano das pessoas, sendo, pois, acessível a qualquer grupo, diferentemente da escrita, que, por sua vez, necessita de uma formalidade de espaço e conhecimento para ser adquirida.

Na organização social contemporânea, em que o uso da língua falada se faz importante para diversas situações, o desenvolvimento da oralidade coloca-se como questão de grande relevância ao considerar uma formação que vise além dos aspectos cognitivos, os sociais. Nesse sentido, a língua oral coloca-se como objeto elementar ao considerar a formação linguística dos falantes, visto que, se faz necessária na aquisição e articulação de conhecimentos, na comunicação, na interação e na vida social como um todo.

Nesse sentido, destaca-se o espaço que a oralidade vem cedido, sobretudo a cultura escrita, no âmbito formal da educação. Sua importância na proposta de uma educação integral é inegável, pois:

[...] o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos,

necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 1997, p. 15).

Ter domínio sobre a língua falada e escrita, é portanto, recurso fundamental de inserção do indivíduo no âmbito social. É a possibilidade de estabelecer relações, se situar enquanto sujeito pertencente a um grupo social e ampliar as possibilidades de atuação no meio em que se insere.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p. 21) expõem ainda, que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Portanto, é dever da educação formal pensar em preparar o sujeito para o uso de suas

competências linguísticas para além do contexto escolar. Isso, pois:

As instituições sociais fazem diferentes usos da linguagem oral: um cientista, um político, um professor, um religioso, um feirante, um repórter, um radialista, enfim, todos aqueles que tomam a palavra para falar em voz alta, utilizam diferentes registros em razão das também diferentes instâncias nas quais essa prática se realiza. A própria condição de aluno exige o domínio de determinados usos da linguagem oral (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 1997, p. 27).

A oralidade é também instrumento fundamental na construção de aprendizagens, não somente linguísticas, nem mesmo redutíveis à língua portuguesa, perpassando por aspectos cognitivos e de formação pessoal, se estendendo a ambientes e situações extraescolares. Acerca disso, pressupõe Santomauro (2010, p. 43):

Quem não apresenta suas ideias com clareza ou defende mal seus argumentos diante de um grupo, enfrenta problemas tanto na sala de aula como na vida [...] A escola, no entanto, não tem se dedicado à questão como deve. Embora o ensino da língua oral esteja previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) há mais de uma década, essa prática está longe de ser prioridade. Ela é confundida com atividades de leitura em voz alta e conversas informais, que não preparam para os contextos de comunicação.

Entende-se ainda, que os estudos sobre a oralidade implicam também nas práticas de letramento. Até porque, além da fala, há outros aspectos presentes na oralidade que vão de encontro à perspectiva interativa do letramento, definido por Soares (2004, p. 18) como a consequência de integrar-se às práticas sociais de leitura e escrita, o que, segundo a autora *“tem consequências sobre o indivíduo, e alteram seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos”*.

Isto é, tanto a oralidade, quanto o processo de letramento perpassam pelo uso social das práticas de leitura e escrita. Portanto, pode-se afirmar a proximidade do letramento e da oralidade, visto que esta:

[...] diz respeito a todas as atividades orais no dia-a-dia, e as atividades de *letramento* dizem respeito aos mais variados usos da escrita, inclusive por parte de quem é analfabeto, mas toma um ônibus, usa as cédulas de dinheiro, acha uma rua, telefona digitando o número e identifica os produtos em supermercados. *Letramento* é uma expressão que hoje vem se especializando para apontar os mais variados modos de apropriação, domínio e uso da escrita como prática social e não como uma simples forma de representação gráfica da língua. O letramento volta-se para os usos e as práticas, e não especificamente para as formas [...] (MARCUSCHI, 2007, p. 35).

Nesse sentido, as práticas de letramento e oralidade se assemelham, por abranger processos sociais, à medida que permitem a inclusão dos

indivíduos em uma sociedade que requer competências orais, de escrita e leitura como recurso para que essa inclusão aconteça.

A oralidade é parte fundamental da perspectiva de “alfabetizar letrando”, uma vez que possibilita o uso das competências de leitura e escrita no meio social. Portanto, é de suma importância que a escola tome para si a tarefa de incluir práticas de uso social, indo além das competências de leitura e escrita formais, visto que essas, não serão significativas se não vierem junto das possibilidades de torná-las concretas e úteis no cotidiano.

4 – O papel da escola em relação à modalidade oral da língua

O trabalho com a oralidade no âmbito escolar, deve possibilitar que os discentes utilizem de suas competências para intervir conscientemente no meio social. O principal objetivo da proposta oral da língua na escola é – ou deveria ser – o de proporcionar que os discentes saibam adequar-se oralmente às diferentes situações comunicativas, sem elevação ou exclusão de uma ou outra variante da modalidade falada da língua. Assim, o aluno, além de

inserir-se socialmente, se desenvolverá a nível pessoal na medida em que constrói habilidades de domínio das situações discursivas.

Para tanto, é necessário compreender que a proposta linguística não deve priorizar somente a língua formal e escrita, extremamente valorizada nos contextos educativos formais, impedindo assim a disseminação do preconceito linguístico, que não raro, é evidenciado no âmbito escolar. Nesse sentido, a língua falada “*é um convite para que a escola amplie seu leque de atenção*” (MARCUSCHI *apud* FÁVERO, 2002, p. 11). Pois, segundo Geraldi (1991, p. 13), a língua é também sinônimo de poder:

[...] numa sociedade como a brasileira, que, por sua dinâmica econômica e política, divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupos, distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também a expressão dessa mesma situação.

A crença de que o aluno chega à escola sabendo falar e que, por este motivo, a oralidade não constitui prioridade no ensino linguístico, e que este

deve proporcionar somente o aprendizado da leitura e da escrita, dificultam a elevação de práticas que contemplem a oralidade nesse contexto. Trata-se ainda de uma concepção errônea, visto que, o ensino da leitura e escrita se relaciona, também, com a língua falada.

Como aponta Travaglia (1996, p. 17), o próprio ensino de uma determinada língua a seus falantes, justifica o trabalho linguístico oral nos contextos escolares de formação, ao pontuar que:

[...] o ensino da língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

Tais colocações se fazem importantes ao considerar o processo de formação dos sujeitos, pois saber expressar-se por meio da fala é tão relevante quanto adquirir as habilidades escritas da língua. O indivíduo que tem domínio sobre a língua, certamente tem maiores possibilidades de atuação

social, de reivindicação, de situar-se enquanto sujeito de direitos e deveres. Isso justifica a importância de práticas linguísticas que contemplem a oralidade.

Nesse sentido, pode-se observar o quão relevante é o papel da escola. Em primeiro lugar, pois é – ou deveria ser – objetivo da instituição escolar, criar possibilidades para que os alunos adquiram competências para lidar com situações extraescolares de uso da língua. Em sequência, porque até as aprendizagens escolares propriamente ditas, recebem influência direta dos usos da língua. Se tratando da modalidade falada, o próprio processo de interação, característica marcante da oralidade, é caminho para que demais aprendizagens sejam gradativamente construídas.

Considerando o espaço em que o uso da palavra, enquanto elemento de interação social, inicia-se desde cedo na vida dos sujeitos, é preciso pensar no lugar que as atividades orais – não só no ensino de língua portuguesa – vem cedendo à escrita, o que demanda atenção por parte de professores e instituições escolares. Visto que, deixando de lado esta prática de extrema valia no desempenho dos falantes, tende a reduzir as possibilidades dos indivíduos atuarem efetivamente na sociedade.

5 – Experienciando a oralidade no cotidiano escolar

Com o intuito de experienciar como a oralidade vem sendo abordada nas instituições escolares contemporâneas, foram analisadas, através da pesquisa qualitativa de campo, com observação participante e aplicação de questionário as docentes envolvidas, quatro turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, município de Divinópolis, situadas em diferentes localidades.

Nesses espaços, observou-se como vem sendo desenvolvido o trabalho mediante a modalidade oral da língua com os discentes, analisando se, de fato, este tem contribuído com o aspecto social da formação dos mesmos a fim de que lhes oportunize possibilidades de inserção e atuação social em espaços que perpassem o ambiente escolar.

Apesar de haver propostas que se aproximam das práticas de oralidade, considera-se que, nenhuma das ações observadas compõe o que de fato se espera que seja trabalhado nesse sentido. Ainda há a ideia de que a fala não faz parte do que é de responsabilidade do professor abordar em sua prática

e mais, ela ainda é vista como elemento de desordem, que atrapalha a aprendizagem e não como algo integrado a este processo.

Bronzato (2009, p. 103 – 104) defende que o trabalho com a oralidade em sala de aula, assim como os demais conteúdos, deve ser planejado e direcionado.

Espera-se que o professor saiba como trabalhar com os gêneros de modo geral e com os gêneros orais de modo específico; é preciso que para cada gênero oral ele construa sua própria sequência didática, respeitando as peculiaridades de seus alunos e as suas próprias; é preciso que ele tenha tempo para desenvolver cada etapa da sequência de modo eficiente e produtivo.

Outro aspecto comum entre a didática de algumas das docentes envolvidas na pesquisa, é que se atribuem ensinar a fala correta, isto é, regida pelo princípio gramatical aos alunos, considerando esta, a dimensão a ser alcançada pela oralidade em sala de aula.

Não se trata, porém, de ensinar a falar [...] mas, sim, de criar oportunidades para que os alunos observem o funcionamento dos textos conversacionais e sejam capazes de explicitar os seus princípios e as suas funções, a fim de que saibam utilizá-los de forma competente nas mais diversas situações sociocomunicativas (MARCUSCHI, 2007, p. 172).

Não é suficiente, portanto, ensinar qual a fala considerada correta, sem proporcionar que os discentes vivenciem situações em que seu uso seja pertinente. Portanto, é necessário que seja uma construção possibilitada pelo professor, mas feita pelo próprio aluno.

Fávero (2002, p. 12) explana que não se trata de o professor ensinar a fala, ou de apontar a maneira correta de falar, visto que a questão não é falar certo ou errado e sim saber utilizar a língua falada, levando em conta o contexto de comunicação, criando a consciência da grande variedade de usos da fala, expondo que a língua falada não é homogênea. A questão é mediar os usos apropriados da fala, para

que não se crie sobre as variantes da língua, uma visão preconceituosa.

Ficou evidente ainda, a visão de complementaridade atribuída à oralidade, seja para a aquisição da leitura, da escrita, dos demais conteúdos. Enfim, são raras as situações em que é tida como um eixo independente.

O ideal é que o professor procure

desenvolver no aluno a capacidade de compreender textos orais e escritos e de assumir a palavra, produzindo textos em situações de participação social, o que se propõe ao ensinar os diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 1998, p. 41).

Sendo as tecnologias da sociedade letrada, instrumentos necessários para a vida em sociedade, sobretudo no dinamismo dos tempos atuais, é pertinente considerar a manifestação linguística, oral e escrita, e o uso social dessas competências como elementos necessários para a inserção do indivíduo nos diversos espaços sociais. O que ocorre é que a

preparação para tal finalidade deve acontecer com maior eficácia por parte das instituições escolares.

Há que se considerar que:

A escola não vai ensinar a língua como tal, e sim *usos* da língua em condições reais e não triviais da vida cotidiana. Em si não haveria necessidade de justificar o trabalho com a oralidade em sala de aula, pois parece natural que isso deva ocorrer. O espantoso é que se tenha demorado tanto para chegar a esse reconhecimento. O que deveria ser explicado é o escândalo da ausência, e não a estranheza da presença do trabalho com a oralidade na sala de aula (MARCUSCHI, 2007, p. 8).

Fica evidente que a oralidade é tão pouco enfatizada no contexto escolar, que os professores apresentam dificuldade em discorrer sobre sua particularidade, vez ou outra fazem referência à escrita, à leitura, o que não é incorreto, pois são eixos que se associam. Entretanto, assim como a escrita ou a leitura, a oralidade constitui uma peculiaridade no ensino e não precisa ser associada a outro aspecto para ser analisada, ela existe por si só.

Destaca-se que os espaços escolares observados apresentam aspectos favoráveis para a realização de práticas de oralidade. Contudo, o espaço físico, se não acrescido de outros fatores favoráveis para este trabalho, não constitui elemento de primeira instância para a realização de tais práticas. É necessário que se haja o aproveitamento desses espaços.

A localização das escolas, não constitui elemento que predefina a didática aplicada. Por outro lado, as docentes destacam o meio social como de extrema influência na oralidade dos discentes e em sua relação com a escrita.

Assim, ao comparar a realidade de uma escola à outra, pode-se afirmar que algumas práticas são coincidentes, apesar de nenhuma atingir o que se espera que seja trabalhado pelo viés da oralidade. O principal fator que influenciou esta variação foi a perspectiva de trabalho do professor. As docentes com menos tempo de formação de ambas as escolas, foram as que mais apresentaram em seus dizeres e ações, tendência a se aproximarem do que se espera que seja trabalhado acerca da oralidade, o que possibilita pensar que este trabalho independe do ano

de escolaridade da turma, já que estas docentes são regentes de turmas de anos de escolaridade distintos.

Nesse sentido, considera-se como fator relevante, a formação das professoras. Apesar de todas terem o mesmo título profissional, notou-se uma maior abertura a práticas que não se reduzem a leitura e a escrita nas professoras com menor tempo de formação. Isso justifica-se pelo tradicionalismo da educação, que, conseqüentemente, faz parte da formação e das concepções de docentes que já atuam na área da educação a um tempo maior.

O histórico da educação que idealizava a sala de aula como local de ordem e silêncio, muitas vezes, ainda parece moldar o trabalho docente nos dias atuais. Isso é explícito pela distorção apresentada pelas docentes, sobretudo nas ações observadas, em encarar a fala dos alunos como recurso a ser aproveitado para as demais aprendizagens e não como instrumento para a mobilidade social desses alunos para quando o meio escolar não for seu principal espaço de convivência social.

Isso porque, ainda tem-se erroneamente a concepção tradicionalista de que a fala não constitui objeto de estudo, e que, ao contrário é motivo de

alvoroço ou desordem, o que foi constatado no posicionamento das docentes.

Por fim, considera-se que:

A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar com segurança os recursos comunicativos que lhe forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 78).

Considerações finais

Este artigo permite expor e analisar como as instituições escolares vêm configurado seu caráter enquanto formadoras de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de compreender a realidade em que vivem e nela intervir por meio do uso eficiente das competências linguísticas, manifestadas, dentre outras formas, pela oralidade.

Tem-se como resposta ao ponto de partida das questões aqui abordadas, que a escola não tem

promovido como é previsto, inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, práticas de oralidade de modo a garantir a eficiência da competência oral dos sujeitos para que possam inserir-se e atuar socialmente nos diversos espaços. As habilidades de leitura e escrita, ainda são vistas, distantes de seu efetivo uso social, o que reflete na oralidade, que constitui-se nas relações dinâmicas com a realidade.

O que ocorre, são práticas que se aproximam da oralidade. Variavelmente esta modalidade é utilizada para a aquisição de outras competências, ou é extraída de outras experiências, tirando da mesma seu caráter enquanto proposta peculiar do ensino. Nota-se maior receptividade quanto às práticas de oralidade pelas docentes com menos tempo de formação envolvidas na pesquisa, que demonstraram em suas respostas e ações, que se aproximam do que se espera que seja desenvolvido com os discentes acerca do uso social da palavra.

As hipóteses levantadas acerca do tema referem-se às práticas que promovem o uso da fala sendo desvalorizadas e substituídas, frequentemente, por atividades que contemplem unicamente a modalidade escrita da língua. E ainda que a ênfase

dada pelo ambiente escolar no avanço das competências de leitura e escrita, sem considerar seu uso social, fortalecem que o trabalho com a oralidade não tenha espaço no contexto escolar.

Ao analisar esses aspectos na pesquisa empírica, consideram-se certificadas as hipóteses. Visto que, a escrita tem um papel imprescindível na prática escolar, que destaca-se frente a todas as outras competências que devem ser desenvolvidas com os educandos. Quanto à leitura e escrita, pode-se observar que ainda precisam ser ampliadas no sentido de atender à perspectiva do letramento, isto é, de fazerem jus a seu uso para além do contexto escolar, sendo instrumento fundamental para as práticas sociais, contemplando de tal modo, a oralidade, que nesse entendimento, nada mais é do que saber utilizar das competências linguísticas, adquiridas, dentre outras formas no meio escolar, para as ações cotidianas.

Severino (*apud* FREIRE, 1982, p.7) faz uma interessante reflexão que remete a pensar que ler, é antes de qualquer coisa, ler o mundo:

[...] A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever,

alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Isso implica em posicionar-se diante dele, saber exercer o uso de habilidades discursivas e interpretativas diante do meio social. A aquisição de competências linguísticas, não se integra aos processos sociais, se não for de encontro ao dinamismo da realidade.

O viés conteudista da instituição escolar contribui para que aspectos da formação humana e social sejam deixados em segundo plano. É preciso que a escola atente-se para a formação que está proporcionando aos discentes, considerando que este é um espaço que contribui com a aquisição não apenas de habilidades pragmáticas, imediatistas, mas para a construção de possibilidades futuras para o educando, o que é relevante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e também da sociedade em que se insere. A oralidade é, portanto, objeto primordial a ser considerado quando objetiva-se uma educação que forme integralmente o indivíduo.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 512 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo, SP: Parábola, 2004. 108 p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>

>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>

BRONZATO, Lucilene Hotz. A dinâmica de grupo no ensino da oralidade. *Revista Prolíngua*, João Pessoa – PB, v. 2, nº 1, p. 102-114, jan./jun. 2009. Disponível em:

<[http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/proli-
ngua/article/view/13421/7620](http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/proli-
ngua/article/view/13421/7620)> Acesso em 16 de outubro de 2015.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 3 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002. 126 p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo, SP: Cortez, 1989. p. 7. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo freire a importancia do ato de ler.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo%20freire%20a%20importancia%20do%20ato%20de%20ler.pdf)>

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 6 ed. Cascavel, PR: Assoeste, 1991. 125 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fala e escrita*. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. 208 p. Disponível em: <[http://www.ufpe.br/ceel/e-books/Fala Escrita Livro.pdf](http://www.ufpe.br/ceel/e-books/Fala_Escrita_Livro.pdf)>

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e ensino, uma questão pouco ‘falada’*. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português: Múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 21-34.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e Escrita*. Goiânia, GO: Signótica, v.9, nº1, jan./dez. 1997, p. 119-145.

RIBEIRO, Luis Filipe. *O conceito de linguagem em Bakhtin*. 12 p. Disponível em:

<<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>

Acesso em 10 de maio de 2015.

SANTOMAURO, Beatriz. Desafio: falar em público. *Revista Nova Escola*. nº 230, março de 2010, p. 42-61.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. *Revista Pátio*, Porto Alegre – RS, v. 29, p. 19-22, 2004. Disponível em:

<http://www.pnaicilhabela.com.br/wp-content/uploads/2013/11/ALFABETIZACAO_E_LETRAMENTO_Magda_Soares.pdf>

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 125 p.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo, SP: Scipione, 1997. 112 p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo, SP: Cortez, 1996. 245 p.

DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: INVESTIGANDO AS CONCEPÇÕES DOS DOCENTES SOBRE O “BOM PROFESSOR”

Natália Rossin Millan⁴⁹

RESUMO: Este estudo discute aspectos da docência universitária, tendo como foco as concepções que os próprios professores universitários têm sobre sua prática docente, procurando investigar quais os significados, referências e sentidos que eles atribuem a um “bom professor”. Foram destacados elementos como atualização, bom manejo da sala de aula, preocupação com formas de avaliação, envolvimento com pesquisa e extensão e bom relacionamento com estudante. Os resultados indicaram maior valorização de aspectos técnicos e cognitivos, havendo pouco foco em competências sócio afetivas e políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior; Docente Universitário; Prática Pedagógica

⁴⁹ Graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Especialização em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail da autora: narossin@yahoo.com.br.

Introdução

A docência universitária é um tema que tem se desdobrado em vários estudos nos últimos anos, tendo em vista as transformações socioculturais, políticas e econômicas ocorridas que repercutiram na dinâmica das universidades de diferentes maneiras (BARUFFI, 2000; TEIXEIRA, 2009; VALENTE & VIANA, 2010).

A partir da década de 1990, houve uma expansão da Educação Superior, possibilitando acesso a um público de grande heterogeneidade socioeconômica, cultural, de diferentes faixas etárias e diversidade de experiências (BOLFER, 2008).

Entendendo a educação como um processo ativo que interage com seu meio social e que, portanto, deve ter seus conteúdos diretamente influenciados pelas transformações sociais, o Ensino Superior, pelas suas características e especificidades, impõe uma necessidade de invenção e reinvenção contínua, proporcionando um espaço de criticidade, enquanto possibilidade de refletir sobre crises e problemas, e de criatividade, enquanto possibilidade de solucioná-los (CASTANHO, S. & CASTANHO, M.E., 2004).

Nesse panorama, os docentes se veem diante da necessidade de melhorar suas práticas e assim contribuir para o desenvolvimento da qualidade educativa, sem perder de vista os outros dois fins da Educação Superior: pesquisa e extensão, tornando-se então a atividade docente um exercício complexo e de grande importância na produção de conhecimento, assistência à sociedade, além das atividades pedagógicas (BOLFER, 2008).

A investigação e análise dos elementos que professores (as) do Ensino Superior elegem para construção da identidade de um “bom professor” faz-se importante, na medida em que, conhecer melhor como os professores concebem uma prática profissional adequada diante do mundo contemporâneo pode oferecer importantes subsídios para futuras intervenções. Os processos de significação podem emergir do ato reflexivo e ampliar sua compreensão e atuação frente a essa complexa atividade, superando uma visão simplista e repetitiva.

Ademais, considera-se que a dinâmica do estudo contribui para o enriquecimento e amplitude da discussão sobre a questão do processo de constituição da docência universitária, sendo um

objeto de investigação pertinente e atual, tendo em vista as múltiplas facetas do docente que atua na Educação Superior.

Vista como um processo em constante elaboração permeada por seu contexto sócio histórico, a função docente, suas particularidades, modos de execução, a relevância a ela atribuída e as cobranças feitas em relação à profissão citada variam de acordo com as diferentes compreensões e valores atribuídos à educação em diferentes contextos (PASSOS, 2004).

Tavares (2000) destaca a docência dentre os quatro eixos em que se dá o sucesso acadêmico na Educação Superior, caracterizando o professor como o vínculo que materializa ou não a relação entre os outros eixos: aluno, currículo e instituição. Por isso, se faz importante entender as concepções e ideologias que permeiam sua prática de ensino-aprendizagem e formação, visando obter bases para seu constante aperfeiçoamento.

A construção da profissionalidade docente está diretamente ligada à história pessoal, em um processo de interiorização e atualização de conhecimentos, competências, crenças e valores. .O tempo de carreira, o contato com o mundo do

trabalho aliados aos processos anteriores vão aos poucos construindo o profissional de forma aberta e inacabada (TARDIF, 2002).

Em geral, a formação do professor na pós-graduação é deficitária, uma vez que lhe confere uma competência técnico-científica em algum aspecto de seu campo de conhecimento, mas é restrita em relação ao campo das ciências humanas e sociais, dificultando uma visão mais ampla, abrangente e integrada da sociedade, o que reflete, frequentemente, em uma dificuldade no exercício e compreensão de sua profissão (CUNHA, 2001).

De forma geral, o professor universitário aprende a sê-lo utilizando-se de processos intuitivos, autodidatas, ou apenas reproduzindo rotinas já pré-concebidas, pautando sua atuação em orientações resgatadas de suas experiências como aluno, ou de professores mais experientes, numa prática que reproduz o modelo predominante na universidade. (BENEDITO; et al, 1995)

Atenta-se, ainda, para as dimensões éticas e afetivas da profissão, caracterizando a atividade docente não apenas como uma transmissão de conhecimentos, ou de apresentação de conteúdos. A postura do professor, sua forma de relacionamento

com a prática docente, com os alunos, com o curso, seus interesses e valores também se constituem em elementos formadores (PASSOS, 2004; SEVERINO, 2011).

Nóvoa (1997) sugere que a boa prática docente está ligada a características construídas, não naturais, a saber: conhecimento, cultura profissional, tato pedagógico, trabalho em equipe e compromisso social.

Garcia (1999) propõe um perfil desejável do docente universitário que contempla dimensões cognitivas (níveis de pensamento promovidos nos alunos), sócio emocional (críticas, elogios, iniciação, resposta), substantiva (conteúdo das aulas) e comunicativa (linguagem, clareza, fluidez, expressividade). Salienta, ainda, que além dos conhecimentos específicos, os professores têm de alargar habilidades cognitivas e comportamentos tais como a capacidade de avaliação, de resolução de conflitos, análise do contexto, além da compreensão, perante a diversidade cultural, de aspectos do currículo oculto e do currículo em ação.

Corroborando com essa linha de pensamento, Pimenta e Anastasiou (2005) destacam que, além do componente cognitivo, intelectual, os professores

devem possuir também aspectos sociais, emocionais e afetivos, promovendo a aprendizagem e o comprometimento social e emocional; comprometendo-se com o desenvolvimento contínuo tanto do aspecto profissional quanto do pessoal; aprender a se relacionar, construindo ligações fortes e duradouras com as pessoas, e trabalhar e aprender em grupos cooperativos.

Perrenoud (2000) propõe um inventário de dez competências, julgadas por ele prioritárias e coerentes com o novo papel do docente e com a política educativa, sendo elas: 1) Organizar e dirigir situações de aprendizagem; 2) Administrar a progressão das aprendizagens; 3) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; 4) Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; 5) Trabalhar em equipe; 6) Participar da administração da escola; 7) Informar e envolver os pais; 8) Utilizar novas tecnologias; 9) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; 10) Administrar sua própria formação contínua.

Algumas habilidades de um bom professor foram listadas por Cunha (2004), como: apresentar aos alunos objetivos; localizar historicamente os conteúdos abordados; estabelecer relações entre os

temas trabalhados e as demais áreas do saber; apresentar roteiro de aula; estimular participação dos alunos pela formulação de questionamentos; tornar compreensível o conhecimento que disponibiliza; usar corretamente recursos tecnológicos; movimentar-se adequadamente no espaço físico da sala de aula, visando despertar e prender atenção dos alunos; incentivar divergências e criatividade; demonstrar clareza na comunicação, utilizando terminologias adequadas; mostrar seriedade e compromisso, porém com certa flexibilidade, utilizando senso de humor em situações propícias.

Como se vê, o exercício da docência constitui-se em um fazer complexo que exige do docente uma formação para além do domínio do campo científico de sua área de formação e atuação – imprescindível, mas não o bastante para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem (BOLFER, 2008).

Assim, a formação docente, enquanto processo de conscientização progressiva de desenvolvimento compartilhado e incessante, tem como desafio a reflexão pessoal e coletiva que aproxime o professor de sua condição humana, pela investigação de seu

arcabouço de crenças, conhecimentos e vivências (SÁ-CHAVES, 2005).

Problemáticas como identidade profissional, competências, formação e habilidades são temas frequentemente enfatizados nos estudos que se debruçam sobre esta complexa atividade (BAZZO, 2007; SOARES, 2014; NASSIF et. al., 2010; MASETTO, 2003). Também o presente estudo engloba-se nesse contexto, na intenção de colocar em discussão a atividade docente no Ensino Superior, mais especificamente revelando-a pela ótica do próprio profissional que a exerce.

Metodologia de pesquisa

A abordagem metodológica utilizada neste estudo é de natureza qualitativa, visto que este enfoque permite a investigação de significados, valores e crenças, ou seja, elementos que não podem ser quantificados, ou reduzidos à operacionalização de variáveis (CHIZZOTTI, 2003).

Para responder ao questionamento desta investigação, utilizou-se análise de referenciais teóricos de estudos já realizados sobre o tema, comparando-os aos dados coletados, analisando-os

indutivamente, sendo os significados que os sujeitos atribuem aos fenômenos essenciais para a pesquisa.

A população investigada foi composta por professores do corpo efetivo da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Frutal.

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário semi-estruturado, que combinou perguntas fechadas, relativas à caracterização da amostra, e abertas, pelo qual o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (MINAYO, 2004). Onze professores foram convidados, sendo realizado primeiramente um contato pessoalmente, no qual se procedeu ao convite à participação na pesquisa, e, mediante o aceite, recolheu-se o endereço eletrônico do professor para envio do questionário.

Para investigar os elementos que os (as) professores (as) participantes utilizam para qualificar um professor como um bom profissional, realizou-se o questionamento: “Como você define um bom professor no Ensino Superior? Quais são as principais características que esse professor possui?”.

A organização dos dados foi feita através de técnicas quantitativas e qualitativas. Assim

utilizamos técnicas quantitativas para estabelecer o perfil dos participantes e, para analisar as respostas discursivas às questões abertas, não passíveis de quantificação, foram destacados períodos, marcas discursivas relevantes aos objetivos do estudo.

Resultados e discussão

Caracterizando o perfil dos participantes, três mulheres e três homens responderam à pesquisa, pertencentes a uma faixa etária que varia de 31 a 44 anos de idade, todos com nível de doutoramento concluído. O tempo de atuação como professor no Ensino Superior variou de 8 meses a 9 anos de prática profissional.

Após a leitura geral dos depoimentos, o passo seguinte consistiu em identificar e agrupar as ideias centrais, de mesmo sentido ou sentido complementar e denominar cada um dos agrupamentos. Para tanto, as ideias centrais foram selecionadas de forma a expressar de forma uniforme, todas as ideias centrais e ancoragens de mesmo sentido. Para preservação do sigilo, os trechos dos depoimentos serão identificados com a letra Q, sendo diferenciados com números de 1 a 6. Concluída essa classificação, cinco

agrupamentos foram estabelecidos, a saber: Práticas adequadas em da sala de aula (didática); Atualização constante; Preocupação com as formas de avaliação; Envolvimento com a Pesquisa e Extensão e bom relacionamento com o estudante, que serão abaixo, discutidos um a um, tomando como ordem as características mais frequentes às menos citadas pelos docentes.

Práticas adequadas em sala de aula (didática)

Segue abaixo trechos dos depoimentos selecionados que dizem respeito ao tema:

Q1: “...*de forma a realizar o planejamento das aulas com uma sequencia lógica para facilitar o aprendizado do estudante*”.

Q2: “...*capacidade de identificar os saberes e as dificuldades dos estudantes, utilizando ambos para traçar possíveis caminhos que superem as barreiras existentes no processo de ensino-aprendizagem; compromisso com o conteúdo da disciplina somado a maleabilidade entre um mínimo necessário e a*

possibilidade de ampliá-lo de acordo com as possibilidades dos alunos”.

Q3: “... profissional que se dedica a todo o processo ensino-aprendizagem. Ou seja, do processo de elaboração de suas aulas, passando pelo momento de expor o conteúdo em sala de aula, sua relação com os alunos”.

Q4: “Há atividades que podemos e devemos trabalhar, tais como as ferramentas pedagógicas para o melhor desenvolvimento dos conteúdos, isso se aplica para o professor que sai da sua zona de conforto e adiciona o aluno neste processo de ensino aprendizagem, ou seja o aluno deixa de ser um mero telespectador do conhecimento e passa a ser o grande partícipe da construção deste conhecimento”.

Q5: “Que tenha uma boa didática para apresentar aquele material ao aluno... / Que respeite o aluno independente da sua pergunta e que abra espaço para perguntas”.

Q6: “Um bom professor universitário é aquele que deixa o estudante (aluno é outra coisa) quebrar a cara, juntar os cacos e seguir em

frente. Assim ele constrói seu conhecimento e aprende o que é ensino superior”.

Os trechos abordam temas que dizem respeito à condução das aulas, como sequência de apresentação de conteúdos, o planejamento prévio e a inclusão do aluno no processo ensino-aprendizagem, além de respeito e espaço para questionamentos, elementos que compõem uma boa didática e bom manejo de sala de aula, identificados por Saviani (1996) como parte do saber didático curricular, ligados à gestão e instrumentalização do trabalho em sala de aula, ao saber fazer.

Vários autores (Pimenta, 2005; Cunha, 2001; Isaia, 2006), mediante diferentes enfoques têm discutido a questão da didática no Ensino Superior, mas há um denominador comum de que o professor frequentemente necessita repensar suas práticas, refletindo sobre maneiras de aperfeiçoá-las e sistematizá-las continuamente.

Estudos que investigam as concepções dos alunos sobre as características do “bom professor” têm resultados consonantes, revelando que os alunos sentem-se mais seguros e confortáveis ao perceber que as aulas seguem um planejamento e conteúdos

com sequência lógica. (PACHANE, 2012; PIRES et. al., 2013)

Nota-se nos trechos selecionados que os professores reconhecem a importância de dedicar-se ao planejamento de suas aulas, o comprometimento e a observação das formas de reação dos discentes. Mesmo que ainda tenha resquícios de uma visão mais tradicional e paternalista, alguns trechos estão mais próximos à ideia de autonomia e construção do conhecimento pelo aluno.

Atualização constante

Segue abaixo trechos dos depoimentos selecionados que dizem respeito ao tema:

Q1: *“Esse professor deve sempre buscar atualização por meio de leitura de livros, artigos de alto fator de impacto, participação de eventos relacionados, de forma a passar informações atualizadas aos alunos”.*
“Atualizado e curioso para buscar informações recentes”.

Q2: *“Profissional preocupado constantemente com a atualização na sua área de pesquisa e aprimoramento pedagógico”*.

Q4: *“Diariamente atualizado”*.

Q5: *“Um bom professor deve estar antenado nas novas descobertas que estão relacionadas entre a disciplina e o curso, e comentar em sala”*.

Q6: *“Domínio das bases da área de conhecimento / Saber quando seu paradigma foi ultrapassado e aprender o novo, ou reconhecer suas limitações”*.

A constante atualização em suas áreas de conhecimento foi uma característica citada na maioria dos depoimentos recolhidos, constando em 5 dos 6 recolhidos. A busca pelo conhecimento e a disposição em rever conceitos e paradigmas em sua área de atuação, demonstrando valorização de aspectos substantivos da tarefa docente, ou seja, relacionados ao conteúdo das informações (GARCIA, 1999). Tal característica tem sua importância reconhecida na função docente, uma vez que, para que os alunos tenham acesso e produza conhecimento, o mediador destas condutas deve estar

atualizado e disposto a aprender novamente o quanto for necessário, revelando atitude de abertura a inovações.

Um estudo sobre necessidades formativas do professor de Ensino Superior realizado com pós-graduandos apresenta resultado consoante, ou seja, valorização de saberes conceituais (ZANON et.al, 2009). Analisando percepções de competências docentes, Nassif et. al. (2010) também sinaliza resultados nessa direção entendendo que a abertura à inovação pode ser um fator de entusiasmo e incentivo aos alunos, transmitindo segurança ao processo ensino-aprendizagem.

A preocupação em atualizar-se demonstra o comprometimento com o discente em formação, porém há que se cuidar para que a prática educativa vá além da simples transmissão de conteúdos, sendo imprescindível que o estudante desenvolva a iniciativa e autonomia de atualizar-se, e cabendo, então, ao professor promover reflexões sobre o impacto dessas inovações na sociedade e articular o conhecimento novo ao já preestabelecido.

Preocupação com as formas de avaliação

Segue abaixo trechos dos depoimentos selecionados que dizem respeito ao tema:

Q1: “...de forma a realizar o planejamento das aulas com uma sequencia lógica para facilitar o aprendizado do aluno, incluindo uma forma de avaliação eficiente (prova, trabalho em grupo e individual, projeto, etc.)”.

Q2: “...seriedade e dedicação nos processos de avaliação”.

Q3: “...seu compromisso em avaliar o aluno com rigor necessário à sua formação”.

Q5: “Que corrija as provas e passe as notas, tão rápido conseguir”.

A preocupação com os processos de avaliação foi uma característica citada em 4 dos 6 depoimentos, abordando aspectos diferentes, como variedade de formas (grupo, individual, projeto, provas e trabalhos); tempo de retorno ao aluno (“feedback”) e rigor nos processos avaliativos. Essa preocupação é extremamente pertinente, pois a construção do

conhecimento envolve o erro, como parte indissociável do processo. O tempo nesse processo também é importante para que o aluno tenha a oportunidade de reconhecer pontos a serem reforçados e suas potencialidades, funcionando como um reforço, ou incentivo à busca de conhecimento. Tão importante é a avaliação ao professor, que tem a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento da turma, repensando técnicas e sua prática pedagógica mediante os resultados.

A articulação entre objetivos, técnicas, conteúdos e instrumentos de avaliação tornam a prática educativa coerente e significativa (SAVIANI, 1996).

Buscar formas diferentes de avaliação também pode ser incentivador, e desafiador aos estudantes, inclusive auxiliando no processo ensino-aprendizagem, como foi descrito por Pachane (2012) em pesquisa com discentes sobre as características do bom professor universitário.

Envolvimento com pesquisa e extensão

Segue abaixo trechos dos depoimentos selecionados que dizem respeito ao tema:

Q2: “... inserir a sua área específica em um contexto interdisciplinar com aplicação possível em extensão universitária/preocupação não apenas com a formação específica do curso, mas com a capacidade do desenvolvimento da visão crítica e atuação ética do profissional na sociedade”.

Q4: “... no quesito pesquisa, há dependendo da área a necessidade de uma estrutura mínima para a efetividade da pesquisa, mas a pesquisa possui alta relevância para que se possa construir o conhecimento.” / “está embasado no tripé das atividades de ensino, pesquisa e extensão.” “a pesquisa possui alta relevância para que se possa construir o conhecimento, juntamente com a extensão universitária, na qual podemos adicionar fatores socioeconômico, regionais, culturais, ...etc., no cotidiano da Universidade”.

Q5: “O professor deve se preocupar também com a parte de pesquisa, escrevendo projetos para que os alunos possam fazer parte de um estudo científico e adquirirem mais conhecimento”.

Q6: “... experiência em projetos científicos e tecnológicos de relevo e mérito reconhecidos e que tragam contribuições reais para as grandes perguntas da área”.

O envolvimento com atividades de pesquisa foi citado diretamente em 4 dos 6 depoimentos recolhidos, embora tenha sido lembrado nos trechos que dizem respeito à atualização, citando, por exemplo, leitura de artigos e participação do professor em eventos científicos da área. Porém apenas dois deles fizeram referência direta à inclusão do corpo discente nesse processo, pouco sendo citado sobre grupos de pesquisa ou oferta de iniciação científica aos estudantes, restringindo-se ao envolvimento do docente apenas.

A possibilidade de atuação na comunidade e desenvolvimento de pensamento crítico e ético também foram timidamente citados pelos docentes, demonstrando ainda pouco envolvimento com extensão universitária.

Estudos com a comunidade discente revelam que a característica de engajamento com pesquisa e extensão é bastante valorizada pelos estudantes, sendo vista por eles como oportunidade de aplicação

prática de conceitos, relacionando conteúdos a contextos mais amplos e socialmente complexos. (PACHANE, 2012; PIRES et. al., 2013)

Bom relacionamento com o estudante

Segue abaixo trechos dos depoimentos selecionados que dizem respeito ao tema:

Q1: *“Comunicativo, responsável, comprometido com a disciplina, educado, humilde, bom observador, etc...”*.

Q3: *“Algumas características são importantes, a saber: compromissado, atento, rigoroso, aberto ao diálogo, paciente”*.

Q5: *“Características que um bom professor deve ter: didático, respeito aos alunos, responsável por seu cumprimento de suas atividades em sala de aula, que se posicione no referencial do aluno, que tenha tempo para atendimento aos alunos, incentivador”*.

Responsabilidade, capacidade empática, paciência, humildade, atenção e disponibilidade, em geral, foram características pessoais reconhecidas

como necessárias à boa prática docente, sendo estas de caráter mais acolhedor. O rigor foi citado em um dos depoimentos, como caráter mais paternalista. As habilidades interpessoais, como parte da dimensão afetiva do saber docente, foram consideradas mais importantes do que o domínio de conteúdo em pesquisas com estudantes sobre características do bom professor. (PACHANE, 2007; 2012).

Entendendo o professor como figura passível de projeção e identificação por parte dos estudantes, as características de caráter e habilidades interpessoais são também constituintes do processo ensino-aprendizagem. Saviani (1996) explica que essas são características pertencentes ao saber atitudinal, que compreendem a postura e atitudes do professor, como por exemplo, pontualidade, disciplina, senso de justiça e equidade, elementos indispensáveis, considerando a dimensão ética do ensino.

Conclusão

O presente artigo busca apresentar quais seriam as características distintivas de um bom professor universitário segundo a visão dos próprios

docentes de uma universidade estadual do estado de Minas Gerais.

Este estudo abre, por um lado, a perspectiva de compreensão das concepções que os próprios docentes têm de sua profissão e da melhor maneira de vivenciá-la e, por outro, novos questionamentos que dizem respeito à construção da identidade profissional do docente universitário. Além disso, oferece oportunidades de comparação entre as expectativas dos estudantes e o perfil delineado por eles como desejável a um bom docente.

Essa reflexão contínua de sua prática é intrínseca à atividade docente, como requisito para um exercício docente qualificado, e como fonte de atribuição de significados. Porém, constitui-se de uma tarefa complexa, podendo até mesmo soar intimidadora ou penosa, haja vista, por exemplo, o fato de que 5 dos 11 professores convidados a participar deste estudo não o fizeram, ou seja quase metade dos docentes.

A valorização do conteúdo se faz presente nos resultados, assim como uma concepção de que o professor é detentor de informações que devem ser transmitidas aos “alunos” (como foram referenciados pelos docentes, em sua maioria), embora haja

depoimentos que destaquem a importância de proporcionar ao aluno oportunidades de construção de conhecimento, colocando-o como peça central no processo ensino-aprendizagem.

A preocupação com as práticas educativas, didática e manejo de sala de aula foram as mais citadas, podendo ser indicativo de dificuldade dos docentes em relação às práticas pedagógicas e/ou da percepção da necessidade de encontrar meios de melhorar sua prática em sala de aula. A eficiência nas formas de avaliação pode ser inserida nas práticas educativas adequadas, sendo entendidas como maneiras de realimentar o processo ensino-aprendizagem, conferindo-lhe mais segurança e confiabilidade.

Envolvimento com pesquisa e extensão foi citado, mas de forma tímida e mais restrita à atividade docente, fato que vai à contramão de pesquisas sobre a docência universitária, que apontam para supervalorização da pesquisa em detrimento do ensino, principalmente na realidade de universidades públicas, nas quais o desenvolvimento de pesquisa, quantidade e qualidade de publicações científicas têm grande peso nas avaliações de desempenho dos docentes.

Pouco foi citado nos depoimentos sobre a dimensão ética e transformadora da prática docente, sobre a importância da formação moral dos educandos e da transmissão de valores, elementos primordiais da Educação, seja ela em qualquer nível, como formas de ampliar a consciência crítica dos educandos mediante seu meio social e incentivar caminhos para transformação.

Tem-se, portanto, neste estudo, o perfil do “bom professor” identificado pelos docentes como um profissional dotado de vasto conhecimento e constantemente atualizado em sua área de conhecimento, preocupado com as práticas pedagógicas em sala de aula, com destaque para os processos de avaliação, envolvido com atividades de pesquisa e que consiga relacionar-se bem com os estudantes.

Observa-se, então, que o grupo estudado privilegiou aspectos técnicos e científicos da profissão havendo menos referências a elementos sócio afetivos e políticos, como carisma, habilidade de resolução de conflitos, liderança, análise contextual, que aproxima o docente de uma dimensão mais humana e acessível, além de comprometida com as transformações sociais.

Assim, discutindo os significados e crenças do grupo pesquisado sobre o “bom professor”, este estudo acrescenta elementos que podem contribuir para o entendimento das concepções de docência que permeiam entre os próprios atores dessa atividade, endossando a importância da constante reflexão sobre a Docência Universitária e seus desdobramentos.

Referências bibliográficas

- BARUFFI, A.M.Z. O professor do Ensino Superior: realidade e desafios. **Revista Jurídica UNIGRAN**. Dourados, MS, v. 2, n. 4, p. 181-187, jul./dez. 2000.
- BAZZO, V.L. **Constituição da Profissionalidade Docente na Educação superior: desafios e possibilidades**. 2007. 269p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BENEDITO, V.A.; FERRER, V.C.; FERRERES, V.P. **La Formación Universitária a Debate**. Barcelona: Publicaciones Universitat de Barcelona, 1995.
- BOLFER, M.M.M.O. **Reflexões sobre prática docente: estudo de caso sobre formação**

continuada de professores universitários. 2008. 238p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

CASTANHO, S.; CASTANHO, M.E. Temas e textos em metodologia do ensino superior. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2004.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação.** Braga, Portugal, v. 16, n. 2, p. 221-236, jun.2003.

CUNHA, M.I. O bom professor e sua prática. 16.ed. Campinas: Papyrus, 2004.

CUNHA, M.I. Inovações: conceitos e práticas. In: **CASTANHO, S.; CASTANHO, M.E. (orgs). Temas e textos em metodologia do ensino superior.** Campinas: Papyrus, 2001, p. 125-137.

GARCIA, C.M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

ISAIA, S.M.A. Desafios à docência superior: pressupostos a considerar. In: **RISTOFF, D.; SEVEGNANI, P.(orgs). Docência na Educação Superior.** Brasília: INEP, 2006, p. 63-84.

MASETTO, M.T. Competência pedagógica do professor universitário. São Paulo: Summus, 2003.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NASSIF, V.M.J. ; HANASHIRO, D.M.M.; TORRES, R. Fatores que influenciam na percepção das competências para o exercício da docência. **Revista Brasileira de Educação. Cidade**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 364-379, mai/ago 2010.

NÓVOA, A.. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PACHANE, G.G. **A importância da formação pedagógica para o professor universitário**. Rio de Janeiro: Sotese, 2007.

PACHANE, G.G. Quem é seu melhor professor universitário e por quê? Características do bom professor universitário sob o olhar de licenciandos. **Educação**. Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 307-320, mai/ago 2012.

PASSOS, C.M.B. Docência no ensino superior: exigências e carências. In: ALBUQUERQUE, L. B. (org.). **Cultura, currículo e identidades**. Fortaleza: UFC, 2004.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no Ensino Superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. PIRES, E.D.P.B.; ALMEIDA, D.C.M.N. ; JESUS, D.C. Docência Universitária – o olhar do aluno: um estudo sobre as representações sociais de estudantes universitários sobre o “bom professor”. **Praxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 9, n. 15, p. 187-208, jul/dez 2013.

SÁ-CHAVES, I. Informação, formação e globalização: novos ou velhos paradigmas. In: ALARCÃO, I. (org.). **Escola Reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: ArtMed, 2005, p. 83-95.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JUNIOR, C.A. **A formação do Educador**. v. 1, São Paulo: UNESP, 1996, p. 145 -155.

SEVERINO, A.J. Formação e atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. In: SEVERINO, C. M. B. (org). **Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 130-148.

SOARES, M. A formação da identidade docente no Ensino Superior. **Cadernos de Educação**. São Paulo, v. 13, n. 26, p.120- 132 jan/jun. 2014.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Docente**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVARES, J. Prefácio. In: TAVARES, J. ; SANTIAGO, R. A. (orgs). **Ensino superior (in)sucesso acadêmico**. Porto: Porto Editora, 2000.

TEIXEIRA, G.F.M. Docência: uma construção a partir de múltiplos condicionantes. **Boletim Técnico. Senac: a Revista de Educação Profissional**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 29- 37, jan/abr. 2009.

VALENTE, G.S.C.; VIANA, L.O.O. Ensino de nível superior no Brasil e as competências docentes: um olhar reflexivo sobre essa prática. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v.6, n.9, p. 209-226, jul/dez. 2010.

ZANON, D.A.V.; OLIVEIRA, J.R.S.; QUEIROZ, S.L. O “saber” e o “saber fazer” necessários à atividade docente no Ensino Superior: visões de alunos de pós-graduação em Química. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 1- 20, jun. 2009.

AO "PERDEDOR", AS BATATAS(!) : AÇÕES EDUCATIVAS DE UMA ELITE DOCENTE⁵⁰

Douglas Tomácio⁵¹

Paulo Geovane⁵²

RESUMO: Tendo como proeminente objeto de investigação as figuras docentes e suas práticas no Colégio Pedro II (CPII), localizado no Rio de Janeiro, neste trabalho, empreendemos um estudo em torno da história da educação nos inícios do século XX, entre 1916 e 1921. Adentrando a instituição carioca, dedicamo-nos à análise do trabalho docente na relação com o cotidiano das suas práticas junto aos alunos, ao coletivo de profissionais que compunham aquele espaço e à sociedade em que se inseria, esta há pouco republicana. Para tanto, utilizamo-nos especialmente da obra “Chão de Ferro”, do memorialista juiz forano Pedro Nava. Por sua narrativa literária tangenciando o “verossímil”, fruto da opção pelo escrito de memórias, e por considerarmos o fato de ser ela embebida da realidade que a circunscreve, a fonte neste trabalho utilizada, histórica, literária, foi analisada sob seus

⁵⁰ Uma primeira versão deste trabalho, oriundo de pesquisas no âmbito da pós-graduação em educação, foi apresentada no "Seminário Regional de Pesquisa sobre Formação e Profissão Docente", realizado em agosto de 2014, na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

⁵¹ Douglas Tomácio Lopes Monteiro - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF/FACISA-BH - dtlmeduc@gmail.com

⁵² Paulo Geovane e Silva - Universidade de Coimbra (UC)/FACISA-BH - paulo geovanesilva@gmail.com

aspectos intrínsecos e extrínsecos, conforme nos adverte os estudos de Galvão, Pesavento e Candido. Fundamentados por Cunha Júnior e Faria Filho, dialogamos com o conceito de cultura escolar, visto a amplitude que este comporta e sua importância na análise dos matizes educacionais, que nos ofereceram importantes pistas sobre os sentidos e conteúdos da formação discente e práticas docentes no interior do colégio investigado.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Cultura escolar; Prática docente, Colégio Pedro II; Pedro Nava.

1. Introdução: os sujeitos em Nava

Um dos elementos de preponderância na análise de uma dada cultura escolar⁵³ diz respeito aos sujeitos e suas práticas no espaço em que se inserem, dentre eles, obviamente, estão os professores. Claro

⁵³ Nos dizeres de Cunha Júnior (2008:13), a cultura escolar pode ser entendida enquanto “um conjunto de teorias, princípios, normas e práticas sedimentadas ao largo do tempo no seio das instituições educativas”. Tal conceito faz-se aqui essencial, uma vez que, por meio dele, existe a possibilidade de “articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos-chave que compõem o fenômeno educativo, tais como os tempos, os espaços, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares”. (FARIA FILHO, apud TEIXEIRA, 2007:02). Elementos estes sobre os quais lançamos a análise, mais especificamente sobre os sujeitos e suas práticas; obviamente em diferentes graus e proporções, de acordo, inclusive, com o que foi por Nava traçado.

que estes, nos seus afazeres, dialogam com todo um universo identitário, simbólico, espacial e com outros sujeitos, em uma infinidade de correlações que os singularizam e os assemelham concomitantemente. No entanto, atendendo à proposta deste trabalho e prezando por um caráter didático, optaremos por aqui descrevê-los de modo separado, buscando ainda o enfoque em figuras docentes específicas, conforme a abordagem que Nava os conferiu.

O corpo docente do CPII, tanto em tempos imperiais, quanto naqueles circunscritos à República, era composto de profissionais notáveis, advindos da elite de seu tempo e, por vezes, de cargos políticos de expressão. Em seu exercício profissional, para além da cadeira que lhes era específica, estariam atribuições formativas de caráter moral, político, e, por vezes, religioso. Enfim, em suas mãos educar-se-iam os filhos da pátria, os pequenos destacados que, em breve, poderiam, inclusive, regê-la e, portanto, daqueles, nada mais “natural”, esperava-se o esmero singular.

Cunha Júnior (2002:32), atendo-se à figura docente, chama-nos atenção para o discurso proferido por Bernardo Pereira de Vasconcellos, na ocasião da cerimônia de abertura das atividades no

CPII. Nele, dentre outras coisas, assinalava-se a responsabilidade direta dos profissionais, a quem cabia “não só ensinar a seus Alumnos as Letras, e as Sciencias, na parte que lhes competir, como tambem, quando se offerecer occasião, lembrar-lhes seus deveres para com Deos, para com seus Pais, Patria, e Governo”.

Muitos desses elementos, feitas as devidas ressalvas, dentre elas as de caráter religioso, ainda se configuravam como essenciais nos afazeres dos professores em tempos republicanos. Tendo isso em vista, intentaremos agora, através Nava, descrever as práticas desses profissionais e sobre elas lançaremos algumas reflexões.

De maneira bastante detalhada, atendo-se a cada figura de quem foi pupilo, Nava descreve a ação docente de seus mestres. Embora tivessem muitos elementos comuns, em especial no concernente à disciplina e o gosto pelos “zeros” (batatas), características marcantes os distinguiam, geralmente sobressaltadas pelo “amor” ou “ódio” do memorialista, como, por exemplo, o professor de português, Raminhos, ou “José Júlio da Silva Ramos”, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras que compunha o seu rol dos favoritos.

Afinal a “escandalosa nota do meu exame de admissão” (p.9) não poderia sobrepor-se ao rigor da aula de “Funét’ca”, como diria o mestre formado em Coimbra.

Assim, perpassaremos por algumas dessas figuras, no intuito de clarificar esse curioso universo educativo.

2. Dá-lhe batatas: professores, práticas e controle

Batatas, zeros tão dados, geralmente de modo duplo, e aprisionadores. Motivo de poder docente e temor do alunado. Talvez motivo até de suicídio, como rezava a poderosa e influente

[...] lenda de aluno que se matara, desesperado com nota má. História sempre contada como tendo se passado, sabe? há dez ou doze anos. Na realidade o caso era verdadeiro, mas sucedera nos tempos seminários dos membros de São Pedro e São Joaquim. (NAVA, 2001:10).

Paranhos, Luís Cândido Paranhos, mestre de geografia, que orgulhosamente ostentava o fato de nunca ter saído do CPII – afinal, mal se bacharelara, torna-se inspetor, em seguida professor, depois teria

sido o primeiro diretor nomeado na República –, nos dizeres de Nava, era “figura mitológica do colégio” (p.12). Gerador de medo, era professor de quem só se via a “imaculada dentadura” “quando ele ria de gozo, aplicando nota má”. E, cabe dizer, o mestre, que os fazia desabar de medo nas carteiras (como sugere o aluno Nava), não se contentava com pouco: “vou varrer *ócês* todos [...] Não saio daqui sem fazer minha caçada e dar, pelo menos, meia dúzia de zeros! [...]” vamo lá – e *ocê* hoje vai tomar batata.” (p.13-14), expressão esta conferida à nota.

Na chamada, querendo conhecer “focinho por focinho”, como dizia, aproveitava para também (re)nomeá-los e assim nasceram Imundo, Boasmerdas, Bostas, Imorais. O professor em si carregava a capacidade de deixar os alunos

[...] consternados. Aquilo ia ser o diabo! [...] ai! de nós, certo fadados às reprovações em massa e a sermos aquilo que o professor dizia como se cuspsse, como se escarrasse, regurgitasse, vomitasse, obrasse a palavra – repententes. Seus repententes! (NAVA, 2001:14).

Convocados a responder algo, injuriados, os alunos retornavam a seus lugares como que com a “cabeça sem sangue depois do degolamento”. Fato

de que Nava, por tentar ludibriá-lo, foi vítima e de modo duplo: o zero vermelho de aplicação e o zero roxo de comportamento. Tal prática, o duplo zero, correspondia ao que se denominava “privação completa”.

Sendo alunos do internato, os discentes tinham a oportunidade de dele sair aos fins de semana, para visitar familiares, andar pelas ruas, explorar outros espaços. Quando o zero duplo ocorria, o castigo de privação completa os fazia estar durante todo o fim de semana no internato, tornando ainda mais espaçado o tempo de, por exemplo, verem seus queridos entes. Tratava-se assim de um temido castigo e que, por certo, conferia maior controle dos professores, temidos também em razão desse poderio.

Muito embora fosse rigoroso e tenha garantido tantos zeros a seus alunos, bem como privações, apelidos e singulares temores, Nava, ao fim, descreve Peranhos também como “trovoada seca”. Segundo o autor, confidenciado pelo “Seu Otacílio”, muitas foram as vezes em que, na secretaria, o professor das batatas raspava os zeros de suas listas de aula, deixando apenas “os bem merecidos”. Fato que fez

do pavor de Nava, ternura e, mais tarde, do professor, amigo.

Havia ainda o também querido Badaró, doutor Eduardo Gê Badaró, outro de ascendência ilustre, bisneto do inconfidente José Aires Gomes. O professor, responsável pelo ecoar do Mundo Antigo, era mestre de Latim, tendo adentrado no CPII em 1908. Reconhecido, dentre outras coisas, pela garrucha da qual não se separava, talvez por seu trabalho no Fórum da Cidade (a dita “espécie de rinha” por Nava), o advogado, diferentemente de Pessaranhos, se fazia reconhecer pela voz macia, composta de sussurros bem timbrados, por ser o “divino Badaró”. Apesar disso, algo era claro

Não entendíamos bolacha, mas achávamos linda sua dicção [...] Nunca cheguei a aprender latim mas até hoje gosto de lê-lo, sem entender patavina da letra mas ouvindo sua música preempatória e profunda. [...] O professor Badaró começava a ler e eu instintivamente procurava infinitos, distâncias e largos. (NAVA, 2001:17).

Ao que consta em suas memórias, por meio das aulas de Badaró, o universo da prisão do internato se desfazia, o mestre permitia a Nava, por

exemplo, entrar “portas do Inferno e as do Templo da Mãe Deméter” (p.18). Foi dele o crédito de ser o responsável por demonstrar aos alunos que a categoria tempo extrapolava a tão conhecida fatia cotidiana estabelecida entre passado e futuro.

Mas mesmo este professor teria sido outro a usar o poder do duplo zero e, mais, por duas semanas consecutivas. Assim privou Nava de sair do internato, algo que, de algum modo, tinha seu lado positivo, pois, segundo o autor, com retenção aumentava-se a saudade e o encontro era tão mais desejado.

Vê-se mesmo que a perspectiva de controle e dominação por meio das batatas se efetivava e ainda que as resistências discentes se impusessem, como se impuseram, o recurso foi amplamente utilizado e temido, afinal era a garantia de tempo maior no internato e um tempo já prescrito em estudos e castigos.

Talvez, uma exceção à regra, fosse um outro querido, Benedito Raimundo da Silva, o “sábio ilustre, dobrado de desenhista e pintor” (p.25), aquele que, também de fala branda, “irradiava bondade”, era professor de desenho no CPII. Único que, para Nava, “[...] sabia ocupar nossa atenção do primeiro ao

último minuto” (p.26). Segundo o memorialista, por meio desse professor, nasceu a convicção de que o comportamento é, antes de tudo, feito pelo mestre. A referida exceção se deve ao fato de que, na avaliação do ilustre desenhista, “Por pior que fosse o trabalho, por mais porco e raspado – a menor nota era seis” (p.27). Diante então estamos da figura que não se utilizou do infalível método, ao menos, ao que parece, por não ter problemas que o perturbassem. Talvez também por isso, pela atitude de sempre garantir a nota seis, o mestre fosse tão amado, afinal jamais seria a barreira entre a, por vezes, prisão interna e o mundo desejado lá de fora.

Por outro lado, o substituto catedrático de francês, Adrien Delpéch, “À menor hesitação, zero” (p.28), em conformidade com a moda amplamente difundida. O mestre, segundo Nava, não ria nunca. Tratava-se de um ser inflexível de ares militares, estes muito bem quistos pela escola.

Com um sistema de ensino que consistia, basicamente, em definir tantas páginas para se saber de cor e salteado, “Ao primeiro erro, zero [...] era zero a torto e a direito” (p.28), com exceção para Jean Paranhos do Rio Branco; o neto do barão era nascido na França e filho da francesa Clotilde – a

mãe que, com suas passadas divinas, em suas visitas fascinava e hipnotizava a todos alunos, que a cercavam “como abelhas” (p.29), até porque era uma mulher, figura não presente no espaço da elite masculina.

Tendo retornado após perder as eleições, deputado federal à época da entrada de Nava (no ano de 1916), Floriano Correia de Brito reassume a cadeira de Francês. Este mestre também pode ser entendido como interessante exceção.

Tão logo tivesse chegado, mandou a todos que esquecessem o que ensinara o mestre anterior⁵⁴, e, declarando aos alunos serem eles a vergonha do colégio, o catedrático “de olhar ofidiano” “Vaticinava a morte próxima, horrenda, à nossa espreita” (p.31). Ameaçava que “num ano eles nos poria sabendo francês ou nos estourava de zeros em

⁵⁴ O lugar de cada um dentro dessa cultura escolar era fortemente demarcado e hierarquizado e isso se dava não somente na relação entre profissionais e alunos, mas também entre profissionais e profissionais. Ou seja, havia uma significativa busca e demarcação de hierarquia entre pares, ainda (e principalmente) que atuassem em uma mesma área do conhecimento. Os próprios professores, por exemplo, se preocupavam em demarcar seu espaço de saber sobressaltado, desmerecendo para tanto o trabalho de alguns de seus colegas, na maior parte das vezes os mestres de cadeiras idênticas em anos anteriores. Essa é uma prática destacada recorrentemente na obra naveana.

aplicação e comportamento” (p.29). Mas o que teria, pois, de tão diferente este mestre, uma vez que era adepto dos zeros, anunciava o fracasso discente, e impunha o medo suicida (em referência à lenda)? Ao menos dois aspectos, o primeiro deles é ser admirado a despeito de todas essas ameaçadoras características, o segundo, justificando o primeiro, era o “gosto pela boca suja”. Sim, o major, antes de inspirá-los pelo ensino, como o fez posteriormente, teria enfeitiçado os alunos por sua conduta “inaceitável”, afinal, em um ambiente que prezava pelos bons costumes, repleto de representantes ilustres do mais fino trato, em que se pretendia forjar o cidadão com respeito à pátria e à nação, não se poderia permitir tamanha desonra. Como ser modelar⁵⁵ nesse aspecto? A “simples” resposta, não o era e talvez por isso, como disse Nava, inspirasse tantos seus discentes, enfeitiçados pelos “merde merde merde merda merda merda que lhe enchiam a boca, que transbordavam e

⁵⁵ É importante destacar que o termo "modelar", propositalmente empregado, se deve ao fato de o CPII ter sido constituído enquanto instituição a ser imitada. Como o primeiro estabelecimento, organizado pelo governo central, a oferecer o ensino secundário, o CPII teria sido, pois, “idealizado para servir de modelo às demais instituições secundárias, uma tentativa do governo central de exercer a direção sobre este ramo de ensino em todo país” (CUNHA JUNIOR, 2008:29-30).

faziam estremecer de indignação o decoroso Badaró” (p.30).

Tinha sempre uma porcaria a contar [...] Sobre Custódio⁵⁶ [...] Custódio! que nome mais triste: começa no cu e termina no ódio”. [...] sobre seu próprio ele dizia sempre: Floriano! Floriano! que nome tremendo – começa cheirando e acaba fedendo. Ríamos. Isso mesmo: flor e ânus. (NAVA, 2001:30).

Ainda, entretanto, que fosse imoral para os padrões do CPII, a ponto de estremecer de indignação os colegas que de seus “deslizes” sabiam, esse mesmo desapego não podia ser contemplado no que se refere àquilo que Nava destaca como “autogratificação sexual fisiológica e normal” (masturbação), esta era pelo professor percebida como crime sem perdão e vício danoso.

No menor erro, em qualquer lapso [referindo-se ao conteúdo de francês], engano [...] logo ele via os resultados do hábito funesto [...] Fazia cara de nojo para gritar. [...] masturbadores! masturbadores! Seus porcalhões solitários! (NAVA, 2001:31).

⁵⁶ Referindo-se a Custódio José de Melo, um dos líderes das Revoltas da Armada.

Interessante notar que ao requerer uma postura moralizada, em acordo com os padrões da época e da cultura do CPII, o professor o fazia de modo “imoral”, utilizando-se de termos entendidos como torpes, ao passo que também se lançava mão do discurso médico a respeito do ato e ainda associava a ação à incapacidade de seus alunos em responder às questões que lhes eram apresentadas.

A prática por ele sabida e não aceita, uma das muitas formas de controle sobre o corpo discente aplicadas no CPII, e que demonstrava a óbvia resistência do alunado ao que muitas vezes era posto como inaceitável, vinha atrelada de relações hoje absurdas e que, ao fim, desencadear-se-iam nas batatas e, claro, na restrição de saídas. Estas, contudo, muitas vezes eram, de algum modo, o “tiro pela culatra”, pois os alunos, no internato estando por mais tempo e sós, teriam oportunidades de se dedicar à “autogratificação sexual fisiológica e normal”, as faces, ainda que baixadas, o estavam cinicamente, de modo que “já não chegava o rubor do pejo” (p. 31)

E enquanto não vinham as prometidas anasarcas, as etisias, os estupores, os embrutecimentos, as paralisias

e a demência – ele nos enchia de zeros em aplicação e zeros em comportamento. Ficava tudo privado de saída e entregue a sábados e domingos de libertinagem solitária...Nosso professor perdia literalmente a cabeça com certos erros elementares em que éramos reincidentes. (NAVA, 2001:31).

O mestre não se continha e clamava, bramia [...] bosta! Meleca! [...] Merda [...] Se pourquoi fosse porque, depois, depois e pourtant, portanto – besta era bosta e trempe era trampa nesta terra onde a pita abunda e abunda a pita, seus grandicíssimos pitas! [...] com que brio ele dizia – merda! A linda palavra servia sua linguagem como um curinga do vocabulário: era sim, não, protesto, exclamação, aplauso, desprezo. Merde! (NAVA, 2001:32).

O Floriano era, ao fim, “batuta mais igual! o nosso professor subia como foguete aos céus de nossa admiração [...] desbocamentos à parte, que fabuloso professor!” (p.32). O fabuloso professor, rigoroso, temido e amado, sem igual, teria concluído poucos anos mais tarde sua Gramática Francesa, por longo tempo adotada como material de referência no CPII. O único amado que “Ele só, ele Floriano, superlotava sábado e domingo” (p. 33). Apesar disso, segundo Nava, aos poucos o céu se rasgaria para a

compreensão da incomparável linguagem, mesmo para aqueles “desgraçados” que indignos do próprio zero o foram, como o “Cagada Amarela” (p. 35). Cumpria com mérito sem igual o exercício de também nutrir os espíritos (p. 23).

Mas se os risos com o Floriano eram frequentes, o mesmo não se poderia dizer, por exemplo, do Bolinha, Guilherme Herculano de Abreu, professor de ginástica, apesar de seu bom humor constante. Acontece que sobre a aula, o assumidamente não talentoso, Nava dizia: “A ginástica que tínhamos no Internato era tudo quanto podia haver de mais errado [...] Excluía-se dela a alegria dos conjuntos numerosos e aquilo virava uma rotina enfadonha” (p. 90).

O mestre, mesmo diante de impecável exercício, “nunca soltava um muito bem [...] outro, que faça melhor!”. Nas aulas de aparelhos em paralelas, nos halteres ou massas, ainda que tudo saísse “espartanamente”, ou com “a precisão dum espelho”, viria o costumeiro “faça melhor!” e isso mesmo com os inadequados uniformes que “não aproveitava ninguém”. Contudo, aponta o memorialista, “Não era culpa do Bolinha não. Era do

regime escolar que fazia dos exercícios físicos aula como qualquer e dada em horário impróprio” (p. 92).

Por sua vez, o professor de exercício/instrução militar (que de algum modo nos remonta ao que Nava descreve acerca do histórico do CPIO e seu caráter semimilitarizado), Capitão Batista de Oliveira, ou apenas Capitão Batista, não se revelava tão humorado. Embora fossem vivas as aulas, eram ministradas sob constantes “rugidos de leão”, aos gritos. O professor de enunciados dobrados em seu sinônimo (p. 93), com certa frequência, condenava Nava ao “tédio das privações de saída”, “[...] aí! de mim – acontecimentos frequentes [...]” (p. 129). Sim, lançava-se ele também ao poder das batatas! O mestre, militar, “[...] para quem eram intoleráveis os meus frouxos de riso aos comandos de oitavos à direita e à esquerda, aos de marcar-passo e a suas aulas em pauta dupla” (p. 129), não podia se conformar com o riso. Afinal, ali não era espaço da brincadeira. Que tipo de homem se forjaria no “batalhão escolar” (p. 96) se sob risos, homens de fato? Não sob a lógica semimilitarizada do CPIO. Alunos-soldados (ou soldados-alunos) precisavam saber marchar, se defender, defender a pátria e os valores que ela cultivava e isso não comportava os

frouxos de riso. O controle dos corpos se dava também pelo não direito a eles.

Ainda assim, quem sabe talvez em razão de uma concepção que abrangesse de forma quase que ilimitada a ideia de dureza, Nava dizia que “Batista não era tão duro quanto nos parecia. A prova? Sua delicadeza deixando fazer exercício militar a colegas nossos absolutamente incapazes – aos quais dava a ilusão de serem tão mavórticos [...] ilusão de perfeição física” (p.238).

Desse modo, sob trovoadas secas, ou daquelas que, de fato, anunciavam o temporal; aos rugidos de leão, ou ainda ao som de brandura incomum; no vaticinar da certa morte, e/ou debaixo da dor de algo nunca muito bom, mesmo que espartanamente se apresentasse, os professores controlavam seus alunos. Lançavam-se ao exercício de lotar o internato nos seus dias vagos: eram os sábados e domingos no espaço escolar, este concebido como prisão pelos discentes, como privação do desejado mundo exterior. Pelas batatas, o controle se efetivava, os professores formavam e eram também formados, controladores controlados por uma cultura (re)construída cotidianamente.

Aos "perdedores", as batatas!

3. Considerações Finais

O “Navas” (Nava de múltiplas faces), ou “os muitos Nava” – “[...] um dos meus tantos eus (Ai! de mim que sou trezentos, que sou trezentos e cinquenta) [...]” (p. 40) – oferta-nos suas memórias, lembradas e esquecidas, dizendo-nos muito mais que de si mesmo, dizendo sobre o seu todo, seu tudo, que a nós se configura como um outro possível todo, o todo deste exercício analítico. O Nava, navegando e navegado, deixa-nos seu navegar, seu barco e sua nave e ainda demonstra-nos, por vias não muito usuais (se comparadas às análises que se atêm aos documentos oficiais/legais), importantes fontes para o estudo da história da educação. Por meio da literatura, nesses espaços transfronteiriços, podemos adentrar em um universo repleto de informações e fontes ainda pouco exploradas.

No mundo naveano, mundo também nosso, perpassamos por esses “Chão de Ferro” e percebemos que o “modelar” CPEI constituiu-se como importante produtor e produto de sua realidade, fazendo-se notável inspirador no cenário educativo brasileiro, embora basilado estivesse em um processo formativo descrito por constantes apelos

à ordem, à moral, à supremacia masculina, ao castigo dos corpos, à desconsideração dos anseios discentes.

No antagônico espaço prisional/escolar, também reflexo do antagonismo de seus sujeitos, cada professor, comprometido em distintos graus, a seu modo, desenvolvia o trabalho rumo à formação do novo sujeito republicano, semimilitarizado; que sob o gosto das batatas, o “medo suicida”, a anunciação do fracasso, na cultura escolar do CPII, constituía-se.

Enfim, a investigação tem revelado uma escola que, modelar, apresentava-se como organismo vivo, repleto de tensões e movimentos, espaço em busca de (des)encontros diversos, signo do tradicional e do transformador, concomitantemente, explicitados, em muito, através das práticas e saberes “resistentes-conformadas” dos profissionais docentes. Estes, conforme descrito, davam também corpo a essa cultura e de igual modo se corporificavam através dela, refletindo um constante jogo de reciprocidade formativa.

4. Referências Bibliográficas

BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória:** uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. 165 p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. *Cultura escolar e formação da boa sociedade:* uma história do Imperial Collegio de Pedro Segundo. 2002. 217 f. Tese (Doutorado Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. *O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, 168p.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. *In:* LOPES, Alice Casimiro, MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.13-35.

FILHO, L.M.F.; GONÇALVES, I.A. Cultura escolar
In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA,
L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e
condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade
de Educação, 2010. CDROM

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Amansando
meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir
da obra de Jose Lins do Rego (1890-1920). João
Pessoa: Editora Universitária, 1998, 331p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Problematizando
fontes em história da educação. **Educação e
Realidade**. Porto Alegre, v. 21, n. 2, 99-120,
jul./dez, 1996.

NAVA, Pedro. Chão de ferro. 3ª ed. São Paulo:
Ateliê Editorial, 2001.

PESAVENTO, Sandra J. *História e História
Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da
Cidade: Visões Literárias do Urbano*. 2 ed. Porto
Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. Movimento de
inserção da ginástica como constitutiva da cultura
escolar do ginásio mineiro (internato e externato) –
1890-1916. In: 30ª Reunião Associação Nacional de
Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED),

GT: História da Educação / n.02, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT02-3693--Int.pdf>

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. Apresentação de pesquisa: A Inserção da Gymnastica no Gymnasio Mineiro (Internato e Externato) - 1890 a 1916. 2005, p. 1-19.

ENGENHEIROS SEM FRONTEIRAS – NÚCLEO DIVINÓPOLIS⁵⁷

Danusa de Oliveira Gontijo⁵⁸

Hebert Medeiros Gontijo³

Lidiane Gontijo de Melo⁴

Sabriny Oliveira de Souza⁵

Thalys Wilson Franco Faria⁶

RESUMO: O projeto de extensão Engenheiros sem Fronteiras (ESF) – Núcleo Divinópolis, caracterizado como uma ONG tem como objetivo ajudar, através da engenharia, comunidades carentes, e proporcionar aos futuros engenheiros a consciência do quão é importante a formação na “engenharia social”.

Foram desenvolvidos os projetos “Comunidade Sustentável” e como sua extensão o “Projetando a Sustentabilidade”. O primeiro foi desenvolvido na comunidade rural de

⁵⁷Trabalho de extensão coordenado pela UEMG. O projeto é caracterizado como uma ONG

²Graduada em Engenharia Ambiental e Sanitária - Faculdade Pitágoras Divinópolis, especializando em Manejo Florestal de Precisão - Universidade Federal do Paraná;

³Mestre em Desenvolvimento Sustentável e Extensão – UFLA; Docente UEMG – Unidade Divinópolis;

⁴Graduando em Engenharia de Produção na UEMG – Unidade Divinópolis;

⁵ Graduanda em Engenharia Civil na UEMG – Unidade Divinópolis;

⁶ Graduando em Engenharia Civil na UEMG – Unidade Divinópolis.

Branquinhos, no ano de 2015. O segundo está sendo desenvolvido em escolas públicas do município de Divinópolis e também em outra comunidade rural chamada Córrego Falso.

Ambos têm o objetivo principal de impactar positivamente o cotidiano das pessoas, através da projeção do conceito da sustentabilidade que é feita com subprojetos de engenharia.

Os projetos desenvolvidos pelo ESF – Divinópolis gerou e tem gerado bons resultados, tanto para as pessoas atingidas quanto para os membros da ONG. Ao realizar os trabalhos obtemos grande crescimento profissional, social e interpessoal.

PALAVRAS-CHAVES: Engenharia social; desenvolvimento; trabalho social; educação ambiental.

Introdução

Somos uma organização internacional com organizações irmãs e parceiras por todo o globo. Somos independentes, não somos associados a qualquer partido ou estado, e desenvolvemos projetos baseados em engenharia com finalidade social. Acreditamos na importância do envolvimento comunitário, do diálogo e da cooperação. Os projetos são desenvolvidos e executados por voluntários locais, que se envolvem pessoalmente com os membros da comunidade, escutam suas necessidades

e estabelecem parcerias e amizades. (ESF – BRASIL)

Os primeiros Engenheiros Sem Fronteiras – ESF - surgiram na França nos anos 80, atualmente existem mais de 60 grupos espalhados pelo mundo. O Brasil possui 35 núcleos, espalhados em 10 estados e somando quase 800 membros.

Em Divinópolis o ESF foi fundado em 2014 e conta hoje com aproximadamente 50 membros, sendo estes professores e estudantes de diversos cursos de graduação, dentre eles cursos de engenharia e comunicação.

Para o desenvolvimento deste artigo será apresentado o projeto “Comunidade Sustentável” e “Projetando a Sustentabilidade” que foram os principais projetos desenvolvidos pelo ESF núcleo de Divinópolis e que impactaram maior número de pessoas.

O projeto “Comunidade Sustentável” teve como objetivo implantar métodos mais sustentáveis que contribuísse de alguma forma com rotina dos moradores da comunidade sem alterar o modo de vida dos mesmos. A Comunidade de Branquinhos, situado no município de Divinópolis, foi a pioneira para implantação dos projetos propostos pelo ESF,

de acordo com a necessidade e disponibilidade das pessoas e do local.

Após estudos realizados pelos membros do ESF, foi possível implantar o aquecedor solar de baixo custo em duas moradias, realizar a recuperação de Área de Preservação Permanente - APP na comunidade, além da instalação de um reservatório para captação da água da chuva.

Também foram realizados levantamentos para a implantação de esgotamento sanitário, horta agroecológica e abastecimento/distribuição de água, no entanto como estes projetos requerem recursos financeiros mais elevados, os mesmos ainda não puderam ser executados.

Já o projeto “Projetando a Sustentabilidade” trata-se de uma extensão do “Comunidade Sustentável”. Ele tem como objetivo disseminar os conhecimentos e experiências já adquiridos, para conscientizar o maior número de pessoas possíveis além de impactar mais comunidades e bairros de maneira sustentável.

O projeto começou a ser implantado nas escolas estaduais de Divinópolis, com intuito de desenvolver projetos com ajuda dos alunos, professores e da comunidade.

Ao desenvolver e implantar estes projetos o ESF – núcleo Divinópolis almeja ampliar a visão de todos os envolvidos de que é possível viver em uma sociedade mais sustentável.

Comunidade Sustentável

O desenvolvimento sustentável é um processo de aprendizagem social de longo prazo, que por sua vez, é direcionado por políticas públicas orientadas por um plano de desenvolvimento nacional. Assim, a pluralidade de atores sociais e interesses presentes na sociedade colocam-se como um entrave para as políticas públicas para o desenvolvimento sustentável (BEZERRA e BURSZTYN, 2000).

Entendendo a sustentabilidade como uma necessidade cotidiana da sociedade, o Engenheiros Sem Fronteiras – Núcleo Divinópolis, trabalha de forma a disseminar práticas de engenharia atreladas ao conceito de sustentabilidade, realizando mudanças socioambientais nas comunidades aonde se propõe a trabalhar.

Sabendo que as políticas públicas enfrentam dificuldade em implementar e instigar na sociedade

práticas de baixo impacto ao meio ambiente, tendo em vista que na maioria das vezes as comunidades rurais são esquecidas por essas políticas, e idealizando um estilo de vida que impactasse menos, com o objetivo de analisar e implantar práticas mais cautelosas com o meio ambiente, de modo que não alterasse de maneira brusca o cotidiano dessa comunidade, foi desenvolvido pelo núcleo, no ano de 2015, um projeto denominado “Comunidade Sustentável”, implantado na Comunidade rural de Branquinhos, situada próximo a cidade de Divinópolis/MG (Figura 01)

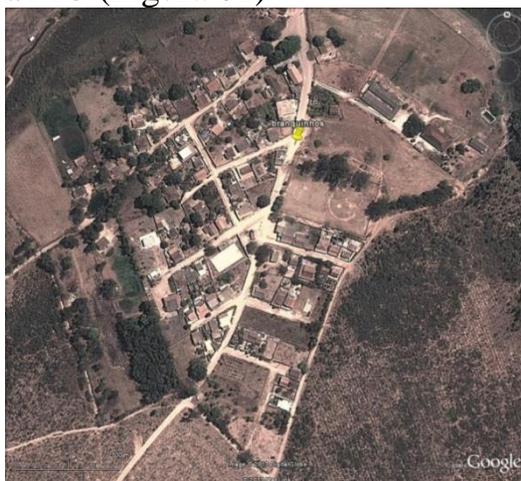


Figura 01 – Localização Comunidade Branquinhos em Divinópolis-MG

A comunidade rural de branquinhos foi escolhida pelo núcleo para se desenvolver o projeto após uma análise de critérios pré-definidos que levaram em conta desde a qualidade ambiental da mesma, número de casas, a participação dos moradores em atividades coletivas, à forte liderança comunitária, a proximidade em relação ao núcleo urbano municipal, entre outros.

Foi desenvolvido um macro projeto, envolvendo vários subprojetos de sustentabilidade que foram implantados na Comunidade de Branquinhos, de acordo com algumas carências que já existiam na comunidade, como inexistência de um sistema de um tratamento de esgoto e falta de água, além de serem dimensionados projetos com a finalidade de fazer dessa comunidade um modelo ambiental para a região, reduzindo gastos energéticos e preservando as fontes naturais do local.

O projeto comunidade sustentável teve o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da sociedade, buscando melhorias tanto às pessoas quanto ao meio ambiente. Elaborando e executando projetos dimensionados para a comunidade rural de Branquinhos, transformando-a em uma comunidade

modelo para as demais localidades do município e região.

Os subprojetos trabalhados pelo núcleo, dentro da comunidade de Branquinhos foram: Abastecimento de Água; Aquecedor de Baixo Custo; Captação de água pluvial; Esgotamento sanitário; Horta agro ecológica e; Recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APP), que além de resolverem questões ambientais pendentes na comunidade, também permitiram uma interação entre os membros do Engenheiros sem Fronteiras, que em sua maioria são alunos, com práticas de engenharia, adquirindo conhecimentos e bagagens que não seriam possíveis apenas dentro de sala, formando assim uma rede de benefícios mútua, incentivando a adoção de práticas de desenvolvimento ambiental, afetando diretamente na vida dos envolvidos nesse projeto.

Esses subprojetos foram escolhidos de maneira proposital, avaliando a realidade do local, de forma a assegurar que as necessidades da comunidade fossem atendidas da melhor forma possível, para enfim mitigar os problemas que lá foram encontrados, enfatizando sempre o princípio da sustentabilidade.

Inicialmente foram divididos grupos de trabalho de acordo com os temas disponibilizados. Cada grupo iniciou suas pesquisas através de leituras bibliográficas, procurando informar-se do projeto prioritariamente pelo método de leitura, a fim de estabelecer um ponto de partida para então iniciar o planejamento de cada projeto de forma compatível com a realidade da comunidade de Branquinhos.

Um ponto que foi destacado pelos moradores da comunidade foi a falta contínua de água pelo sistema que existe no local, pois o mesmo não consegue mais suportar a demanda da comunidade, tendo em vista estes acontecimentos o grupo de Abastecimento de Água tinha a função de melhorar a distribuição da água da comunidade. Foram apresentadas algumas soluções aos moradores, a fim de projetar um sistema que fosse sanar todos os problemas de água encanada, porém como se trata de um projeto de grande dimensão em relação a comunidade, que necessita de muitos recursos, entre eles financeiros, esse projeto está aguardando ser implantado. Já foi entregue a comunidade um projeto dimensionado pelo núcleo.

Visando reduzir o consumo de energia da comunidade e a dependência de energia advinda da concessionária de energia, foi desenvolvido o subprojeto de Aquecedor Solar de Baixo Custo, projeto este que teve uma grande aceitação da comunidade e foi implantado em diversas casas, utilizando de materiais baratos e acessíveis, como garrafas pet, canos de PVC, caixas de leite longa vida, entre outros. O aquecedor é dividido em três partes: Reservatório, onde fica armazenada a água aquecida pelo sistema. Coletor: O coletor solar tem a função de aquecer água, com a incidência da luz solar em sua superfície exposta ao sol. Tubos fazem a conexão entre o reservatório e o coletor. Através desse sistema é possível se aquecer a água através da incidência de raios solares.



Figura 02 – Aquecedor Solar implantado. Fonte: Acervo Pessoal

Para se reduzir a dependência de fontes superficiais de abastecimento, diminuir a falta de água recorrente na comunidade também foi desenvolvido o subprojeto de Captação de Água de Chuva, que utiliza de um recurso disponibilizado pela natureza, que é água de chuva, para auxiliar nas questões ambientais e ajudar na preservação da água, uma vez que essa fica armazenada no sistema, sendo utilizada para fins aonde não se necessita de água tratada, diminuindo efeitos naturais das chuvas como as enchentes. Este projeto também possui um custo

relativamente baixo e foi implantado em algumas residências da comunidade.

A comunidade possui um sistema de fossas arcaico, que além de contaminar o lençol freático, vem comprometendo a saúde dos moradores, pois, no período de construção da fossa, não foi respeitado a distância pré-estabelecida por norma dos poços artesianos, que são a fonte de abastecimento de água atual da comunidade, para que fossem evitadas contaminações por coliformes fecais. Devido a isso foi desenvolvido o subprojeto de Esgotamento Sanitário, a comunidade juntamente com os integrantes do núcleo, optaram por fazer um sistema particular para cada casa, foi dimensionado a Bacia de Evapotranspiração, uma vez que essa é uma alternativa aos tratamentos comuns, e que utiliza de resíduos advindos da construção civil e pneus. Devido a esse ser um projeto que demanda mais recursos financeiros e obras de maior porte, também está aguardando para ser implantado na comunidade.

Como se trata de uma comunidade rural, com grandes áreas que podem ser modificadas, foi criado um subprojeto de Horta Agro ecológica, para que também os moradores do local possam produzir alimento que em sua produção é realizada visando

promover a segurança alimentar e a geração de trabalho e renda na comunidade envolvida. Utilizando de técnicas agrícolas que aliadas ao uso sustentável dos recursos naturais possibilitem produzir com eficiência e com o mínimo de impacto ambiental, aproveitando, assim, racionalmente os recursos locais existentes dispondo de tecnologia relativamente simples, que possibilitará resultados expressivos. Esse projeto foi dimensionado de maneira a ser aliado ao Esgotamento Sanitário e ao tratamento dos dejetos líquidos produzidos na comunidade, devido ao projeto em paralelo não ter sido executado este também se encontra dimensionado aguardando execução.

Avaliando a fauna e flora local e a bacia hidrográfica da região (Figura 3) observou-se que as Áreas de Preservação Permanente (APP) e as Nascentes estavam bastante degradadas, devido principalmente à presença de animais e a utilização para pastagem. Sendo assim foi proposto aos proprietários o reflorestamento e recuperação de toda esta área através do plantio de plantas nativas da região e preferencialmente frutíferas.

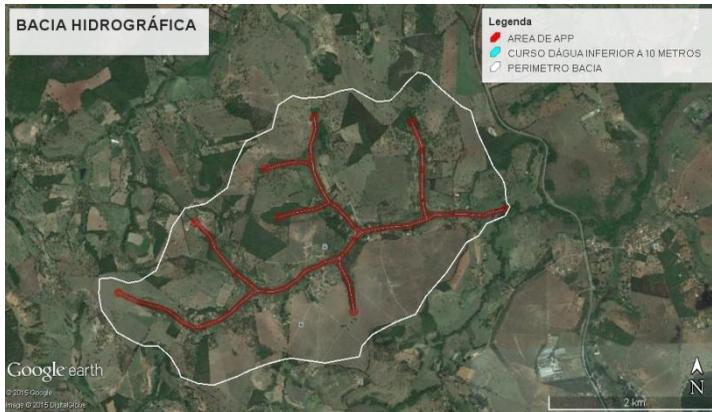


Figura 03 – Localização da Bacia Hidrográfica na Comunidade Branquinhos

Foi feita a recuperação da Área de Preservação Permanente em torno de sete nascentes localizadas na comunidade, identificadas através de sensoriamento remoto. Neste projeto utilizou-se de mudas cedidas pelo IEF, aproximadamente 500 mudas. Foi feito plantio e cercamento das nascentes e mudas, a fim de animais não comprometerem o trabalho.

Com o “Comunidade Sustentável”, o Engenheiros sem Fronteiras projetou a sustentabilidade em uma comunidade rural, tentando promover a oportunidade de mudança de estilo de vida se tornando uma comunidade de caráter

sustentável e, portanto, modelo para a região. Este projeto se diferencia pelo fato de haver envolvimento e preocupação com os resultados e planejamento das ações de ambos os lados, ou seja, da Comunidade e do ESF, o que torna o projeto funcional e prova que o investimento socioambiental dos estudantes na comunidade e vice-versa é válido, reafirmando, portanto, o benefício mútuo entre as partes, de forma com que resgata as premissas do desenvolvimento com sustentabilidade, tentando mitigar os impactos que existiam no local e trazendo alternativas seguras e viáveis para ser implantadas no local.

O macro projeto foi apresentado no II Congresso dos Engenheiros sem Fronteiras, que ocorreu em outubro de 2015, na cidade de São Leopoldo Rio Grande do Sul, aonde o mesmo ganhou 1º Lugar de Projeto Destaque do Brasil, repercutindo como fruto de todo trabalho desenvolvido.



Figura 04 - Prêmio de Projeto Destaque em Congresso no RS.

Projetando a Sustentabilidade

Mais importante do que fazer um projeto benéfico ao meio ambiente e as pessoas, é deixar um legado da consciência ambiental que cada cidadão precisa ter. O planeta precisa que todos se esforcem para amenizar a crise ambiental, social e econômica que tem ocorrido nos últimos anos. Precisamos ser mais sustentáveis.

Projetar a sustentabilidade é ajudar outras pessoas a aplicarem tal conceito em seu cotidiano. Reproduzindo este conceito nos mais diversos

ambientes, moldando-o da forma que lhe é necessária. Como foi relatado, em 2015 a ONG Engenheiros sem Fronteiras - Núcleo Divinópolis (ESF) criou o projeto “Comunidade Sustentável”, que desenvolvido em uma comunidade rural em Divinópolis, Branquinhos, com intuito de melhorar a condição ambiental da população local sem afetar o cotidiano dos mesmos. O “Projetando a Sustentabilidade” é uma extensão deste projeto, onde desenvolvemos ações embasadas nos mesmos princípios, porém sob um novo olhar e em outras comunidades. O principal objetivo é propagar a idéia de ser sustentável impactando o maior número de pessoas possíveis.

Disseminar o ideal de sustentabilidade é uma tarefa difícil, grande parte das pessoas não possui conhecimento a respeito do assunto. É difícil ver uma definição que diz exatamente o que é sustentabilidade, será porque não tem? Sustentabilidade não é apenas um conceito teórico, é um modo de vida, totalmente diferente do que as maiorias das pessoas vivem hoje. Por mais que seja complexo transmitir essa idéia e fixar ela em nossa mente, ser sustentável parte de um princípio simples, respeitar o próximo. Precisamos utilizar-se dos

recursos planetários de forma que não prejudique o outro e nem as próximas gerações de usar. Precisamos dividir corretamente os recursos necessários para nossa existência, como água e alimentos, sem que o próximo fique sem. Precisamos ser mais solidários e fraternos, ser mais empáticos. Essa é a mensagem que nosso projeto tenta passar para as pessoas. Precisamos derrubar as barreiras que nos impedem de ser pessoas melhores e nos tornarmos “sem fronteiras”. Sem fronteiras para um mundo melhor, mais sustentável e com pessoas mais felizes.

E para isto iniciamos o projeto em algumas escolas estaduais, compartilhando os conhecimentos e experiências adquiridas através do projeto “Comunidade Sustentável”, pois tínhamos a certeza que este bem não ficaria enclausurado ali e tomaria novos rumos através das crianças e adolescentes que atingiríamos.

Através de palestras e oficinas, conseguimos alcançar nossos objetivos, as crianças são muito receptivas com relação à educação ambiental, e apoiadoras, mesmo que sem saber, da idéia de que essa educação deve ser compartilhada para o maior número de pessoas possíveis. Desde pequenas

mudanças, como diminuir o tempo no banho e fechar a torneira ao escovar os dentes, até uma vontade de criar um novo sistema de abastecimento de água para o município, as crianças abrilhantaram nossos olhos com seus “pensamentos sustentáveis”.

O macro projeto “Projetando a Sustentabilidade” subdividiu-se em outros projetos, todos mantendo a proposta original.

Foi iniciado o projeto “Engenheiros sem Fronteiras Júnior” na Escola Estadual Santo Tomaz de Aquino, localizada no bairro Porto Velho em Divinópolis. E este, incorporou-se ao projeto do governo estadual “Escola Aberta” que acontece aos sábados, onde alunos são convidados a participar de várias oficinas com temáticas diferentes. No tema meio ambiente o ESF esteve presente. Palestras sobre a crise hídrica e alternativas energéticas foram ministradas na escola, pelos membros do ESF. Juntamente com os alunos foram confeccionados projetos que surgem a partir de materiais: Aquecedor Solar de Baixo Custo, Horta Agroecológica e Puff’s, todos feitos com materiais recicláveis, principalmente garrafas PET’s.



Figura 05 – Aquecedor Solar produzido, principalmente, por garrafas PET's, por alunos do projeto “Engenheiros sem Fronteiras Jr.”

Iniciamos na Escola Estadual Antônio da Costa Pereira, localizada no bairro Nações em Divinópolis, o projeto “Escola Sustentável”. Implantaremos no local um projeto de captação pluvial. O sistema capta o volume de água que cai e escoar sobre os telhados, em seguida essa água é conduzida até o ponto de armazenagem por meio de calhas e condutores, passando por equipamentos de filtragem descartando as impurezas grosseiras. Após este processo a água passa por outro filtro mais

seletivo e é armazenada em um reservatório. A água captada será utilizada para aguar a horta da escola.

O “Escola Sustentável” acontece também na Escola Estadual Armando Nogueira, localizada no bairro São Judas em Divinópolis. Implantaremos na escola uma horta agroecológica, essa horta produzirá alimentos orgânicos que serão utilizados na merenda escolar. A horta contará com um sistema de irrigação que hora será por captação pluvial e hora por um sistema chamado Bioágua. O sistema de Bioágua consiste num processo de filtragem por mecanismos de impedimento físico e biológico dos resíduos presentes na água cinza – água proveniente de pias -, sendo a matéria orgânica biodegradada por uma população de microrganismos e minhocas (*Eiseniafoetida*). Com a digestão e absorção da matéria orgânica retida na água pelas minhocas, ocorre a retirada de seus principais poluentes (SANTIAGO, 2012).

O projeto propõe a utilização de adubos naturais de origem suína e ovina e técnicas de compostagem. Dessa forma, os alimentos estarão livres de fertilizantes químicos, contribuindo para a redução dos impactos ambientais causados por esses e garantindo a melhoria da saúde dos beneficiados.

Além disso, o produto orgânico provém de um sistema de cultivo que observa as leis da natureza, assim, a água, o solo, as plantas e os animais são respeitados.

A escola possui bastante área para se trabalhar, e um terreno com topografia favorável ao nosso projeto.

Nosso próximo objetivo é reproduzir o trabalho realizado na comunidade rural de Branquinho em 2015, na comunidade rural de Córrego Falso, região rural noroeste de Divinópolis. Será seguida a mesma linha de trabalho que foi seguida em Branquinhos, porém será trabalhado com maior intensidade o conceito de sustentabilidade com os moradores, tentando levá-los a reflexão sobre o tema.

O objetivo principal do projeto é simples, e repetitivo, disseminar a sustentabilidade, nós futuros engenheiros, acreditamos na capacidade e responsabilidade que temos em projetar este estilo de vida.

Conclusão

O desenvolvimento dos projetos sustentáveis pelos Engenheiros sem fronteiras - ESF núcleo Divinópolis foi de grande valia para todos os envolvidos, onde a comunidade de Branquinhos e os alunos de Escolas Estaduais da cidade cresceram em conhecimento e puderam desfrutar das melhorias propostas, e nós membros do projeto que fomos elemento de propagação do conhecimento e como consequência melhoria na qualidade de vida dos envolvidos.

Através da implementação do projeto "Comunidade Sustentável" observamos o grande crescimento intelectual sobre consciência ambiental e até mesmo sobre a saúde ambiental da população rural de Branquinhos - MG, onde participaram efetivamente absorvendo todo o conhecimento repassado pelos membros do ESF. Aprenderam que sua comunidade pode desenvolver de uma maneira barata e sustentável, como exemplo temos o aquecedor solar de baixo custo que foi instalado na casa de alguns moradores da comunidade que ficaram satisfeitos com o resultado.

O resultado do "Projetando a Sustentabilidade" foi ainda mais gratificante, pois através dele a informação não ficou somente em uma comunidade rural, muito pelo contrário, foi estendido para toda a cidade de Divinópolis - MG. Todo conhecimento passado para os alunos foi propagado para suas casas, famílias e amigos, tendo uma gigantesca propagação de conhecimento e idéias simples e inovadoras.

A soma de todos os projetos desenvolvidos pelo ESF fez com que os princípios da sustentabilidade sejam seguidos e contribuam para que as gerações futuras possam usufruir dos recursos que hoje são utilizados de maneira mais responsável do que a alguns anos atrás, e faz com que a política global de preservação do meio ambiente seja encarada com mais seriedade.

Referências bibliográficas

BEZERRA, M. C. L.; BURSZTYN, M. (coord.). **Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento sustentável**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente

e dos Recursos Naturais Renováveis: Consórcio CDS/ UNB/ Abipti, 2000.

SANTIAGO, Fábio dos Santos [et al.] **Bioágua Familiar: Reuso de água cinza para produção de alimentos no Semiárido.** Recife: Projeto Dom Helder Camara, 2012.

ENGENHEIROS SEM FRONTEIRAS – BRASIL. **Quem somos.** Disponível em: <<http://esf-brasil.org/quem-somos/>>. Acesso em: 09 de ago. 2016.

A EDIÇÃO DE OBRAS UNIVERSITÁRIAS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG) EM FRUTAL-MG

Otávio Luiz Machado⁵⁹

Jéssica Silva Caetano⁶⁰

RESUMO: o artigo faz uma análise da experiência de edição de livros da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Com apoio da Editora Prospectiva para o projeto de extensão universitária do Repositório Digital da UEMG Frutal, a iniciativa é pioneira na universidade, considerando que até então não existia um canal de divulgação da produção universitária oriundas de trabalhos de conclusão de curso, de projetos de pesquisa e extensão e demais atividades.

PALAVRAS-CHAVES: repositório, popularização, ciência.

⁵⁹ Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Frutal. É o orientador do projeto em questão. É líder do grupo de pesquisa Juventudes, Sociedades e a Formação Humana da UEMG. E-mail: otaviomachado3@yahoo.com.br

⁶⁰ Estudante do curso de Geografia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Frutal. É membro do projeto de extensão intitulado “repositório digital científico na Universidade de Minas Gerais (UEMG)” e do grupo de pesquisa Juventudes, Sociedades e a Formação Humana da UEMG.

Introdução: a arte de editar

A edição é um trabalho muito árduo, cansativo e muita das vezes exige habilidade manual ao se produzir o trabalho gráfico, o qual deve ser feito com muito cuidado e atenção.



Esse trabalho começa com uma triagem das obras que serão publicadas, principalmente adotamos

aqueles que tenham potencial para a publicação devido às possibilidades de maior diálogo com a sociedade.

Os trabalhos a serem publicados precisam cumprir alguns requisitos básicos, tais como os que foram produzidos atendendo corretamente as normas acadêmicas, com temas de interesse público ou voltados a sociedade e/ou comunidade que possuam texto informativo ou científico com embasamento técnico etc.

Para esse trabalho poder ser publicado ele precisa de autorização do autor da obra, lembrando que qualquer alteração feita precisa da permissão dada pelos respectivos autores. Qualquer alteração feita e não aprovada volta à mesa de edição para ser feita novas alterações até o trabalho ser aprovado. No trabalho de revisão temos muito cuidado para não interferir nas obras, nem em seu conteúdo.

Transformando trabalho científico em livros

A arte de publicar é algo muito importante numa sociedade que precisa ser informada sobre os mais diversos assuntos. O acesso à informação é

essencial. Este projeto conta atualmente com variadas obras, conteúdos científicos, informativos, educativos, normas técnicas e linguagem de fácil compreensão.



O participante que tem uma obra editada e publicada em forma de livro digital passa a agregar muito destaque para seu currículo profissional.

A lei de acesso à informação coloca o sigilo como exceção e não como regra. Uma instituição de educação superior que se nega a divulgar sua produção científica num momento em que existem todas as facilidades para tal impede o acesso àquilo que é um direito de cada cidadão.

As obras editadas e publicadas em 2016 pelo nosso projeto foram disponibilizadas num repositório da internet com uma taxa de *downloads* superior a mil acessos.



Acta Académica - Editora X

← → ↻ <https://www.aacademica.org/profiles/editora.prospectiva.official?stats>

Acta Académica

Dirección: <http://www.aacademica.org/editora.prospectiva.official> [Ver vista pública](#)

Perfil Invitar Estadísticas Permisos Preferencias Interoperabilidad

Información general

La cantidad de visitas contabiliza la cantidad de veces que se visitó la página principal de su perfil. La sección documentos y el acceso a resúmenes.

Aclaración: La información excluye las descargas y visitas realizadas por el usuario editor del perfil desde su cuenta.

Cantidad de visitas al perfil:	320 hits.
Trabajos consultados:	350 hits.
Trabajos descargados:	1033 descargas.
Transferencia total:	1621.5 MB.

Um trabalho em equipe

O ganho acadêmico do trabalho desenvolvido de editoração de obras da UEMG é a mobilização de muito setores da universidade em torno do que estava sendo desenvolvido.

Não se pode deixar de analisar que a construção coletiva da universidade passa pelo compartilhar de saberes, inclusive a atividade de publicação envolve um envolvimento de muitos para o seu fazer:

"Uma editora não se restringe à figura do editor; ela é o resultado, essencialmente, de um trabalho coletivo, de equipe. No conjunto dos trabalhos editoriais, há uma gama de colaborações, que envolve desde a escolha do texto, até a distribuição do produto já elaborado ao público. Dentre essas colaborações, a mais próxima é a do editor - o homem de conteúdo - e a do produtor - a pessoa encarregada de produzir, dentro de determinados padrões literários e gráficos-

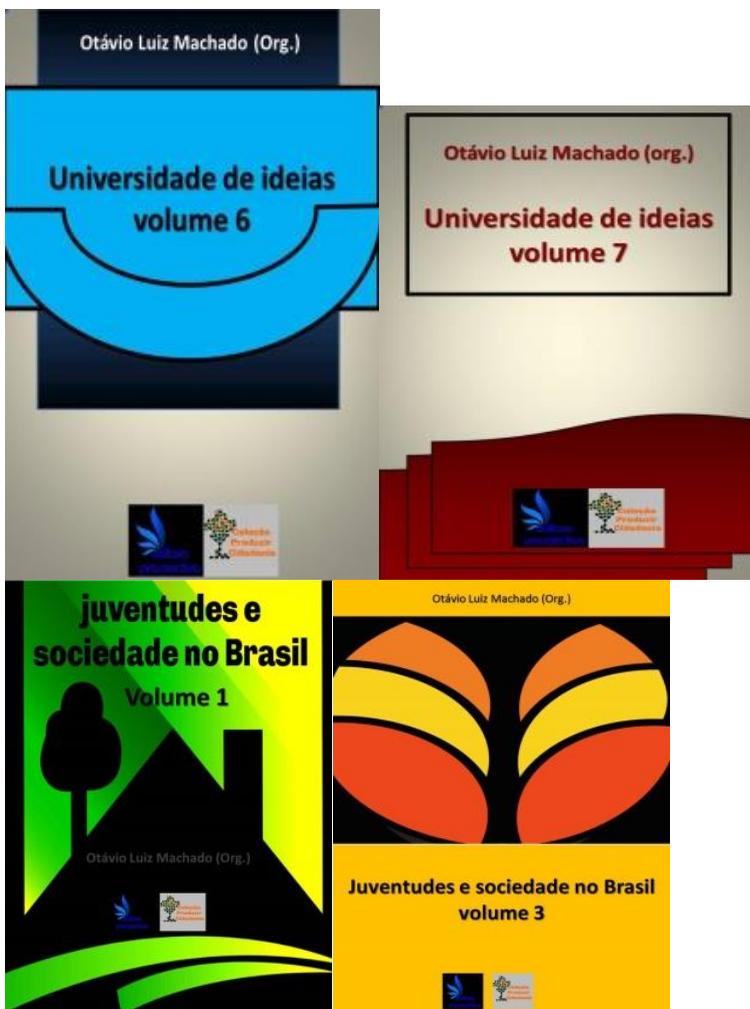
estéticos, uma obra destinada, é natural, à divulgação e ao consumo" (Filho, 1997, p. 47).

A valorização do autor é algo que o editor precisa ficar atento, pois cabe a quem produz uma obra todo o incentivo para que seu trabalho seja percebido, reconhecido e aceito por tantas outras pessoas, considerando que o saber precisa ser compartilhado.

As coletâneas “Universidade de Ideias” e “Juventudes e Sociedades no Brasil”.

As duas coletâneas foram construídas em 2016 para atender a uma linha de desenvolvimento do nosso trabalho de divulgação científica que passasse por questões de interesse do grupo de pesquisa “Juventudes, sociedades e a formação humana” da UEMG Frutal.

A coletânea “Universidade de Ideias” está distribuída em sete volumes. A “Juventudes e Sociedades no Brasil” em três. Somando ambas chegamos ao número de 111 trabalhos publicados com 260 autores envolvidos.





Ítalo Borges Florêncio de Paula



O dano moral e suas implicações
no direito do trabalho

COLEÇÃO EDITORA
Produzir Cidadania PROSPECTIVA

Gilviano Marcos de Queiroz



Direito ao trabalho das
pessoas com deficiência física
no âmbito do serviço público

COLEÇÃO EDITORA
Produzir Cidadania PROSPECTIVA

Maria Paula de Souza Silva



Inclusão de Libras como
disciplina no Ensino médio

COLEÇÃO EDITORA
Produzir Cidadania PROSPECTIVA

Nádia Martins Bosnich



A responsabilidade penal do
agente policial infiltrado em
organização criminosa

COLEÇÃO EDITORA
Produzir Cidadania PROSPECTIVA

Considerações finais

A busca para oportunizar que trabalhos produzidos por inúmeros talentos na universidade ganhem destaque e visibilidade faz parte de uma proposta inovadora a partir da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) na cidade de Frutal-MG.

Mais uma vez buscamos com nosso trabalho colocar a instituição no mesmo nível das universidades existentes em muitos países, que produzem conhecimento e criam mecanismos de acesso livre para não existir barreiras entre os que produzem e os interessados.

Referências bibliográficas

IBICT. *Sobre Repositórios Digitais*. Disponível em: < <http://www.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20/repositorios-digitais> >. Acesso em 10 de agosto de 2016.

MACHADO, Otávio Luiz; ROCHA, J. R. . Repositório digital sobre a UEMG de Frutal: uma visão panorâmica e sua importância para as

juventudes universitárias. In: Otavio Luiz Machado. (Org.). *Universidade de ideias* (volume 1). 1ed. Frutal-MG: Prospectiva, 2016, v. 1, p. 42-72.

MARTINS FILHO, Plínio. “Relações editoriais - a relação produtor-editor”. In: Ferreira, J.P.; Guinsburg, J.; Bocchini, M.A. e Martins Filho, Plínio.. (Org.). *Livros, editoras e projetos*. 1ª ed. São Paulo: ComArte e Atelie, 1997, v. 1, p. 47-78

_____. *Edusp - Um Projeto Editorial*. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.



Editora Prospectiva